



**Katia Aparecida da Silva Oliveira
(org.)**

Lembranças

Poemas

**Ilustrações de
Luana Bruno da Silva Bellini Ramos**

Alfnas-MG



Katia Aparecida da Silva Oliveira

(org.)

LEMBRANÇAS

POEMAS

Ilustrações de

Luana Bruno da Silva Bellini Ramos

ALFENAS-MG

UNIFAL-MG

2022

© 2022 Direito de reprodução do livro de acordo com a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Título: **Lembranças -Poemas**

Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/fontes-de-informacao/e-books/>



Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 Centro –
Alfenas – Minas Gerais – Brasil – CEP: 37.130-001

Reitor: Sandro Amadeu Cerveira

Vice-reitor: Alessandro Antonio Costa Pereira

Sistema de Bibliotecas da UNIFAL-MG / SIBI/UNIFAL-MG

Organizadora: Katia Aparecida da Silva Oliveira

Editoração: Júlia Caroline Silva, Renato Garcia Jales, Yasmin Lima Rosa Fernandes Duca

Capa: Renato Garcia Jales

Ilustrações: Luana Bruno da Silva Bellini Ramos

Revisão Textual: Anelise Oliveira Feliciano Batista, Júlia Caroline Silva

Apoio à editoração: Marlom César da Silva

Comunicação: André Felipe Silva Almeida, Anelise Oliveira Feliciano Batista, Bruna dos Santos

Caetano, Carolina Adriano Rodrigues, Lidiana Ferreira Gouvêa, Emily Souza de Siqueira

Órgão de fomento: SESu/MEC por meio do Programa de Educação Tutorial

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

L549 Lembranças: Poemas. / Katia Aparecida da Silva Oliveira (Organizadora) –
Alfenas -- MG : Editora Universidade Federal de Alfenas, 2022.
288 f.: il. –

ISBN: 978-65-86489-63-7. (e-book)

Formato: .pdf

Vários autores

Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/fontes-de-informacao/e-books/>

Inclui Bibliografia.

1. Literatura brasileira - Poemas. 2. Literatura brasileira – Lembranças.
I. Katia Aparecida da Silva Oliveira. (org.). II. Título.

CDD- B869.1

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva
Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735

Agradecimentos

O PET Letras da UNIFAL-MG contou com muitos colaboradores que generosamente aceitaram colaborar com a manutenção do concurso e com a construção desse livro. Ilustradora, avaliadores e pessoal técnico da biblioteca da UNIFAL-MG, com a doação de seu tempo e trabalho, permitiram que este livro se tornasse realidade.

Somos gratos a Luana Bruno da Silva Bellini Ramos pelas lindas e delicadas ilustrações que se distribuem ao longo do livro. Suas ilustrações trazem vida aos poemas.

Agradecemos aos membros da Comissão Avaliadora do III Concurso Literário do PET Letras, listados abaixo, que gentilmente aceitaram o convite para atuar na difícil tarefa de seleção dos melhores poemas inscritos no concurso:

Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiúza (UEL)

Dra. Ana Paula Teixeira Porto (URI)

Dr. Antônio Roberto Esteves (UNESP)

Dra. Carla Leila Oliveira Campos (UNIFAL-MG)

Dr. Celso Ferrarezi Júnior (UNIFAL-MG)

Dra. Cilene Margarete Pereira (UNIFAL-MG)

Dra. Cristina Garcia Lopes Alves (UNIFAL-MG)

Dra. Daniela Eufrásio (UNIFAL-MG)

Dra. Daniela Silva de Freitas (UNIFAL-MG)

Dra. Danielle de Almeida Menezes (UFRJ)

Dra. Deborah Walter de Moura Castro (UNIFAL-MG)

Dra. Elíria Quaresma Fugazza (UNIFAL-MG)

Dr. Eloésio Paulo dos Reis (UNIFAL-MG)

Dr. Fábio Cairolli (UFF)

Fabício José Silva

Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL-MG)

Fernanda de Carvalho Silva

Ms. Gabrielle Araújo

Dra. Isabel Cristina Rodrigues Ferreira (UFLA)

Dra. Jacicarla Souza (UEL)

Dr. Jackson Wilke da Cruz Souza (UNIFAL-MG)
Ms. Jacqueline Lopes
Ms. Jéssica Frutuoso Mello (PG-UNESP)
Ms. Jozyclécio Mégda (PG-UNESP)
Ms. Julia de Mello Silva Oliveira (PG-UFSCar)
Dra. Juliana Pimenta Attie (UNIFAL-MG)
Karina Oliveira José
Leandro Silva Paiva
Dra. Luciana Moura Colucci de Camargo (UFTM)
Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcanti
Dr. Luiz Manoel Da Silva Oliveira (UFSJ)
Dr. Marcos Coelho Bissoli (UNIFAL-MG)
Dr. Marcos de Carvalho (UNIFAL-MG)
Ms. Marcus Vinícius Pereira das Dores (PG-FFLCH-USP)
Dra. Maria Clara Pivato Biajoli (UNIFAL-MG)
Ms. Maria Luiza Alves
Mariane de Brito Paschoal
Profa. Dra. Marta Rovai (UNIFAL-MG)
Meire de Lima Mohallem
Patrícia Oliveira
Dra. Paula da Costa Souza (UNIFAL-MG)
Dr. Paulo Cesar S. de Oliveira (UNIFAL-MG)
Dr. Raphael Nunes Nicoletti Sebrian (UNIFAL-MG)
Régis Monteiro Silva Luz
Ms. Ricardo Russano dos Santos (PG-FFLCH-USP),
Dra. Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL-MG)
Ms. Samuel Rezende Moreira (PG-UFMG)
Dra. Sheila Oliveira Lima (UEL)
Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira (UFRJ)
Thamara dos Santos Reis
Dra. Valeska Virgínia Soares Souza (UFU)
Dra. Vanessa Cristina Giroto Nery (UNIFAL-MG)
Yara Maria Becker dos Reis

Não podemos deixar de registrar, também, nossa gratidão pelo apoio dos bibliotecários da UNIFAL-MG para a publicação do livro.

Finalmente, O PET-Letras Conexões de Saberes agradece o apoio do MEC/FNDE, por meio do Programa de Educação Tutorial, e à Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).

Lembrança
tem cheiro
tem gosto
tem voz.
Une versos na casca de nós.

Carlos La Terza,
livro *Leite de Pedra*, 2016

Sumário

Apresentação	13
Memórias, palavras e poesia: reflexões a conta gotas - Deborah Walter de Moura Castro (UNIFAL-MG)	15
A ânsia de memorar – Kerolayne Souza Wiesniewski	34
À deriva – Mariana Machado Santa Barbára	35
A forma da família – Douglas Laurindo	36
A Foto – Cintia de Quadros Lopes.....	37
A rua – Lillian Melo	39
A velha Bailarina – Yana Etlanver.....	40
A verdade por trás das lembranças – p.s.romulo	41
Adão – Scheiden Nunes-Pimenta.....	42
Água Maria – Soeli Tiegs.....	43
Alexandrinos (an)amnésicos – Octávio Henrique Chames dos Santos	43
Ameniza – João Guimarães Ramos	45
Anemoia – Cientista Poético	46
Apneia – Nayara Carla da Fonseca.....	47
Aprazível Reminiscência – Lucas Rosa da Silva	48
Aquele rio – Simone Röhrig	49
Aqueles dias passado! – Nelson da Silva Filho	50
Asas de Borboleta – Heloise Vives.....	51
Assombrações - Pamella Opsfelder de Almeida	52
Bagagem - Valéria Pisauro	54
Banco da praça - Luisa Maria Garbazza.....	55
Bem Imaterial Tamborila - Daniella Peneluppi.....	57
Branco Continente Aéreo - Matheus E. Reis	59
Caixa de Retratos - Gustavo CaZagrande.....	60
Caixinha de Lembranças - Emmanuel Conserva de Arruda	61
Cartão postal para o dia 29 de outubro de 2005:.....	62
Um presente de aniversário. - Lyniker Santos	62
Casa d'avó - Denivaldo Piaia	63
Casinhas Azuis - Guilherme Brasil.....	64
Cemitério das almas perdidas (Lembranças) - Thiago Ferreira Barbiero.....	65
Chaves do Tempo - Audhara Myr	66
Cheiro de Café - Mara Lígia Biancardi	68

Cheiro do café sendo preparado pela manhã - Anna Cristina	69
Cheiro de casa - Matheus Ribeiro Pereira	70
Classificado pé de página - Celso Antonio Lopes da Silva	71
Como espinhos - Maria Pia Monda	73
Com que roupa? - Elea	74
Descompasso - Larissa Teodoro Sousa.....	75
Decisão - José Ailo do Nascimento.....	76
Desventuras de amor - Fernando Dumard da Gama	77
Deixa - Marlene Marques.....	78
Dias Destilados - Manoel Idelfonso Paz Landim.....	80
Distante - Cocota-San.....	82
Do rio que de mim escorre... - Juliana Medeiros Pinheiro	83
Domingo - Priscila De Bom	84
Domingo A Beira Mar - Daniele Pereira	85
Efeito colateral - Isabel Furini	86
Efêmera passagem - Benimar Oliveira Barbosa	87
Em lembranças homófonas - A-efe	88
Entre Fotografias e Cicatrizes - Jéssica França.....	89
Entrementes - Noi Soul	90
Epifania - Amanda Coelho.....	92
Esque cimento - Valquíria Gesqui Malagoli	93
Eu já não sei mais tudo - Isabella Consentino	94
Exumação - Geraldo Trombin.....	96
Falso Arrependimento - Leonardo Monteiro Ribas	97
Feito a Facadas - Victória Santos Riske	99
Ferrolhos d'alma - Andreia Suli	100
Fluido - Thadyanara Wanessa Martinelli	101
Fotografia - Sandra Santos.....	102
Girassóis - Rafael V. M. Messias	103
Gostaria de ter guardado numa caixinha - Sigrid Borges.....	104
Gota de orvalho - Camila Nere Mazini	105
Herança - Maíra Aparecida Reis Costa.....	107
Históricas lembranças - Delanise Paz.....	108
Hoje de manhã - JAKS	109
Imagem - Karla Purcino	110

Imagens Quebradas - Desmistificador de Dálias	111
Infância nas Minas Gerais - Domênico Darone	113
Infância submersa em Barreira dos Campos - Diogo Teixeira de Castro Silva	114
Infância - Edenice Santos da Silva	116
Inocência - Denise Maliska	117
Insólitos versos - Cláudia Gomes	118
Já não é tempo - Thiago Luz	120
JanEiro - Heloísa Maria Bispo dos Santos	121
Jardim das Palavras - João Manoel	122
Jardim de infância - Thiago Silva de Sena	123
Jogo da vida adulta - Geraldo Jose Rodrigues Liska	124
Juventude - Renato Franco de Oliveira	125
Lembrança Pré-Pandêmica - Anderson Conceição	127
Lembranças - Luís Amorim	128
Lembranças - Sidney China	129
Lembranças - Kadnalay	130
Lembranças? - Indianara Chimite	131
Lembranças Arrependidas - Welerson Silva de Oliveira	132
Lembranças da Primavera - Ronaldo Dória dos Santos Júnior	133
Lembranças de Cheiros - Edih Longo	134
Lembranças de meu Pai (O Velho Chico Soares) - Ana Rosária Soares da Silva	135
Lembranças de Ouro - Aline Bischoff	138
Lembranças de um passado em decomposição - Fernando Marques da Silva	139
Lembranças em mim - Agnes Izumi Nagashima	141
Lembranças Esquecidas - Eduarda Gomes de Souza	142
Lembranças na beira da estrada - Adelgício Ribeiro de Paula	143
Lembranças na Gaveta - Mauro Antônio Russo	144
Lembranças que foram tatuagens na flor da pele - Lupita	146
Lembro - Patrícia de Campos	147
Lembro - Marina Barrichello Marone	149
Lembro com saudades... - Patricia Santos Muller	150
“Lembro-me até hoje” - Anderson Evaristo Lopes da Silva	152
Leuk - Laura Lavínia Sabino dos Santos	154
Luz da Geladeira - Lis Pectro	155
Madura Infância - Islene dos Santos Roque	156

Máscaras Lembranças - Samuel Procópio Damasceno Couto	157
Melancolia - Agostinha Monteiro.....	158
Memento mori - Álvaro Santi.....	159
Memorabilia - Marian Koshiba	160
Memorandum - Deivide Almeida Ávila.....	161
Memória - Rô Carmo	162
Memória - Marcos de Andrade Filho	163
Memória do homem enclausurado - Mauro Sérgio Santos da Silva	164
Memórias - Carollina Costa.....	166
Memórias - Carlos Siqueira.....	167
Memórias da infância – Jau - Beatriz Cochrane Mattos.....	168
Memórias da Universidade - Ronaldo André Lopes.....	170
Memórias de uma Professora Aventureira - Weslene da Silva Santos	171
Memórias Minhas - Livia Alves Nascimento.....	173
Meu desassossego onírico - João Sena.....	174
Meu mundo... - Maria Eunice Silva De Lacerda.....	177
Milagres - André Machado de Azevedo	179
Minha Estrela - Jerson Lima de Brito.....	180
Não me esqueçam - Renan Augusto Ferreira Bolognin.....	181
Naquela praia - Marcela Guimarães Neves.....	183
No Começo de Cada Verso - Luise Basso Richetti.....	184
Noturnos - Fernando Antônio Belino	185
O brilho de uma lembrança oculta - Gustavo de Andrade Ventura Vallim	186
O cofre - Maria Clara Braga Machado Campello	187
O Crepúsculo - Neila Reis da Silva	189
O Eterno Álbum - Vinícius Marques da Silva	190
O rosto do rosto - Sandro dos Santos Nascimento	192
O seu nome - Bia Caetano	193
O tempo da gente - Lucas Aparecido dos Santos.....	194
O velho lobo do mar - Anderson do Couto Candido	195
Onde a memória faz morada - Thais Andressa.....	197
Os referenciais de ti - Edgar Borges	198
O último bilhete - Adilson Costa	199
Páginas imateriais - Carlos E. S. Dantas.....	200
Paralelepípedo - Alessandro José Padin Ferreira.....	201

Passadismo - Bruna dos Santos Caetano	203
Passado - Vic Andrade	204
Pé de café, pé de afeto. - Ana Vitória Gomes Moreira	206
Penseira - Allan Lucas dos Santos Pereira.....	207
Poema Covidativo - João Gabriel Silveira	208
Poema Lembranças - Fabiana Roberta Alvarenga de Oliveira	209
Por favor, me diz... - Maira Bastos dos Santos	210
Porta-Retrato. - Suellen Macedo.....	212
Presente - Carolina Rieger	213
Promessa - Alice Mixake	215
Que Tenha Sol - Camila Mateiro	216
Reencontro - Raphael de Sá Machado	217
Relicário Sagrado - Alice Gervason Marco Fernandes.....	218
Reminiscência - Anderson Vinicius Dell Piagge Piva	219
Reminiscência, as recordações da alma - Bel Wells	221
Reminiscência de mim. - Lucas Mateus Faria Silva	222
R. E. M, ou Lembrança de uma noite de verão - Anderson Rios.....	223
Réquiem - Lucas Vinicius Carstens.....	225
Restam apenas lembranças - Sininho.....	226
Saudade - Edmon Fernando de Melo Araújo	228
Sem título - Tarciso Douglas Alves da Silva.....	229
Saudade tem cura? - Amandinha Simpatia.....	230
Saudades - Dailma Chocolate.....	231
Saudades - Robinson Silva Alves	232
“Saudadezinha” - Álisson Bonsuet de Oliveira Mariano.....	233
Singelo Adeus - Pedro Henrique da Silva Lino	234
Singular - Nádia Santos de Paiva Neves.....	235
Sem título - Anna Luiza Sposito.....	236
Sonâncias - Nayana Ferreira Silva	237
Soneto ao Insolente - Rafael Camargo de Campos	239
Sonho de Infancia - Regina da Conceição Rossini.....	240
Sou Sujeito - Rodrigo Avila Colla	241
Suvenir perdido - Luiz Bosco Sardinha Machado Júnior.....	242
Tanta coisa pra lembrar - Luciene de Almeida Barros Pinheiro	243
Tempos inesquecíveis - Cledson Delmar Cutchma.....	245

Tetê-à-Tic - Cazelato	246
Tínhamos Trinta Anos - Alberto Arecchi.....	247
Toda criança brinca - Ananda Luz	248
Trindade Tempo - Caio Bassitt	250
Tubos de linhas - Ricardo Santos Dantas	252
Um cheiro de lembrança - Marcello Borges	254
Um Punhado de Lembranças - Lucélia Santos e Abelhinha	256
Uma bela infância - Taís Crema Remoli Ferreira.....	257
Varanda - Márcia Letícia Gomes	258
Viagem de Infância - David Ehrlich.....	259
Vida breve - José Maria	262
1 ano - Kayo Henriky Lima da Silva	263
Mientras - Camila Cristina Crosnac Fracalossi	264
Recuerdos de luz - Carolina Fernanda Gartner Restrepo.....	265
Recuerdos de un solo tiempo - Maria Gudi.....	266
Recuerdos del mañana. - Marbras	267
Ancient Lives - Fernando Ignez	268
Back and forth - Maria Quitéria	269
Childhood - Romildo Muniz	270
Do I wanted to know? - Maria Eduarda Savini	271
Forget-me-not - Camila Valentoni Guelfi.....	272
Giving up yesterday - Márcia de Oliveira Lupia	273
Jack - Rafael Cocchini	274
On the Path of Poetry and Stones - Daniel Carlos dos Santos Barbosa	275
One Should Not Cultivate a Plague - Rafaella Martucci de Godoy	276
The flowers of Laura Pausini, my dear! - Augusta Maria Reiko Moraes Arakawa	277
The Memoir. - Letícia Silvério da Silva	279
The tree - Sonia Regina Rocha Rodrigues.....	280
The Wooden Horse - Adolfo José Pedroso Rodrigues	281
Posfácio	283
Agradecimentos	3
Sobre os Petianos.....	285

Apresentação

Emily Souza de Siqueira
Lidiana Ferreira Gouvêa
Nívea Rufino de Oliveira
Katia Aparecida da Silva Oliveira

O Programa de Educação Tutorial (PET) - Letras, tem o orgulho de apresentar mais uma edição do Concurso Literário, dessa vez com o tema: “Lembranças”. Os organizadores e os escritores se empenharam e dispuseram toda sua criatividade para expor suas memórias e encantar os leitores nesta edição 2022.

O concurso é um dos projetos do PET que envolve mais colaboradores: unpetianos, avaliadores e ilustradores convidados, além dos autores que submetem seus escritos, formando assim uma equipe. Essa equipe passou um longo período em diálogo e de seu trabalho resulta o livro que apresentamos agora. É gratificante ver como todo esse trabalho vai sendo construído e como permite atravessar os muros entre a academia e a comunidade.

Nesta edição do concurso surpreendemo-nos com a quantidade de poemas inscritos: mais de 400 autores apresentaram seus textos. Contamos com autores das mais variadas idades, gêneros e formação, residentes em diferentes regiões do país e do exterior. Diferente do que ocorreu em nossos concursos anteriores, que só publicaram textos em língua portuguesa, recebemos também, desta vez, poemas escritos em espanhol e em inglês.

Graças a esse número de submissões de textos para o concurso, tivemos de constituir uma banca de seleção maior do que aquela que tínhamos planejado inicialmente, contando, ao final, com inúmeros convidados para a tarefa. Participaram da banca pesquisadores, professores universitários, professores da educação básica, escritores e unpetianos. A avaliação foi criteriosa e permitiu que fossem aprovados em nosso concurso os melhores poemas inscritos.

Após um longo processo de seleção, foram escolhidos para este livro um total de 202 poemas. O tema lembranças e os poemas que compõem essa obra inspiraram as lindas ilustrações feitas por Luana Bruno da Silva Bellini Ramos.

“Lembranças”, uma palavra curta, mas que detém sentimentos enormes. Todos carregamos uma gama de lembranças boas e ruins, alguns de vocês vão se identificar com os nossos escritores de imediato, outros podem levar algum tempo para apreciar os versos que apresentamos. As lembranças evocadas aqui podem trazer à tona memórias quase esquecidas. Afinal, são os mínimos detalhes que nos levam de volta ao passado, um dia ensolarado, um móvel antigo, o cheiro do bolo que sua avó fez naquele dia frio...Esteja pronto para embarcar nessa aventura nostálgica e maravilhosa que essa leitura pode proporcionar. Esperamos que desfrutem desses poemas e naveguem nesse mar de lembranças.

Boa Leitura.

Memórias, palavras e poesia: reflexões a conta gotas

Profa. Dra. Deborah Walter de Moura Castro (UNIFAL-MG)¹

A memória lê o dia
de trás para frente
Ana Martins Marques, “Poema de trás para frente”

Memory has never known
more than two forms of legitimacy:
historical and literary.
Pierre Nora

Memória (de
um, de outro e outro mais):
esse poder anônimo
sobre mim
Silviano Santiago

No poema “Memory”² (1823), William Wordsworth (1770-1850), poeta romântico inglês, já nos primeiros versos atribui à caneta o poder de registrar, de acessar a memória ou, como diz no poema, de serpentear alas secretas da memória. Ele segue dizendo que quem de fato serpenteia e bem alcança os cantos da memória, quem tem a chave para acessar os cantos secretos da memória, ou seja, o encarregado de usar a caneta – ou o lápis, como na segunda estrofe –, é o poeta, ou o que ele chama de poetas alegóricos (“allegoric bards”).

A pen--to register; a key--
That winds through secret wards
Are well assigned to Memory
By allegoric Bards. (WORDSWORTH, 1823)

¹ Poeta. Professora de língua inglesa e literaturas de língua inglesa nos cursos de Letras da UNIFAL-MG.
E-mail: deborah.castro@unifal-mg.edu.br

² A PEN--to register; a key--/ That winds through secret wards/ Are well assigned to Memory/ By allegoric Bards./ As aptly, also, might be given/ A Pencil to her hand;/ That, softening objects, sometimes even /Outstrips the heart's demand;/ That smooths foregone distress, the lines/ Of lingering care subdues,/ Long-vanished happiness refines,/ And clothes in brighter hues;/ Yet, like a tool of Fancy, works/ Those Spectres to dilate/ That startle Conscience, as she lurks/ Within her lonely seat./ Oh! that our lives, which flee so fast,/ In purity were such,/ That not an image of the past/ Should fear that pencil's touch!/ Retirement then might hourly look/ Upon a soothing scene,/ Age steal to his allotted nook/ Contented and serene;/ With heart as calm as lakes that sleep,/ In frosty moonlight glistening;/ Or mountain rivers, where they creep/ Along a channel smooth and deep,/ To their own far-off murmurs listening.

Nos últimos versos do poema, o eu lírico diz que nenhuma imagem do passado deve temer o lápis (“That not an image of the past/ Should fear that pencil's touch!”). Wordsworth está colocando na memória uma potência reveladora em que o próprio indivíduo vê os benefícios de revisitar o passado.

Para os românticos, e em particular para Wordsworth, a memória tinha uma função quase balsâmica de aliviar e trazer serenidade ao indivíduo. Wordsworth foi talvez um dos primeiros poetas a usar a memória na poesia como forma de identidade individual.

Importante ressaltar que a memória, segundo a professora Beth Lau, no artigo “Wordsworth and current memory research”, quando acessada, não é recuperada como uma imagem instantânea armazenada no cérebro, mas é subjetiva e sujeita a alterações dependendo do contexto em que se encontra o sujeito e das construções imaginativas que combinam passado e presente. Quando acessada, a memória está mais próxima de um reflexo das percepções do sujeito no momento em que recorda do que de quando de fato ocorreu. Ou seja, lembranças e recordações podem chegar a nós distorcidas, misturadas, enfraquecidas, ficarem menos acessíveis ou podem até desaparecer com o tempo (LAU, 2002). Wordsworth demonstra em vários de seus poemas essa consciência e ideia de que circunstâncias e temperamentos presentes podem alterar nossas impressões do passado.

Lyrical Ballads é tido como um dos primeiros livros de poesia do romantismo inglês, escrito por William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, e publicado pela primeira vez em 1789. No prefácio de 1800, Wordsworth chama a poesia de “emoção lembrada em tranquilidade” (Minha tradução de: “emotion recollected in tranquillity”), colocando em evidência que, por meio da tranquilidade da memória, o poeta é capaz reconstruir a emoção. Wordsworth também chama atenção para os detalhes sutis da vida, em particular da natureza. Como ele mesmo diz, se Aristóteles afirmou que a poesia é a escrita mais filosófica, Wordsworth diz dos seus objetivos com os poemas de *Lyrical Ballads*:

[...] escolher incidentes e situações de vida de todos os dias e relatá-los ou descrevê-los, tanto quanto possível, numa seleção de linguagem realmente usada pelos homens e recobri-los com um certo colorido da imaginação, pelo que as coisas comuns se apresentariam de um modo invulgar: e além disso, e antes do mais, consistiu em tornar interessantes incidentes e situações, ao delinear neles, com verdade mas sem

ostentação, as leis primárias da nossa natureza, sobretudo no que diz respeito à maneira como associamos ideias num estado de excitação. (WORDSWORTH, 1985, p. 63-4)

Para Wordsworth, está na poesia essa função do dizer da consciência e apresentar a beleza dos detalhes por meio das palavras. Para Wordsworth “a poesia é o alento e o espírito mais puro de todo conhecimento: é a expressão apaixonada no rosto de toda ciência. Poderá enfaticamente dizer-se do poeta aquilo que Shakespeare diz do homem: “que olha o antes e o depois” (WORDSWORTH, 1985, p. 77).

Outros autores já falaram dessa correspondência entre literatura e memória. Para George Bataille (1989, p. 10), por exemplo, no prefácio de sua obra *A literatura e o mal*, a literatura é “a infância enfim reencontrada”. Já segundo James Hillman em *A força do caráter*:

[...] a poesia, para ter impacto, depende da compressão. A palavra alemã para ‘poeta’ é *Dichter*, a pessoa que faz as coisas *dicht* (espessas, densas, compactas). Uma imagem poética comprime-se num instantâneo de um determinado momento característico de um inteiro maior, capturando sua profundidade, complexidade e importância. Ao colocar um fecho numa série de acontecimentos que, caso contrário, continuariam para sempre, a última vez é transcendente, está fora do tempo corrente. (HILLMAN, 2001, p. 61)

E, ainda,

Esse tipo de tempo é difícil de suportar e de abandonar. Ele alimenta a saudade, voltando à mente como um refrão que não quer sumir. A velhice abre espaço para aquilo que T. S. Eliot chama de ‘uma noite com álbum de retratos’ instantâneos que trazem de volta um mundo. (HILLMAN, 2001, p. 62)

No livro *O pensamento vivo de Jorge Luis Borges*, Borges diz que a memória é essencial, o ponto de partida para a literatura. Ele diz que “a literatura está feita de sonhos e os sonhos se fazem de recordações. Essas recordações podem ser pessoais, podem ser lidas ou talvez, possam ser herdadas como arquétipos. Em todo caso, a memória é necessária como ponto de partida e, então, vêm as modificações” (BORGES, 1987, p. 94-5).

Foram vários os escritores que delinearam relações estreitas entre literatura e memória e é este o caminho deste ensaio. O que nos interessa aqui é apresentar os pontos de correspondências entre memórias, palavras e poesia.

Uma das entradas da palavra 'lembrar', no *Grande Dicionário Houaiss* (2008, p. 1740), é "trazer à memória (própria ou de outrem), recordar, relembrar". Ainda no *Houaiss* (2008, p. 2404), 'recordar' aparece como um sinônimo de lembrar: "fazer voltar à memória ou vir de novo à memória; lembrar (-se)". Tanto lembrar ("trazer à memória") quanto recordar ("fazer voltar à memória") têm sua definição atrelada à faculdade da memória como algo que subsiste como testemunho de um fato passado. Estamos diante de definições que têm como ponto comum o retorno, o trazer ao presente o que ficou no passado.

Em uma entrevista concedida ao jornalista e escritor Ronald Destch, Aleida Assmann, conceituada pesquisadora no campo da memória cultural, explica a distinção entre lembrança, ou memória individual, e memória coletiva. Destch introduz assim sua entrevista:

Na língua alemã, faz-se uma diferenciação entre lembrança e memória. Enquanto a primeira, no que diz respeito à cultura e à história, se refere à reflexão e à troca de experiências pessoais que se pode perfeitamente compartilhar com outros, a segunda remete a elementos de ligação entre coletivos maiores, como por exemplo diversos rituais com os quais uma nação mantém vivo seu passado. (DESTCH, 2011)

Para Assmann (DESTCH, 2011), "não apenas indivíduos se lembram das coisas, mas também grupos, sociedades e nações". A lembrança, ou memória individual, pode estar ligada à vida da pessoa, e, portanto, a um curto espaço de tempo, ou o período enquanto durar sua vida. Já a memória cultural, ou coletiva, pode perdurar por gerações estando "ancorada na mídia, nas instituições e nos rituais" (DESTCH, 2011). Ainda segundo Assmann, um importante fator da memória no século 20 é que não mais se vangloriam apenas atos heroicos, mas há agora espaço para se lembrar de esquecimentos, crimes, dores e sofrimento – lembrar do que antes preferia-se ignorar.

Em uma das histórias presentes na obra *O livro dos abraços*, chamada “Na casa das palavras”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, diz-se de uma casa onde as palavras se agitavam esperando a chegada dos poetas.

Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido. Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho... (GALEANO, 2002)

Nessa brevíssima e bela história sobre as palavras e a busca dos poetas, apesar da exibição das palavras, todas aparentemente disponíveis e inclusive ansiosas por serem escolhidas, os poetas “andavam em busca de palavras que não conheciam”, provavelmente atrás da novidade ou até da originalidade. Mas, os poetas também buscavam palavras que “tinham perdido”, talvez por terem se esquecido de onde as deixaram, ou por não se lembrarem da última vez que as usaram. Talvez os poetas nem saibam o porquê de terem usado as palavras perdidas ou nem como foram usadas. Esses poetas, que buscam palavras perdidas, talvez queiram apenas recuperar, lembrar ou recordar o que pode ter caído do abismo do esquecimento. Talvez queiram preencher o vazio do esquecimento, resgatar o que não está mais lá e usar a palavra – nomear – para fazer surgir de novo e assim trazer de volta a lembrança levada então pelo rio do esquecimento.

Em *Teogonia*, Hesíodo (entre 750 e 650 a.C.) recebe das Musas a vocação de poeta, segundo sua própria apresentação: “Elas um dia ensinaram a Hesíodo belo canto/ quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino” (HESÍODO, 1992, p. 107). Hesíodo foi um dos primeiros poetas da Grécia Antiga de quem temos registro de textos escritos. Os textos atribuídos a Hesíodo, dentre os quais *Teogonia*, são datados como mais ou

menos contemporâneos do que se conhece como poética homérica com semelhanças entre estilo, composição e dialeto.

Teogonia é uma narrativa épica, mais curta que a épica homérica, que fala do nascimento dos Deuses e do Mundo. A primeira palavra que se pronuncia em *Teogonia*, como tinha que ser, é “Musas”. Assim começa, com o hino às musas, *Teogonia*: “Pelos musas heliconíades comecemos a cantar. / Elas têm grande e divino o monte Hélicon,/ em volta da fonte violácea com pés suaves/ dançam e do altar bem alto de Cronos” (HESÍODO, 1992, p. 105).

Segundo Jaa Torrano, estudioso e tradutor de *Teogonia*, não seria possível que um canto sobre a origem dos Deuses começasse por outra palavra senão “Musas”. Afinal, é através das palavras que elas se fazem presentes.

Dentro da perspectiva da experiência arcaica da linguagem, por outra palavra qualquer o canto não poderia começar, não poderia fazer canto, ter a força de trazer consigo os seres e os âmbitos em que são. É preciso que o primeiro o nome das Musas se pronuncie e as Musas se apresentem com a numinosa força que são das palavras cantadas, para que o canto se dê em seu encanto. O nome das musas é o próprio ser das Musas, porque as Musas se pronunciam quando o nome delas se apresenta em seu ser porque quando as Musas se apresentam em seu ser, o ser-nome delas se pronuncia. (TORRANO, 1992, p. 21)

São as palavras que tornam presente o ser, presentificam a existência do que é pronunciado, como explicitado no trecho “as Musas se pronunciam quando o nome delas se apresenta em seu ser”. Há em *Teogonia* uma função metapoética evidente no canto que fala da força “das palavras cantadas”. Assim como na gênese bíblica, em que Deus fala “faça-se luz” e a luz se faz, em *Teogonia* a nomeação é o que faz surgir. A importância de começar *Teogonia* por “Musas” está nesse momento em que a palavra “Musas” é pronunciada no canto, e assim elas surgem, e então nomeiam os deuses, e assim eles surgem – com as palavras, sempre por meio das palavras. A linguagem em *Teogonia* é menos um instrumento comunicativo do que a presença através da qual se produz o mundo.

Na tradição mitológica, era atribuída às musas a capacidade de inspiração e criação artística e científica. As musas são filhas de Zeus e Mnemosyne, que é a deusa

personificada da memória, a deusa da poesia épica, da narrativa. Mnemosyne “assegura a circulação das forças entre o domínio do invisível e o do visível, já que Memória é que, em cada mo(vi)mento de cada ente, decide entre o ocultamento do Oblívio e a luz da Presença” (TORRANO, 1992, p.70). Além da presença da memória, há a opção da ausência, ou a escolha pelo esquecimento, como explica Torrano:

O que passa despercebido, o que está oculto, o não-presente, é o que resvalou já no reino do Esquecimento e do Não-Ser. O que se mostra à luz, o que brilha ao ser nomeado, o não-ausente, é o que Memória recolhe na força da belíssima voz que são as Musas. No entanto, Memória gerou as Musas também como esquecimento (“para oblívio de males e pausa de aflições”, v. 55) e, força numinosa que são, as Musas tornam o ser-nome presente ou impõem-lhe a ausência, manifestam o ser-mesmo como lúcida presença ou o encobrem com o véu da similitude, presentificam os Deuses configuradores da Vida e nomeiam a Noite negra. O próprio ser das Musas geradas e nascidas da Memória as constitui como força de esquecimento e de memória, com o poder entre presença e ausência, entre a luz da nomeação e a noite do oblívio. Porque as Musas são o Canto e o Canto é a Presença como a numinosa força da parusia: este é o reino da Memória, Deusa de antiguidade venerável, que surge da proximidade das Origens Mundificantes, nascida do Céu e da Terra (v. 135). (TORRANO, 1992, p.20)

Mas o que nos interessa é que nessa relação entre Mnemosyne e suas filhas se fortalece o elo entre memória e palavra, reforçando a indissolubilidade entre ambas. As palavras são as entidades que carregam sob suas cascas o peso do mundo, da história, da memória. As palavras, muitas delas de muita idade, são aquelas que armazenam as memórias – as descartam ou as recuperam.

Muitos séculos antes da criação do alfabeto, os aedos gregos eram os poetas que afirmavam que tudo que diziam era apenas repetição do que lhes passavam as musas, de quem recebiam o dom de compor. Na tradição dos aedos, nos versos decorados, e mais tarde com os trovadores, a memória, ou o ato de decorar, era a garantia dos versos. Para os últimos, o ritmo e as rimas bem marcadas serviam como uma técnica mnemônica facilitando a permanência das palavras na mente. Uma das três características da poesia, segundo Ezra Pound, em *O ABC da Literatura* (2013, p. 11), é a melopeia³, quando as

³ As outras duas são a fanopeia, “um lance de imagens sobre a imaginação visual”, e a logopeia, “a dança do intelecto entre as palavras” (*ibid*).

palavras são “impregnadas de uma propriedade musical (som, ritmo) que orienta seu significado”. Percebe-se que a poesia muito se valeu (e se vale) de propriedades musicais, como o ritmo, som e repetição, para assegurarem na mente as palavras.

Em *A arte da memória*, Frances Yates (2007, p. 21) explica que na antiguidade, quando ainda não havia imprensa ou papel “no qual tomar notas ou registrar as preleções, a memória treinada era de fundamental importância”. A arte da memória, ou mnemotécnica, era para a mente humana uma ‘escrita interior’, era como uma característica da retórica, “uma técnica que permitia ao orador aprimorar sua memória, o que o capacitava a tecer longos discursos de cor, com uma precisão impecável” (YATES, 2007, p. 18). Hoje, porém, praticamente desconhecemos essa técnica. Com a escrita e a invenção da imprensa, parecem ter se tornado desnecessárias as práticas de memorização. “O recurso ao escrito, ao texto ‘escritural’, enfraquece a força da memória. O que está escrito e arquivado, ‘os bancos de dados’, a ‘memória’ dos nossos computadores – não precisa mais ser memorizado” (STEINER, 2020, p. 43). Com a popularização do alfabeto não mais se cultuava a deusa Mnemosyne, os aedos desapareceram e deixou-se de praticar a mnemotécnica.

Em *História da leitura*, Alberto Manguel conta que Jean Racine, em 1658, aos 18 anos de idade, lia um antigo romance grego, *Os amores de Teagenes e Caríclea*, sob o olhar vigilante dos monges cistercienses.

Racine levou o livro para a floresta que cercava a abadia e começou a ler com avidez quando foi surpreendido pelo sacristão, que arrancou o livro das mãos do rapaz e jogou-o numa fogueira. Pouco depois, Racine conseguiu achar um outro exemplar, que também foi descoberto e lançado às chamas. Isso o estimulou a comprar um terceiro exemplar e a decorar o romance inteiro. Então entregou-o ao feroz sacristão, dizendo: ‘Agora podes queimar este também, como fizeste com os outros.’ (MANGUEL, 1997, p. 75-6)

Vemos aqui como um texto decorado, como “um texto lido e lembrado passa a ser [...] tão sólido quanto a terra e capaz de sustentar a travessia do leitor” (MANGUEL,

1997, p.83). Aqui estamos diante de um exercício de memória individual, do exercício da mente, de saber com o coração, de lembrar de coração, de cor, de *cuore*, de decorar. A própria palavra recordar vem do latim *recordare* “voltar a passar pelo coração”.

Embora possamos dizer que a memória é função da consciência humana, talvez inclusive a base da nossa própria consciência, há na palavra escrita a intenção do perdurar para além da experiência individual. Com Racine, morreria também a memória do livro. Apesar de reconhecer a virtude de memorizar o livro, Manguel sabe que a existência do livro na mente é “tão precária e fugaz como se suas letras fosses escritas na água” (1997, p. 83). Mais próxima do rio do esquecimento, do Lethes, guardada na mente a memória do livro corre para seu fim.

Na obra *A escrita: memória dos homens*, Georges Jean recria, através de testemunhos e documentos, a trajetória da escrita como rastro, registro e até perpetuação de uma construção histórica e cultural. No texto de Jean, a escrita ganha status de guardiã de memórias.

Desde o surgimento do alfabeto, percebeu-se a necessidade de guardar as memórias. Na Grécia e Roma antigas, por exemplo, como civilizações da epigrafia,

[...] as inscrições acumulavam-se e obrigavam o mundo greco-romano a um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança. A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os "arquivos de pedra" acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea. (LE GOFF, 1990, p. 432)

Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento*, diz dos rastros, e dentre eles o rastro escrito, como um que está no “plano da operação historiográfica”, como um rastro documental. Aqui Ricoeur reforça a qualidade da escrita como um rastro que, diferentemente dos rastros psíquico e cerebral, tem qualidade física, material e, por tal natureza, “pode ser alterado fisicamente, apagado, destruído” (RICOEUR, 2007, p. 425).

No Templo das Musas, como chega até nós, ficava a Biblioteca de Alexandria, estabelecida na cidade de Alexandria durante o século III a.C., e uma das maiores referências da cultura helenística, onde guardavam-se os rolos, as palavras e as memórias. Alberto Manguel, no livro *Encaixotando minha biblioteca*, diz que, segundo a lenda, a Biblioteca de Alexandria, que guardou durante três séculos a memória do mundo mediterrâneo, “foi montada com base nos livros deixados por Aristóteles a um de seus alunos, Demétrio de Faleros, e guardados no Mouseion, a casa das Musas, filha da deusa Memória” (MANGUEL, 2021, p. 73). Em *A biblioteca desaparecida*, de Luciano Canfora, há também semelhante referência:

Aristóteles pairava entre aquelas estantes, entre aqueles rolos bem-ordenados, desde que Demétrio ali transplantara a ideia do mestre: uma comunidade de doutos isolados do mundo exterior, guarnecida de uma biblioteca completa e um local de culto às Musas” (CANFORA, 1989, p. 33)

Portanto, o Mouseion de Alexandria, ou o Templo das Musas, sela mais uma vez a forte relação entre as palavras e a memória, entre a escrita e a memória.

Mas a escrita é, na verdade, “um arquipélago no meio de uma imensidão oceânica da oralidade humana” (STEINER, 2020, p. 38). Muitas sociedades se ergueram sob a égide da oralidade e por ela transmitindo e repassando memórias. A oralidade guarda, possivelmente, uma certa característica mais honesta do que a escrita. George Steiner diz que, diferentemente da escrita, “a oralidade aspira à verdade, à honestidade da autocorreção, à democracia, por assim dizer, da intuição compartilhada” (STEINER, 2020, p. 43). Ainda assim, muitas dessas sociedades tentam hoje resgatar e recuperar tais memórias registrando o que nunca foi para os livros, o que os livros não disseram, omitiram ou fizeram questão de apagar.

Aliada à escrita, a memória está sujeita a manipulações ou formas de governança, como temos visto ao longo dos anos. George Steiner, em *Aqueles que queimam livros* (2020, p. 42), explica que “a autoridade implicada pelo texto, a posse e os

usos dele por uma elite letrada são sinônimos de poder”. Por outro lado, a palavra escrita pode também representar uma afronta ou ameaça ao poder. E se a presença dos livros pode representar uma desestabilização do poder, a extinção daqueles representaria o fortalecimento do poder.

A história da destruição das palavras, da obliteração da escrita, por exemplo, está geralmente relacionada a governos autoritários, à censura, ao silenciamento e desejo de controle. Em diferentes períodos, livros foram recolhidos ou queimados quase sempre como um ato ritualístico de ameaça ao pensamento de um povo, uma forma quase teatral de afronta em atos públicos. Foram vários os episódios na história em que livros sucumbiram ao fogo, corroborando a autoridade de um governo e forçando em cinzas as memórias de um povo, mesmo que metaforicamente. Manguel (1997, p. 315) diz que “a ilusão acalentada por aqueles que queimam livros é de que podem cancelar a história e abolir o passado”.

Além da conhecida queima de livros por Hitler logo após sua chegada ao poder (Bücherverbrennung), em 1933, Lilian Schwarcz (2018) cita mais alguns exemplos de atos em que páginas arderam no fogo:

Foi assim com a dinastia Chin que por volta de 213 a.c. mandou aniquilar uma grande quantidade de livros que preservassem ideias e morais consideradas perigosas. Foi assim com o faraó Aknatón, que queimou milhares de papiros, extinguindo 75% da literatura, então, existente no seu país. Foi assim também com a maior biblioteca do mundo antigo, Alexandria, que, criada em 300 a.c., possuía mais de 9.000 manuscritos. Foi assim na época da inquisição espanhola que fez a proeza de queimar 5.000 manuscritos árabes e livros referentes a outras religiões, que não a católica. Foi assim quando a Administração de Alimentos e Remédios dos Estados Unidos (sic) sumiu com obras do dramaturgo Wilhelm Reich por considerá-las perigosas. Foi assim, ainda, na União Soviética quando, a partir dos anos 1920, um número imenso de obras literárias “decadentes”, do Ocidente, foram destruídas. Foi igualmente assim durante o macartismo, na década de 1950, quando muitas bibliotecas dos Estados Unidos incineraram textos considerados contrários aos bons costumes locais. Foi assim no Chile, durante a ditadura de Pinochet, quando centenas de livros acabaram no fogo. Foi assim no Sri Lanka, em 1981, quando se aniquilou a biblioteca pública de Jaffna, que contava com 100 mil livros raros. Foi assim na Bósnia, durante os anos 1992 e 1995, época em que as forças sérvias liquidaram bibliotecas que contivessem obras muçulmanas. Foi sempre assim ...

Segundo Steiner (2020, p. 9), “[a]queles que queimam livros, que banem e matam poetas, sabem exatamente o que fazem. Seu poder é incalculável”.

Se há uma potência entre os elos da escrita e da memória, é talvez porque por séculos nossa civilização tenha se debruçado sobre o papiro. A verdade é que caminhamos, desde o surgimento da escrita, amparados por ela mesma. Com a escrita construímos o mundo, a história e a memória. Segundo Assmann (2011, p. 236), “foram qualidades como legibilidade e transparência, portanto, que fizeram da escrita, na opinião de determinados teóricos da Renascença, o melhor *medium* da memória”. É a escrita que permite o acúmulo de informações, o registro, arquivamento e, portanto, a construção histórica de uma sociedade nos parâmetros que conhecemos hoje. Acredita-se que enquanto tudo padece, a escrita ainda pode se fincar no tempo.

Em um dos mais conhecidos sonetos de Shakespeare, o soneto 18 (“Shall I compare thee to a summer’s day”), o eu lírico propõe a imortalidade no papel, estabilizando, perpetuando e até potencializando a beleza de quem morreu em seus versos marcados na página. Nesse soneto inglês, ou shakespeariano, temos 14 versos distribuídos em uma estrutura de três quartetos e um dístico - diferentemente da composição de Petrarca, ou dos sonetos italianos, em que temos dois quartetos e dois tercetos.

Ao contrário da natureza com sua impermanência e suas inconsistências, nos versos de Shakespeare a escrita tem a intenção de imortalizar. O eu lírico garante à amada que em seus versos ela viverá para sempre, como fica claro no dístico, nos últimos versos:

Enquanto houver viventes nesta lida,
Há-de viver meu verso e te dar vida. (SHAKESPEARE, 2015, p. 19)

Shakespeare está colocando nas palavras a certeza da constância. Está na palavra escrita a possibilidade de segurar o efêmero. O lugar da palavra e da memória é

quase como o lugar da imortalidade, tanto da sobrevivência de quem já se foi, quanto do escritor, vivo também nas palavras que escreveu.

O ato poético se vale da memória para compor seus instantes, atravessando o tempo e deixando-se atravessar por ele. Literatura e memória, entre presenças e ausências, escrevem o que não está mais lá, como um rastro que agora se constitui como “signo presente de uma coisa ausente” (MIRANDA, 1999, p. 139).

A memória, as lembranças e o esquecimento são alguns dos temas favoritos da poesia, que ainda cria e recria sobre o tempo. Seja numa experiência individual ou coletiva, o poeta muitas vezes transforma a própria evocação da memória em uma experiência poética.

Célia Pedrosa, em “Traços da memória na poesia contemporânea brasileira⁴”, afirma para os poetas contemporâneos brasileiros, como Paulo Henriques Britto, Silviano Santiago e Carlito Azevedo, é quase ausente a evocação do passado embora a memória se faça constantemente presente nos poemas como uma constatação da impossibilidade de reter o tempo, sendo então “objeto da reflexão poética” para ser desqualificada ou questionada (PEDROSA, 1999, p. 113). Pedrosa conclui que, para esses poetas, “o ato de lembrar é associado a uma vã tentativa de fixação do homem”. No entanto, ela segue dizendo que “ao refletir assim incessantemente sobre a memória, para desqualificá-la, a poesia não deixa de estar, de modo contraditório, construindo uma forma, mesmo que negativa, de sua presença”, instigando reflexões ao seu respeito (PEDROSA, 1999, p. 113). Para esses poetas a memória é uma presença ambígua e o sujeito lírico se encontra solitário e errante sem a possibilidade de um espaço de familiaridade no universo contemporâneo. A memória aqui é areia que se vai com o vento, como a água que corre.

⁴ A obra é de 1999, portanto estão ausentes as produções do século XXI.

Paulo Henriques Britto, em “Poesia e Memória”, distingue dois tipos de memória. Uma é épica e coletiva, que quer “lembrar os feitos de sua tribo” (BRITTO, 1999, p. 124). A outra é lírica, que é de natureza individual. Segundo Britto, tal como o épico, o poeta lírico “tenta forjar um mito, só que o mito em questão é individual e não coletivo” (BRITTO, 1999, p. 124). Esse mito “pessoal de individualidade única e singular, a ser fruído pelo leitor” é construído a partir de “um repertório de causas, explicações e justificativas” (BRITTO, 1999, p. 125). Britto explica que:

O prazer proporcionado pela poesia lírica depende dessa paradoxal coexistência entre identificação e diferenciação entre, de um lado, o lastro de experiências vividas e concebidas comum ao poeta e ao leitor, e de outro, a certeza de que tanto a personalidade que escreveu aqueles versos quanto as que o lê agora são singulares. (BRITTO, 1999, p. 125)

Mas no início do século 20, com poetas como T.S. Eliot e Ezra Pound, nos deparamos com a poesia pós-lírica, quando “o eu por trás do poema é essencialmente uma encruzilhada de textos” (BRITTO, 1999, p. 127). Ainda para Britto,

[...] para o poeta lírico, a memória individual é a principal matéria-prima poética; para o poeta pós-lírico – e são pós-líricos os poetas brasileiros que mais sofreram o impacto dos concretos –, são suas leituras que constituem o material básico a ser elaborado pela poesia. (BRITTO, 1999, p. 129).

Em ambos os casos, porém, “o leitor goza do prazer narcisístico de sentir-se pertencente a uma comunidade exclusiva” (BRITTO, 1999, p. 130).

Temos um desejo quase irresistível de cultivar lembranças – traçar e rastrear memórias. Como um modo de vida, as recordações restituem o presente produzindo subjetividades e intersubjetividades que partem de um eu para outros eus. Nem tanto uma parte, nem tanto um todo, a recordação se reúne em torno de experiências compartilháveis. Se há na escrita uma memória, esta é agenciada pelo escritor que tece nos fatores históricos, sociais, políticos e nas relações sociais, suas próprias experiências, lembranças, modos de vida e leituras do mundo. As memórias escritas podem então estabelecer com outros sujeitos uma partilha concatenando, à sua escrita, outras escritas,

decorrentes de outros contextos, de outras culturas, outros sujeitos e, é claro, outras memórias. Além de colocarmos tanto a teste nossa própria vivência em palavras, gostamos de incorporar a experiência do outro, ou a experiência que o outro ou nós mesmos poderíamos ter vivido. Inclusive nem sempre sabe-se de onde ou de quem vem a memória, como no trecho do poema “Essa lembrança que nos vem” (1989), de Mário Quintana:

Essa lembrança... mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...
Ai! Tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!
(QUINTANA, 1989)

Manguel explica, a partir de *Secretum Meum*, de Petrarca, um diálogo entre o autor e Agostinho, que uma nova maneira de ler seria “tomando dele uma ideia, uma frase, uma imagem, ligando-a a outra selecionada de um texto distante preservado na memória, amarrando o conjunto com reflexões próprias – produzindo, na verdade, um texto novo de autoria do leitor” (MANGUEL, 2021, p. 82). Estamos novamente diante de textos não originais, polissêmicos em que a escrita do agora se dilui em um passado que agora nunca mais.

A poesia tem seu próprio jeito de comunicar e fazer sentido. Muitas vezes o sentido quase escapa, pois a poesia não se compromete com a comunicação objetiva ou clara, e nem trata a linguagem como aquela que se apresenta límpida ou sem ruídos. Cada conjunto de palavras pode criar novas constelações, galáxias e propor novos mundos. O espaço entre a intenção do autor e a chegada em seu leitor implica um complexo conjunto de saberes. É assim que uma experiência individual em forma de poesia pode assumir valores universais, encontrando no leitor a mais genuína morada.

Escrever pode ter a “força atuante do agora” em um tempo que, como afirma Maurice Blanchot, é o “tempo da ausência de tempo”, que não devolve o tempo ao passado, que faz do agora um presente sem presença, mas que tem como testemunha a

lembrança. Para ele, é essa “a lembrança que me liberta do que de outro modo me convocaria, me liberta proporcionando-me o modo de invocá-la livremente, de dispor dela segundo a minha intenção presente. A lembrança é a liberdade do passado” (BLANCHOT, 2011, p. 22). Nesse tempo de reflexão do presente, pode-se pensar a memória como uma maneira de se entender a própria imediatez que hoje vivemos.

Célia Pedrosa (1999, p. 119) diz que

[...] a memória tem então reafirmado seu caráter de força desmedida que se impõe, como o próprio tempo, ao sujeito lírico, deseparado de uma consciência que o torne capaz de organizar seus efeitos, impondo-lhes uma perspectiva, uma ordem, um sentido, uma direção.

E ainda, “A memória é o que permanece e o que já se findou” (PEDROSA, 1999, p. 119).

O poema, a literatura, reside nessa espécie de recolhimento em que “[e]screver é fazer-se eco do que não pode parar de falar”. (BLANCHOT, 2011, p. 18).

Ver, ver, ver – algo que necessariamente esteve ali (um dia, em algum lugar), que está tanto mais presente imaginariamente quanto se sabe que atualmente desapareceu de fato – e jamais poder tocar, pegar, abraçar, manipular essa própria coisa, definitivamente desvanecida, substituída para sempre por algo metonímico, um simples traço de papel que faz as vezes de única lembrança palpável. (DUBOIS, 1993, p. 313)

Em meio às palavras, a memória se equilibra entre presença e ausência, ou no quase desejo de restituição de um tempo perdido. Falar em memória é falar várias línguas, reconstituir e destruir, enxergar de olhos fechados tons vívidos ou desbotados. A escrita da memória – a palavra e a poesia – se desenrola sobre *stratus*, camadas e mais camadas do que vemos e não vemos. Correspondências entre a palavra e a memória são adequadas em sua inadequação e repousam na falha da linguagem. Já dizia Clarice Lispector, “escrever é lembrar-se de um tempo que nunca existiu”.

Alguns —
ou seja nem todos.
Nem mesmo a maioria de todos, mas a minoria.
Sem contar a escola onde é obrigatório e os próprios poetas
seriam talvez uns dois em mil.

Gostam —
mas também se gosta de canja de galinha, gosta-se de galanteios e da cor azul,
gosta-se de um xale velho,
gosta-se de fazer o que se tem vontade gosta-se de afagar um cão.

De poesia —
mas o que é isso, poesia.
Muita resposta vaga
já foi dada a essa pergunta.
Pois eu não sei e não sei e me agarro a isso
como a uma tábua de salvação.
Wisława Szymborska, *Alguns gostam de poesia*

Venho tentando incendiar minhas memórias
mas elas não sabem como virar cinza
Deborah Castro, em *Meias palavras são razão do forte vento*

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Carlos Leonardo Bonturim. William Shakespeare: *sonetos XVII, XVIII e XIX* – Tradução e comentário. *Revista Translatio*, nº 9, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325178790_WILLIAM_SHAKESPEARE_SONETOS_XVII_XVIII_e_XXIX-TRADUCAO_E_COMENTARIO> Acesso em: 20/01/2022
- ASSMANN, Aleida. *Espaços de Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.
- BATAILLE, George. *A literatura e o mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BORGES, Jorge Luis. Pensamentos. In: FONSECA, Cristina (org.). *O pensamento vivo de Jorge Luiz Borges*. São Paulo: Martin Claret, 1987.
- BRITTO, Paulo Henriques. “Poesia e memória”. In: PEDROSA, Célia (org.). *Mais poesia hoje*. 7 Letras, 2000. p. 124-131. Disponível em: <<https://fdocumentos.tips/document/pedrosa-celia-org-mais-poesia-hoje-55bd6a7fd1b83.html?page=5>> Acesso em: 20/01/2022.
- CANFORA, Luciano. *A biblioteca desaparecida: histórias da Biblioteca de Alexandria*. Trad. Federico Carote. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DETSCH, Roland. *Qual é o significado real da lembrança – uma entrevista com Aleida Assman*. Trad. Soraia Vilela. Goethe-Institut. Janeiro 2011. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/cul/20809570.html>> Acesso em: 05/01/2022.

- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1993.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2002. Disponível em: <<https://anarquista.net/wp-content/uploads/2013/03/O-Livro-dos-Abra%C3%A7os-Eduardo-Galeano.pdf>> Acesso em: 21/01/2022.
- GRANDE Dicionário Houaiss de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos Deuses*. Estudo e Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Ed Iluminuras, 1992.
- HILLMAN, James. *A força do caráter e a poética de uma vida longa*. Trad. Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.
- JEAN, Georges. *A escrita: memória dos homens*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LAU, Beth. Wordsworth and Current Memory Research. *Studies in English Literature, 1500-1900*, vol. 42, nº 4, [Rice University, Johns Hopkins University Press], 2002, p. 675–692. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1556291>> Acesso em: 19/02/2022.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et. al.]. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf> Acesso em: 20/02/2022.
- MACEDO, José Marcos. *A palavra ofertada: um estudo retórico dos hinos gregos e indianos*. Campinas: Ed Unicamp, 2010.
- MANGUEL, Alberto. *A história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MANGUEL, Alberto. *Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Cia das Letras, 2021
- MIRANDA, Wander de Mello. “Poesia moderna e destruição da memória”. In: PEDROSA, Célia (org.). *Mais poesia hoje*. 7 Letras, 2000. p. 132-140. <<https://fdocumentos.tips/document/pedrosa-celia-org-mais-poesia-hoje-55bd6a7fd1b83.html?page=5>> Acesso em: 20/01/2022.
- PEDROSA, Célia (org.). *Mais poesia hoje*. 7 Letras, 2000. Disponível em: <<https://fdocumentos.tips/document/pedrosa-celia-org-mais-poesia-hoje-55bd6a7fd1b83.html?page=5>> Acesso em: 20/01/2022.
- PEDROSA, Célia. “Traços de memória na poesia brasileira contemporânea”. In: PEDROSA, Célia (org.). *Mais poesia hoje*. 7 Letras, 2000. p. 113-123. Disponível em: <<https://fdocumentos.tips/document/pedrosa-celia-org-mais-poesia-hoje-55bd6a7fd1b83.html?page=5>> Acesso em: 20/01/2022.
- POUND, Ezra. *O ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. 12ª. edição. São Paulo: Ed. Cultrix, 2013.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Tradução de Maria Appenzeller. Campinas: Editora Papyrus, 1995.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SCHWARCZ, Lilia. O autoritarismo, a censura de livros e o sentido da história. *Nexo Jornal*. 7 out 2018. Disponível em: <<http://44.198.78.140/colunistas/2018/O-autoritarismo-a-censura-de-livros-e-o-sentido-da-hist%C3%B3ria>> Acesso em: 05/05/2022.

SHAKESPEARE, William. *50 sonetos*: William Shakespeare. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

STEINER, George. *Aqueles que queimam livros*. Trad. Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

TORRANO, Jaa. “O mundo como função de musas”. In: HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos Deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Ed Iluminuras, 1992.

WORDSWORTH, William. Prefácio a Lyrical Ballads. In: SOUZA, Alcinda Pinheiro de; DUARTE, João Ferreira (org. e trad.). *Poética Romântica Inglesa*: Wordsworth, Peacock, Shelley. Lisboa: Apaginastantas, 1985.

WORDSWORTH, William. *The Complete Poetical Works*. London: Macmillan and Co., 1888; Bartleby.com, 1999. Disponível em: <www.bartleby.com/145/>. Acesso em: 05/01/2022.

YATES, Frances A. *A arte da memória*. Trad. Flavia Bancher. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

A ânsia de memorar

*Kerolayne Souza Wiesniewski*⁵

É nos recônditos da mente
Que há muitas histórias vividas
Com elas eu me reencontro,
E seleciono as passagens preferidas.

Por meio das minhas lembranças
Passo a buscar algo encoberto,
E num embalo de pseudestesia
Eu sinto o passado de perto.

Procuro o meu dia desejado,
Apego-me às visões serenas
Esqueço do que vivo agora,
Entregando-me às cenas.

Nesse mundo de recordações,
Ouço o eco de palavras lisonjeiras
Palavras proferidas por quem amei
E hoje, renovadas de várias maneiras.

Assim resgato as boas memórias
Como quem sorri para o entardecer
Noto a relevância das mudanças,
Presentes do tempo para comover.



⁵ Kerolayne Souza Wiesniewski, nascida em 19 de março de 2000 (20 anos) em São Mateus do Sul - PR. Estudante de Letras Português/Inglês, na Unopar, Universidade Norte do Paraná. É fluente em língua inglesa, possui nível básico em língua italiana e Libras. Atualmente dedica seu tempo para dar aulas de língua portuguesa e alfabetização. “É a minha primeira participação em um concurso literário; foi um estímulo para eu voltar a criar com as palavras, algo que eu costumava fazer na infância.”
kerolynesouza@gmail.com

À deriva

*Mariana Machado Santa Bárbara*⁶

Sem bússola, sem trilho, sem chão
Cada vez menos pés
Caminho sob a água
Sem marcas pré-passadas
Só vou
Cada véu que vai
Menos imagem
Já não sei em que me ancorar
Só vou
A cada passo que dou rumo ao lá
Desço mais fundo
Rumo mais ao cima
Aponta e ancora
A ponta e âncora
Só vou

⁶ Mariana Santa Barbara, nascida em 26 de dezembro de 1994, em Feira de Santana (BA). É estudante do curso de Psicologia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Aprendiz na arte da escrita, apaixonada e amadora.
marianamsb94@gmail.com

A forma da família

*Douglas Laurindo*⁷

O meu pai cortava madeira e construía casas.
A minha mãe, dona dele e do teto, ensinávamos:
Que o lar é nossa ponte única até a alma que ama.
Eu soube disso muito cedo, enquanto varria a sala.

Soube que se ama os irmãos assim como as bonecas,
E que, imutavelmente, um é porto seguro, ao passo que
O outro é entrada do Inferno ribeirinho, cuja forma fixa
Condena

às
profundezas
do rio

qualquer peixe-verde do cardume cinza.

De minha avó Pureza recebi doces e pamonha:
O quase-peixe vive ainda mais pela boca, guloso.
As aguçadas guelras captavam a onda do perigo,
Disfarçado de banzeiro que busca jogar pra longe o corpo
[*cintilante*].

O meu pai me defendia do predador e, se pudesse,
Reorganizaria o rio todo para mim. Fê-lo em espírito.
A minha mãe chora toda vez que regrido à foz, boba,
Mas também sei que inverte a antídoto o que despeja.

Amaram-me como se ama o alimento em período de seca.
Condecoraram as bases da minha cauda, nadaram comigo
Até o limite do nosso território, com lagos em cada olho.
Metamorfoseio tudo que fomos em alimento a este corpo-poema faminto.

⁷ Douglas Laurindo nascido em 24 de março de 1998 em Tapauá. Hoje, reside na capital manauara do estado do Amazonas. É estudante de Letras – Língua e Literatura Portuguesa (UFAM). Escreve contos, crônicas e poemas.
douglaslaurindo35@gmail.com

A Foto

*Cintia de Quadros Lopes*⁸

É um alento olhar pros meus pais assim.
Bronzeados.
Minha mãe usando um vestido de verão
combinando com a regata de meu pai.
Confesso que o tom de verde neon não foi uma boa escolha,
Contrastam demais com o tom barrento,
típico de nossas praias gélidas do sul,
montando a mais bela das cenas.

O transe se intensifica
pela voz que não é mais a mesma,
mas ecoa na minha mente.
Ela me ergue uma ordem,
e volto a ser menina,
extraí o que eu nem sonhava que ainda existia em mim.

O ritmo da fala se mistura com o ritmo das ondas,
quase como música,
subindo e descendo os tons
que ditam as emoções.
Eu me desconcentro com outras vozes por um momento,
que transpassam o espaço e a alma.
Não identifico se essas vozes
são ordens, repreensões,
gritos de felicidade
ou se é a própria voz do universo
que grita para que eu aproveite esse momento
que só conseguirei resgatar,
e ainda assim muito parcialmente,
dentro do espaço de uma moldura.

É fácil perceber a onda quando está revolta,
mas quase passam despercebidas quando estão serenas.
Assim são as lembranças.
Quando encerrasse aquele dia, em que meus pais posaram,
não lembraria dessa cena
da mesma forma que lembro hoje.

Agora, ao deitar sobre o travesseiro,
a percepção se distorce
pela preocupação de dar ao corpo
a oportunidade do descanso.
Na madrugada as memórias encontram uma morada na gente,

⁸ Cíntia de Quadros Lopes, nascida em 28 de maio de 1998, estudante de Biblioteconomia na Instituição Universitária UFSC.
cintialopesufsc@gmail.com

muitas vezes numa rua distante, esquecida.
E logo me vem à tona
Quando desvio meus olhos para a estante.
Lá estão,
um agarradinho no outro na foto
com sorrisos bem largos em um fundo de praia.
Eternizados na estante de minha sala.
Esse é o mapa que me conduz
ao endereço onde hospedei essa memória.
Peço licença para entrar,
quase como se aquele espaço não pertencesse a mim.

Quase consigo sentir o cheiro da lembrança,
alcançando minhas narinas
ao contemplar esse cenário.
Meu corpo todo é tomado
e as marcas do tempo desaparecem por alguns instantes.
Uma vontade me domina.
Preciso atravessar aquele vidro
voltar a ser a menina do biquini
que destoa do verde neon
da combinação dos pais.

Por mais que o tempo tenha passado,
os anos não apagaram a sensação
nem as memórias que saltam na minha mente
daquela água barrenta do mar revolto
que me encheu o coração de fúria por viver.
Continuo sendo a menina.
Continuo sendo a mulher.

A rua

*Lillian Melo*⁹

Na memória, várias histórias
Que o tempo tenta apagar
Naquela rua, contentamento
Sempre pessoas a conversar

O encontro era sagrado
Toda tarde ficávamos a esperar
Naquela rua, havia amigos
Muitas pessoas para conversar

Veio o progresso e com ele o calçamento
Naquela rua, tanto movimento!
As pessoas começaram a estranhar
As crianças trancadas começaram a ficar

A memória, o tempo não pode apagar
A rua era o lugar de se aconchegar
As histórias daqueles dias
Precisamos rememorar.

⁹ Lillian Melo, natural do Norte de Minas Gerais, da cidade de Januária, graduada em Letras Português pela Unimontes, atualmente atua como professora de Literatura do IFNMG/Campus Araçuaí. Coordena o projeto de ensino e extensão Literartes que visa a promoção da Arte e da Literatura em suas diversas manifestações, possui alguns contos e poemas publicados em antologias organizadas pela Lura Editorial, já participou do concurso de contos do IFNMG- 10 anos, e teve o conto aprovado. Além disso, já atuou e atua constantemente como membro colaborador de projetos relacionados a Literatura e Arte, principalmente como forma de promoção da memória, dentre esses projetos, cabe citar: Tenho uma foto pra te contar, Museu de Araçuaí como lugar de pertencimento e Clube de Leitura Leia Mulheres.
lillianmelo.portugues@gmail.com

A velha Bailarina

*Yana Etlanyer*¹⁰

Você estica seus braços e traça no ar: elegância.
Com essas velhas mãos, você, as lembranças, delinea.
Tudo parece frágil, tudo parece de vidro, instável.
Mas, se suas pernas funcionassem, nada teria lhe detido.

Qual seria sua dor se lembrasse que esqueceu
Dos nomes, do amor, da vida, de si.
A única que pode resguardar foram as memórias
Do piano, do violino, da orquestra, dos passos
Porque seu corpo não se permitiu esquecer do palco.

Você ainda lembra dele?
A expectativa, o estresse, a pressão de ser melhor
Cada vez dar mais de si, entregar todos os
pedaços
E deixar de ser humano e ser arte.

Quando a música tocava,
como bailarina de caixa você dançava
Girando, girando, na ponta dos pés
Ignorando a dor, porque tudo doía
Ignorando o suor, porque nada disso importava.

Você ainda lembra dele?
A sensação, a loucura, a adrenalina,
Todos os passos, até os que não se veem...
Pois a dança se enraizou, te tornou bailarina
Incapaz de deixar de ser.

E agora me contam ou murmuram
Que seu próprio nome se te é desconhecido
E agora me contam ou sussurram
Que lembranças se apagam na tua mente turva
Mas que segues a lembrar, cada passo e cada gesto
Cada toque diferente que a música tem a entregar.



¹⁰ Nadia Fernanda Cangahuala Reynalte, tem 16 anos, nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, é estudante do segundo ano do ensino médio na instituição La Salle Medianeira.
yanaetlanyer@gmail.com

A verdade por trás das lembranças

*p.s.romulo*¹¹

Lembranças são como filmes de curta metragem
Geram rebuliços no lembrador
O coração bate mais forte e pede passagem
E as feridas abertas agravam ou atenuam toda e qualquer dor

Lembranças são classificadas como boas e ruins
Deve-se recordar de todas elas
Porque a vida não é feita apenas por querubins
A vida é muito além do que se vê pelas janelas

Lembranças são as lições aprendidas
Que fazem a evolução de todo ser humano
Mas há aquelas que foram reprimidas
Causando remorso e levam ao desengano

Lembranças nos tornam esperançosos
Que dias melhores virão
Mas há quem diga que lembranças são virtudes dos preguiçosos
Prefiro acreditar como elas verdadeiramente são

¹¹ Rômulo Pomponet Spínola, 29 anos, nascido em Salvador, Bahia estudante de Ciências Contábeis na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Escreve poesias desde a terceira série do fundamental I. "Leituras, busca incessante e disseminar conhecimento é a minha missão de vida, e nada como a escrita para facilitar esse objetivo."
ropomponet@yahoo.com.br

Adão –
Schleiden Nunes-Pimenta¹²

Na quarentena me lembrei do meu Adão.
Faz tanto tempo que eu o vi, esse guri, esse molequim!
Corria o morro sorridente e dando oi!? para o povão.
Tiravam sarro e ironizavam, pois Adão era lelé.
“Vambora!”, eu o chamava: “Ei! Pra casa que já é!”;
e feliz me vinha aos pulos já que não se afetava;
que falassem, que lhe rissem: meu Adão só os amava.
Ah!, afeioei-me ao molequim, que era anjo e mêi lelé.

Na quarentena me lembrei do seu Adão.
Docê, mãe sisudinha, roupa simples, traço forte;
Ainda sinto na minha nuca o seu par de zói da sorte,
me envolvendo num carinho que era de gratidão
por ser amigo do seu filho com todo meu coração.
Nunca te disse, mãe do Adão, que era meu o privilégio
de entrar em sua casa, aquê refúgio lim-pís-si-mo!,
protegidim do som da rua e do trem que é o universo.

Na quarentena me lembrei do eu-Adão.
Sentadim naquê quintal, vendo o céu, cheirando a horta,
seus canteiros varridinhos e os brotos de mandioca,
ao que o cheiro do alho frito comia-nos refogadão.
Cinquenta anos se passaram, sol se pondo, varridim,
no silêncio deste mundo refugiado... Oi!? Aí, é você?
Haha! Eu que agradeço, molequim. O mundo?, lelé?
Poder ser. Agora sim. Vambora. Ei! Pra casa que já é.



¹² Schleiden Nunes Pimenta, natural de Campo Belo-MG, tem 32 anos, e é pós-graduado em Filosofia e Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
nunespimenta@yahoo.com

Água Maria
Soeli Tiegs¹³

Dia de chuva Maria não gostava
Do rabo de Bonita molhado
a bater-lhe na cara
Do esterco a vazar...
Da mandioca cheia de barro
Do azevém pesado
Da lenha molhada
que o feijão não cozinhava
Da água suja
que o poço trazia
Dos banhos de sábado
que no latão esfriavam
Do chinelo de dedo
que o caminhar dificultava
dos seis quilômetros
quando ia estudar
Da barra do eslaque
que tinha de lavar
E em dia de festa
o sapato na mão
tinha de levar
para a sanga suja atravessar.
Mas a chuva jundiá trazia
e pescando embaixo da ponte Maria o tempo passar não via!
Pés descalços na lama
Novas vertentes vertiam
Na roça e no potreiro.
Também era dia de paiol
de milho debulhar
De costurar e bordar
de pipoca
com açúcar amarelo degustar
E de vida ver brotar!



¹³ *Soeli Tiegs*, natural de Alto Bela Vista/SC, nasceu em 18 de Junho de 1960, graduada em Letras Português e Inglês (UFPR), cursou Artes Cênicas (Teatro Guaíra/PUCPR) e é Consultora de Marketing. Obteve méritos em prosa e poesia, inclusive em espanhol (Alemanha, Argentina, Espanha, Uruguai). Publicou livros poesia *Ponteio* e *Aceite*.
soeli.tiegs@gmail.com

Alexandrinos (an)amnésicos

*Octávio Henrique Chames dos Santos*¹⁴

Uma noite, submerso no ressentimento,
Castigando-me por aqueles erros crassos,
Asfixiava-me tão estranho abatimento,
Atormentavam-me pensamentos devassos.

De repente, chegou-me um tal vazio, imenso,
Que alívio instantâneo trouxe ao meu sofrimento.
Naquele mesmo instante, de valor intenso,
Revelou-se-me o poder do autoesquecimento.

Depois daquela noite, todos os meus passos,
Ainda quando cheios de desconfiança,
Com menor hesitação são dados enfim.

Quando perguntado, falo sem embaraços:
Por certo, a minha mais alegre lembrança
É de ter conseguido esquecer-me de mim.

¹⁴ Octávio Henrique Chames dos Santos, nascido em 22 de março de 1994, 26 anos, estudante de Mestrado em Letras na instituição UNESP/IBILCE
octaviohenrique994@gmail.com

Ameniza

*João Guimarães Ramos*¹⁵

Sua ausência me faz mal.
Sua ausência me faz te querer mais,
me expurga.
Me perdi afogado em uma maré
de planos,

vejo as ondas tentando me levar para um
porto fixo,
enquanto as outras me puxam para o irreal.
Tua presença me permiti não fazer nada,
apenas congelo e fico a me perder no pis-
car dos teus olhos.

Não te querer só aumenta o meu querer.
Antes eu tinha esperança,
hoje tal sentimento se tornou uma lembrança,
uma ferida que torna a doer todo o dia.

Gostaria que o vento amenizasse essa dor
ou a levasse com ele para um lugar
distante.
Faço desdém para a esperança
e ela me retribui com uma acolhedora...
mentira!

Tenho fé no destino,
assim como tenho no nascer do dia.
Espero que o tempo me trague
uma grande alegria
de carnaval.

¹⁵ João Vitor Ramos Guimarães, natural de Vitória, Espírito Santo, nascido em 28 de fevereiro de 1997, 24 anos. Estudante de Letras/Português no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.
joaovitoramosguimaraes@outlook.com

Anemoia

*Cientista Poético*¹⁶

Preenche a caixa de tuas memórias.

Abra quando julgares necessário e traga pequenas gotas de teu passado para compor o teu presente.

Em hipótese alguma, acredita na tese de que recordações devem ser abandonadas em museus. Algumas sim, outras não. Guarda, sobretudo, aquelas que te fortalecem e dizem, verdadeiramente, quem és.

Tua existência é histórica! E, sem essa historicidade, nada és.

As melhores peças daquilo que foste precisam ser preservadas!

Lança também em tua caixa todos os teus sonhos. Vive-os, nem que seja no plano do simbólico.

Tua força pra continuar, muitas vezes, não virá do presente, muito menos do passado, mas do futuro.

Canalizarás energias de alguém que ainda nem és para continuar e seguir em frente.

Anemoia!

Anemoia é sentir saudades e nostalgia de um tempo que ainda não conhecestes.

Da imaginação...

Das tuas melhores versões passadas...

Dos sonhos...

De quem és...

De quem serás...

Nascerá a tua força e resistência!



¹⁶ Mateus Souza dos Santos, natural de Belém do Pará, nascido em 15 de julho de 1994, Mestre e Doutorando em Educação.
mateusufpa@gmail.com

Apneia

*Nayara Carla da Fonseca*¹⁷

Asfixiantes,
os pensamentos eternos de agonia,
Sufocantes,
as pressões do momento de desarmonia,
Gritantes,
os toques da pele fria,
Perturbantes,
as cicatrizes da palavra vazia,
Assediantes,
as lembranças de uma vida sombria,
como mãos que asfixiam,
que estupram,
que silenciam.
E você revive...
pois a lembrança vive
 (mesmo que involuntariamente)
no tempo presente
de sua memória.

¹⁷ Nayara Carla da Fonseca, natural de Sertãozinho-SP, nascida no dia 15 de fevereiro de 1997. É graduada em Letras pela UNESP Araraquara, e atualmente, cursa mestrado em Estudos Literários na mesma instituição.
nayara.fonseca@unesp.br

Aprazível Reminiscência

*Lucas Rosa da Silva*¹⁸

Que saudade me aperta
Do lugar onde nasci.
Uma nostalgia desperta
Do paraíso onde vivi.
Lá, tudo me encantava,
Das matas aos animais.
De longe se avistava
A beleza dos florais.
Para as águas do açude
Sempre olhava eu atento.
Numa completa quietude,
Aquilo era o meu calento.
Numa manhã fria e bela
O chocalho das vacas
ressoava.
Uma mulher no canto da
janela
A vida dos outros trinchava.
Ouvindo aquilo eu ria,
Minha mãe me reclamava.
O sorriso no rosto mantia
Pela situação que se
passava.
O dia era de chuva,
O pingo na telha batia.
Ligeiro a água avançava,
Na ponta do córrego surgia.
Saudades não mais terei.
Eu amo aquele lugar.
Um dia lá voltarei
Para ele poder admirar.
Debaixo das sombras deitar-me-ei
Do peito, a saudade se arranca.
Incansavelmente esperarei
O canto esplendoroso da asa branca.



¹⁸ Lucas Rosa da Silva natural de Pombal (PB), nascido em 03 de junho de 2003. Concluiu o Ensino Médio na Escola Estadual Arruda Câmara. Hoje, cursa Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
lucas03062003@gmail.com

Aquele rio
*Simone Röhrig*¹⁹

Eram águas escuras,
Mergulhei em alfabetos desconhecidos
Por quatro anos, afoguei minhas inseguranças e incertezas
Ao emergir respirei aliviada
Meus pulmões estavam cheios de ar, não só daquele,
que faz viver, mas do ar que me fez crescer.
Conheci as profundezas do amor a sabedoria,
dominei a filosofia.
Aquele rio tinha águas cristalinas
A escuridão era a ignorância do nada saber
Banhei-me no rio da filosofia, nunca mais
a mesma conseguirei ser.

¹⁹ Simone da Silva Röhrig do Nascimento, natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, nasceu em 04 de abril de 1971. Concluiu o Ensino Médio em 2016 pela modalidade EJA, é graduada e, Licenciatura em Filosofia – UFPEL. É poetisa e possui alguns poemas publicados pela Editora Pragmatha e na revista digital Caderno literário da mesma editora. “A perfeição, e/ou a beleza de uma poesia está no sentimento que é transmitido ao leitor.”
simonerohrig.sr@gmail.com

Aqueles dias passado!

*Nelson da Silva Filho*²⁰

Tentei esquecer a tua voz,
E até a maneira como o seu olhar me fazia perder a estrutura.
Tentei tanto,
Tanto quanto pude tentar,
Mas, todas as tentativas foram em vão.

Inácio o ardente, o que é como o fogo,
Queria poder te escrever coisas bonitas,
Coisas do tipo que te fariam suspirar.
Eu poderia falar sobre mil coisas,
Mas, todas essas mil coisas seriam infinitamente pequenas.

Eu me apego às lembranças,
Penso nos detalhes daqueles dias,
E me bate uma saudade do que aconteceu e do que poderia vir a acontecer.
O verão deixou de ser um estado e todas as memórias viraram outono.

Você me fez querer viver intensamente,
Achei que não seria possível, mas, você foi lá e provou ser capaz.
Eu te amei naqueles dias,
Você me desejou em cada segundo,
Então, onde está o erro?

Não entendo o final dessa história,
Me pergunto se o problema foi eu ou nós.
O que poderia ser feito para solucionar esses pontos?
Sinceramente, tentei!
Tentei de todas as formas possíveis,
Mas, continuo sem sucesso.
Os dias passam,
As folhas caem em minha porta,
E eu não sei até quando essa árvore continuará a ter folhas.

²⁰ Nelson da Silva Filho, natural de Angelim, Pernambuco, nascido em 06 de janeiro de 2000, tem 21 anos. Atualmente está cursando Licenciatura em História, 5º período.
nellsilva663@gmail.com

Asas de Borboleta

Heloise Vives²¹

Por favor me coloque nas minhas asas de borboleta
Eu costumava voar tão alto
Mesmo com os limites que o ar me dava
Eu olhava pela varanda e implorava
Para a gravidade não funcionar
Mas funcionava
E quando eu menos via
Minhas asas tinham sido tiradas
Dê-me minha máscara
De inocência passada
De espadas e castelos
E contos belos
Tempos em que palavras não eram
atiradas
Somente cantadas
Subindo e descendo escadas
Vestidos de lençóis de cama
Coroas de plástico falsas
Dançando em um baile de inverno
Como na bela e a fera



²¹ Heloise Cristina, natural de Manaus, estuda desde a 4ª série do ensino fundamental no Colégio Militar da Polícia Militar de Manaus, na qual concluiu o seu ensino fundamental no ano de 2021. “Geralmente, escrevia textos relacionados a escola, como redações e outras produções, mas com a quarentena, eu percebi uma paixão pela escrita que ultrapassava os limites das salas de aula e desde então, venho escrevendo prosas, poemas e contos.”
heloise.c.chaves@gmail.com

Assombrações

*Pamella Opsfelder de Almeida*²²

Chamava de Palácio
o sítio de meus avós.
Quando em sua terra primeiro sujara os pés
não tenho lembrança.

Abandono parental e coisa e tal,
como dizia a terapeuta,
por isso campeava o místico matagal
guiada pelos sussurros só ouvidos na infância.

Quando ia passear no bosque
antes que a loba viesse
as sombras das jaboticabeiras
derramavam-se por sobre meus olhos enfeitiçados
pelos tons iridescentes e enigmáticos
das asas das borboletas.

O farfalhar das árvores
murmurava cantigas
sobre uma mulher que em eras antigas
mandara construir ali um belo jardim.
Às vezes eu quase tinha certeza
de vê-la na meia-luz das seis da tarde
rodopiando com seus véus de cetim.

Eu a perseguia, tentando alcançá-la
entre as goiabeiras e limoeiros
mas ela sempre desaparecia
perto de onde as borboletas oitenta e oito voavam
— sempre em pares, enamoradas
como pequenas fadas
de asas listradas
em preto, branco e tons de vermelho.

Uma vez, perseguindo a moça translúcida,
tropecei em um tijolo
coberto de musgo e raízes.
Ao socorrer-me, minha avó me disse
que aquela que mandara construir os jardins
tivera um triste desenrolo
e que as brancas rosas que ela cultivava
tornaram-se carmins
com o trágico fim do namoro.

²² Pamella Opsfelder de Almeida, natural de Limeira, nascida em 04 de janeiro de 1998. Graduada em Letras e mestranda em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas. pam4.1.7@hotmail.com

Porém as flores que plantara
e os canteiros que cercara
após décadas ainda mantinham-se em seus lugares originais
como lembrança eterna
da moça tão terna
que naquele bosque
encontrara seus momentos finais.

No mato em putrefação
as borboletas oitenta e oito planavam espectrais,
sugando os fluidos em decomposição
das mangas e dos jaboticabais.

No meio do caminho para o Palácio em ruínas
tinha uma mangueira centenária.
As cigarras chiavam na tarde quente
quando perguntei à minha avó
por que em seu tronco
serpenteava uma corrente.

Uma borboleta oitenta e oito
pousou em meu pescoço
quando me disseram que a corrente no tronco
era de amarrar negro.

Senti uma ardência amena
onde antes sentira apenas cócega.
Foi então que lembrei-me
de que a *Diaethria clymena*
é uma borboleta hematófaga.

Tinha uma vala
Entre a casa-grande

E a senzala.

Bagagem

Valéria Pisauro²³

A casa antiga onde nasci,
Desconhecia horizontes,
Não havia tempo para ontem,
Tudo era poesia do faz-de-conta,
Vivia sem pensamento
De maneira que a vida tem.

Ao lado da casa onde me criei
Corria um riacho cansado,
Viajante sem nunca parar.
Passava perto, seguia ao longe,
Margeava a sentir o que se sente,
Destino incerto a abraçar o mar.

Ao pé da casa em que cresci,
Uma cruz de fé e devoção.
O sino e a missa domingueira,
Bênção e batismo de pagão.
Depois, os cantadores da feira
E as serestas em lua cheia.

Mas, o tempo passa sem desdém,
Segui estradas em desalento,
A inocência ficou para trás.
Na bagagem saudade crua,
Na casa antiga sonhos enterrei,
Que não me reconhecem mais.



²³ Valéria de Cássia Pisauro Lima, natural de Campinas-SP, tem 61 anos. Graduada em Letras, na Unicamp, exerce intensa atividade artística como poeta, roteirista e letrista.
valeriapisauro@gmail.com

Banco da praça

*Luisa Maria Garbazza*²⁴

Ali, sozinha, no banco da praça,
tão pensativa, um pouco sem graça,
sinto a alma se enlevar.

Pisco os olhos, suavemente,
e me entrego, de corpo e mente,
às cenas que por mim vejo passar.

Num banco pequeno, bem ao meu lado,
cabelos em cachinhos modulados,
alegre em doce brincar,
menina meiga, miudinha,
traz nas mãos uma bonequinha
que a mãe acabara de costurar.

Mais além, lá num cantinho isolado,
ingênua mocinha e seu namorado
amor eterno a jurar.
Sabiam que era verdadeiro,
o rapaz, fiel companheiro,
sempre juntos, o sonho alimentar.

Mais à frente, felizes e abraçados,
ela grávida, ele enamorado,
um casal a conversar.
Muitos planos sendo traçados,
o filhinho, tão almejado,
completaria, com graça, seu lar.

Perto do jardim das flores mais belas,
uma beleza mais pura e singela,
pude então observar:
a mãe e seu esposo amado,
de passos calmos, lado a lado,
aquele filho amado a contemplar.

Com o olhar caído, quase apagado,
sinto meu rosto de leve tocado,
sorriso a desabrochar.
O toque suave, o carinho,
do meu filho pequenininho
vem agora minh'alma renovar.

Então pisco os olhos, com veemência.

²⁴ Luisa Garbazza, natural de Bom Despacho, MG, nascida em 1960. É professora, formada em Letras. Escreve em prosa e em versos. Publicou livro de crônicas, um autobiográfico e 2 infantis. luisagarbazza@hotmail.com

Logo percebo, em quase demência,
a solidão do lugar.
Todas as cenas revividas
são lembranças adormecidas
que nunca, jamais verei retornar.

Bem Imaterial Tamborila

*Daniella Peneluppi*²⁵

Ao coração Feminino
Quero retornar
Para que a história queimada
Possamos restaurar
Mana Manga
Rosa Azul
Manhã Densa
Mares que Sou

Ah, Amar! Transcende notas em ondas
Na quebra do mar
Ah, mar! Protege o tambor de Minha Crioula
Que quero dançar

O fogo afinou tambor
Tambor vibrou ao ar
A saia da Crioula
Fogo não irá queimar!
Compondo o som de tradições
Que resistem pelo tempo
Socializamos conhecimento
Que não passam com o vento

Ah, Amar! Transcende notas em ondas
Na quebra do mar
Ah, mar! Protege o tambor de Minha Crioula
Que quero dançar

Entre Plânctons e Estrelas
Amor e o infinito
Indelével seja a força do
Universo Uterino
Essência em mulher
Mistério da poesia
Não há fórmula que resista
A sua alquimia

Ah, Amar! Transcende notas em ondas
Na quebra do mar
Ah, mar! Protege o tambor de Minha Crioula
Que quero dançar

Se em cada dia, Mulher,

²⁵ Daniella Peneluppi, natural de São José dos Campos- SP, nascida em 25 de Janeiro de 1979. Bacharel em Artes Cênicas, atualmente cursa Letras. É atriz, poeta, empreendedora cultural e mãe de Clarice. desmergulho@gmail.com

Compusermos uma canção
Que compassos seguiriam
As batidas de seu coração?

Branco Continente Aéreo

*Matheus E. Reis*²⁶

O banco de ferro está macio,
As margaridas roxas fincadas nos olhos dos mendigos
Estão girando,
A fada dentro do meu bolso está vibrando e saindo,
Os volantes estão buzinando bossa nova.

Branco continente aéreo,
Que o galho folheado aponta;
De ruptura paulatina;
De um sigilo cósmico nas asas do coelho gigante,
Com urubus surdos costurando sua aura
Que está descendo para nós.

²⁶ Matheus Eduardo dos Reis, cresceu no município de Austin, RJ, nascido em 1997. Completou o ensino médio no Colégio Estadual Raymundo Corrêa (Queimados), em 2015. Começou a escrever aos 19 anos. matheusce4a@outlook.com

Caixa de Retratos

*Gustavo CaZagrande*²⁷

Nessa estranha nova rotina,
De passar tempo, limpando e guardando,
Lavando louça, arrumando armários...
Descobri uma caixa de sapatos!

Fotografias docemente analógicas!
Cabelos e beijos de juventude.
Meu sorriso no colo de parentes.
Paisagens de gente abraçando-se.

Naturalmente, já não estavam todos acesos.
Outros, como eu, pescando sorriso,
No lago desmontado do meu passado.
Recluso, numa incerta caixa de fósforos.

O que me interessava de fato,
Nos abraços idos de uma foto?
Num retrato, sempre mora uma felicidade!
Souvenires postais da lembrança!

Saudades vindas, em velas de jangada!
No vento inexistente do passado.
Presente, para eu montar o mar de mim,
No puzzle de uma caixa de retratos!

Do saudoso engano desse passatempo,
Velejei atrás das únicas descobertas.
O lúdico começara a me ser fatal!
Quando armei a última peça do postal.

E já que estou numa película de sorte,
Respondo numa caixa de mensagem...
A vida não é só um longo passatempo!
Nem lembrança... é só uma colcha de retratos!

Quem andou calçado, aceso na caixa do passado,
Montando seu quebra-cabeça de gente,
Acendeu a vela, no bolo de si, na colcha da mesa
E viu a esperança vindo, numa caixa de presente!



²⁷ Gustavo CaZagrande é o nome artístico do poeta cearense Gustavo Nogueira Fernandes. Natural de Alencarião, nasceu em 09 de janeiro de 1973. Começou a escrever aos quinze anos de idade, quando teve duas crônicas publicadas no jornal do Sindicato dos Bancários. Nos últimos anos, dedicou-se mais à tinta da poesia, e ao convívio diário com poetas e agremiações literárias locais, de todos os estilos e gêneros, desde os ditos marginais, passando pelos de cunho filosófico e político, até os clássicos. Suas publicações poéticas, que somam centenas, alcançam seus leitores, pelas postagens em redes sociais. guganogueira.contatos@gmail.com

Caixinha de Lembranças

*Emmanuel Conserva de Arruda*²⁸

Atrás de todas as roupas
Zelosa na antiga caixinha
Uma lembrança guardada
Inocente ou apimentada
Fazendo gelar a espinha

Abrindo-a tão lentamente
Infelizmente meu coração
Viu seu segredo sagrado
Imóvel, tão bem guardado
Laçado com toda emoção

Lembrança de dias bons
Especiais e tão gostosos
Intensos e inesquecíveis
Tentadoramente incríveis
Eternamente prazerosos

Lacrei a misteriosa caixa
Com esse segredo vosso
Para ninguém mais abrir
Porém tenho que admitir
Agora o segredo é nosso

²⁸ Emmanuel Conserva de Arruda, natural de Princesa Isabel, Paraíba, tem 48 anos. Coursou História na UFPB, onde também fez mestrado. Apaixonado pelo sertão e pela cultura nordestina, é um grande incentivador da cultura de sua região. É membro da 'Academia Princesense de Letras e Artes', da 'Academia Brasileira de Letras e Artes do Cangaço', do 'Conselho Consultivo Alcino Alves Costa - Cariri Cangaço' e do 'Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista - UFPB'. Apaixonado por fotografia, foi ganhador do prêmio fotográfico "Paraíba dos Meus Olhos" e mantém nas redes sociais perfis que fazem a junção desta arte com a poesia.
emcoar@gmail.com

***Cartão postal para o dia 29 de outubro de 2005:
Um presente de aniversário
Lyniker Santos²⁹***

O canto de uma criança ecoa na minha alma
seus choros são secos e suas palavras inaudíveis
ela está retorcida, cansada e a ponto de explodir
paradoxalmente ela está a sorrir
por que insiste em parecer feliz ?

cheia de fragilidades ela é incapaz de dizer "eu te amo"
Acostumada a ser chutada ela coloca sua esperança na aprovação do mundo
o mundo a chuta e chuta.
Na religião ela se encontrou ? apenas por um pequeno tempo.
como Deus é pai ele também a abandonou.

Olho para ela e confirmo: então você chora ?
com esperança continuo: então você sabe dizer " eu te amo" ?
Então todos os sorrisos fingidos e pesados podem se dissipar ?

Eu e a criança entramos em uma dança onde ninguém pode nos alcançar
eu sorrio para ela e ela para mim.... já não é pesado
O "eu te amo" ainda não consegue sair de sua boca
Mas ela canta para mim todas as canções de ninar que já a machucaram.

Meu sorriso brilha
ele não é pesado como antes
na dança nós nos completamos ?
minha criança tímida não diz nada
chegou o meu tempo,
tempo de silêncios livres.

²⁹ Lyniker Martins dos Santos, natural de Franca-SP, tem 23 anos. Estudante na instituição Faculdade de Filosofia e Ciências - FFC - Unesp - Marília.
lyniker_martins@outlook.com

Casa d'avó

*Denivaldo Piaia*³⁰

Lembro-me da velha casa
Nela morava minha avó
Chão de tijolo
Fogão de lenha
Cheiro de feijão e de aconchego
Telhas enegrecidas
Medo de fantasmas
No canto da sala o oratório
E diante dele todos diziam amém

Hoje uma nova casa
Nela não está minha avó
Piso de vidro
Design interior
Cheiro de pinus, frio de floresta
Tudo tão só
Medo da solidão
No lugar do oratório a TV de plasma
E diante dela todos dizem amém



³⁰ Denivaldo Piaia, natural de Campinas-SP, nascido em 4 de fevereiro de 1956. Formado em Comunicação Social-Jornalismo.
dmdj2017@gmail.com

Casinhas Azuis
*Guilherme Brasil*³¹

Às vezes a palavra é um estorvo.
Por exemplo:
como escrever o meu deslumbramento de criança,
que morava no meio do mato,
ao ver o mar?
Como palavrificar a velha banheira verde em que submergia nas férias,
rodeado de patos, navio e dinossauros,
com minhas costas sendo desincrustadas pela minha avó?
Qual é a morfologia do seu sorriso engilhadinho?
Não existe adjetivo pro seu cafuné
nem pras suas histórias
nem pras suas saudades.

Às vezes a palavra é um estorvo
Às vezes a palavra é
Socorro.

³¹ Guilherme Brasil, natural de São Paulo, nascido em 19 de novembro de 1984, dia da bandeira. Mais brasileiro, só sendo verde e amarelo. Fez Marketing, mas sonha em ser ator. Hoje faz crônica, poesia e teatro.
brasil.1911@gmail.com

Cemitério das almas perdidas (Lembranças)

*Thiago Ferreira Barbiero*³²



Esqueçam-me no cemitério das almas perdidas,
No oásis profundo de Jericó,
Numa sombra com preces sortidas,
Com melodias tocadas sem Dó.



Peçam-me desculpas diante de uma pintura,
Feitas pelo pintor chamado Vicente,
Regando os girassóis com a água mais pura,
Como aqueles arrepios que dão na gente.



Suportem minhas lamúrias estridentes,
Na madrugada dos lamentos ignorados,
Sob satélites girando, estrelas cadentes,
e uma sonata tocando ao meu lado.



Escrevam no meu túmulo abandonado,
No tal cemitério das almas perdidas,
Em um pedaço de madeira envernizado:
- Tentou ser poeta nessa bendita vida.



³² Thiago Ferreira Barbiero, natural de São José do Rio Preto – SP, moro há mais de 20 anos nas margens do Rio Paraná em Guaíra – PR. Graduado e pós-graduado em farmácia e poeta de coração. thiago.cica@hotmail.com

Chaves do Tempo

Audhara Myr³³

Abro as portas
de minhas lembranças
em saudades felizes
e memórias vivas,
que habitam
cada canto
de minha essência
ao lembrar você, em mim...

Numa viva nostalgia,
quando olho,
ouço,
cheiro,
degusto,
toco
e sinto os nossos caminhos que já se foram,
no átimo do agora,
recordo sua presença existente
em cada flash do passado,
em todo espaço do presente
e no fluxo do futuro,
em contínua existência universal..
Na certeza de que todos os meus sentidos
materializam sua vida em mim
como chaves do tempo,
que se abrem e se fecham, se abrem e se
fecham,
em saudosos momentos
de lhe ter presente outra vez, sempre, aqui...

E, nos portais infinitos da minha mente,
ao me lembrar do que éramos,
e ver o que neste momento somos, em
conexão,
imaginando ainda o que, eternamente,
podemos ser,
renova-se, em plenitude,
com todas as minhas percepções atemporais,



³³ Audhara Myr, natural de São José dos Campos-SP, nascida em 26 de março de 1974, e residente em Varginha-MG. Há alguns anos, é docente da educação básica e de graduação na rede federal de ensino, com formação em Letras, mestrado e doutorado na área de atuação. Tem outros textos poéticos publicados em antologias locais e regionais. O cotidiano e suas percepções, em torno do que cada palavra oferece como possibilidade de sensações e reflexões, são algumas de suas motivações literárias para registrar a vida em poesia.
edigonfer@gmail.com

a grata certeza
da sua *presença-lembrança*
em mim...

Cheiro de Café

*Mara Lúgia Biancardi*³⁴

Cheiro de café
lembra infância
quando se acorda
e aquele cheiro
e s t o n t e a n t e
pelas narinas
é s a b o r e a d o

Cheiro de café
lembra avó
quando em sua casa
ela corre servir
café com bolo
o café nem toma
mas só o seu cheiro
o todo p e r f u m a

Cheiro de café
lembra vida
a vida de todo dia
o relógio desperta
o apito da fábrica toca
o anseio do dia não espera
madruga, toma um c a f e z i n h o
trabalhar, bora?

³⁴ Mara Lúgia Biancardi, natural de Jundiaí, São Paulo, nascida em 16 de agosto de 1967, 53 anos. Graduada pela USP, estudante de pós-graduação (EAD) do curso Literatura Contemporânea, na faculdade UniBF.
mlbianca@uol.com.br

Cheiro do café sendo preparado pela manhã

*Anna Cristina*³⁵

Alguém do meu lado, servindo o respaldo
Não importando a coloração do amanhecer
Dia cinza ou graviola
Eu temo é ficar sem viver

O vento bate na janela
Literalmente, faço uma festa
Buscando perguntas em frestas
Que não temem serem desvendadas
E, sim, a compaixão por não serem
verdadeiramente, libertadas

Lembranças da memória se vão
Mas não o calor que restou da sua mão
O beijo perpétuo no meu coração
Me diz que não chegou a hora de parar de lutar
Mas quando foi que pensei em o refutar?

Deixo o café de lado e fecho a janela
A aquarela na minha alma penetra
Me dá respostas onde havia um velcro
Que escondia a verdade do verdadeiro
Quem foi que disse que para viver de passado
Precisa estar inteiro?

³⁵ Anna Cristina Silva dos Santos, natural de Franco da Rocha/SP, tem 19 anos. Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Paulista, e aspirante a poetisa em período integral. Já na infância possuía um apreço enorme pela arte em geral, encontrando na poesia a minha melhor forma de expressão. Aos 16 anos, teve um poema escolhido para a “noite da poesia” de sua escola e, apesar de não ter chegado ao terceiro lugar, encontrou motivação o suficiente para continuar escrevendo: “a possibilidade de ser eu mesma”. Desde então, procura enfatizar a arte em todas as suas ações, visando à prática da empatia, que pretende utilizar em minha carreira profissional, além da artística.
annacristinasds@gmail.com

Cheiro de casa

*Matheus Ribeiro Pereira*³⁶

Está na fumaça do café.
Até no cheirinho do chulé.

No perfume do sabonete líquido.
No cheiro das cobertas nos dias de frio.

No frescor do arroz soltinho
E até no cheiro daquele armário velho e vazio.

Na essência do *shampoo*, que é de bebê.
No aroma de tudo que é bom de comer.

No borrifar do desodorante desconhecido.
No cheiro daquele biscoito vencido.

No cheiro da manhã dos meus dias
E, também, no cheiro das fragrâncias perdidas.

No cheiro de tudo que lembra a sua estada.
Meu amor tem cheiro de casa.

³⁶ Matheus Ribeiro Pereira, natural de São Gonçalo, nascido em 31 de julho de 1992. É Mestre em Gestão da Economia Criativa, Especialista em Comunicação Organizacional Integrada e Bacharel em Comunicação.
matheusr419@gmail.com

Classificado pé de página

*Celso Antonio Lopes da Silva*³⁷

Reclamem **Zé Pedro**, por mim, suplico!...

Nome de batismo: José Pedro da Silva.

Há de haver esse crédito, afirmo.

Gritem nas roças, nas praças, anunciem no alto-falante...

Acessem a internet, se preciso; liguem nos centros, países, vielas,

Informem-se em todos os bairros: **Zé Pedro!**...

O menino de calças-curtas, botinas enlameadas e camisa xadrez...

Um rosto sereno - *redemoinho no cabelo* - e os olhos à procura do futuro.

Há de estar por aí, asseguro!..

Zé Pedro. Desaparecido na quarta série primária.

A voz envergonhada camuflando todos os sonhos...

Trabalho, coragem, luta e uma dor indecifrável serão pistas.

Não há bilhetes, porque essa gente não manda, faz!...

Reclamem **Zé Pedro!**

Olhem arquivos, armários, fichas escolares...

Confirmam a letra, debrucem sobre ela:

uma caligrafia inconfundível, as inclinações...

Afinal, o que é mesmo a Vida?

Grafoscopia, linha das mãos, destino ou ironia?

Revirem tudo, decifrem hierógrafos, se preciso.

Visitem a Bíblia, usem o DNA, ou seja lá o que for!...

Procurem **Zé Pedro**.

Suplico pensamento positivo; façam corrente até.

Não há dúvidas, é pura dívida:

Precisamos desse patrimônio vivo!...

Mestres, perdoem-me se insisto,

mas puxem pela memória.

O primeiro da fila - *tímido, matuto,*

uniforme azul e cinto...

Um sorriso meio ingênuo,

um gesto meio adulto...

Ah!...reclamem **Zé Pedro!**...

Ah!...Se vissem, ouvissem e soubessem

como ele rezava o beabá dos animais e a ciência das plantações:

(os rios, o sol, a lua, os campos, as matas, as estrelas e a chuva...)

Reclamem **Zé Pedro**, insisto.

O menino, a criança, o jovem...

³⁷ Celso Antonio Lopes da Silva, natural de Guará, interior do estado de São Paulo. O autor está radicado na capital paulista há vários anos e tem formação em Letras e Literatura Brasileira. elipse84@terra.com.br

O homem... onde estiver que me ouça:
receio a história, todas as histórias,
sem o justo e verdadeiro herói!...

Como espinhos

*Maria Pia Monda*³⁸

O encanto de algumas cenas,
transfiguradas pela sabedoria da deslembração,
revela os limites da minha memória.
De que adianta sonhar,
se fecho os olhos e não te vejo?
Quero te lembrar como não deveria,
porque eu te queria como você não era
e construo novas lembranças
para não perder nada que nunca possuí.
Paredes sutis, de palavras, silêncios e beijos
que fecham uma casa precária,
onde sempre morei e moro sozinha.
Os traços que você deixou são sinais de vitórias perdidas.
Nas maçanetas de portas trancadas por fora,
suas impressões digitais são um código morse
que me morde por dentro.
Porque as lembranças são como espinhos
no caule de uma rosa murcha:
Quando não há mais beleza,
resta apenas a dor,
Pétalas mortas que não mais têm cor.



³⁸ Maria Monda, natural de Nola (Itália), tem 40 anos. Graduada em Letras Clássicas, na instituição Università degli Studi di Napoli Federico II.
mariamonda1981@gmail.com

Com que roupa?

Elea³⁹

O corpo, doutor
O corpo continua igual
O problema é a roupa, sabe?
O tecido pinica
O tamanho aperta
As botas, doutor
Elas não me levam mais
A lugar nenhum
A gola
A gola enforca
Até a maquiagem derreteu
E a roupa
Em vez de aquecer
Gela
Eu fico gelada
É um figurino enferrujado
Do tempo, sabe?
Empoeirado
Engavetado
Encarquilhado
É, é esse que estou vestindo
Uma tragédia, doutor
Claro que eu tentei tirar
Estou tentando
Mas não acho outra roupa
As lojas
Só encontro fachadas
Todas fechadas
Meu personagem foi cortado
Virou elenco de apoio
Figuração
Caiu
Eu restei crânio da dúvida
Essa roupa toda traçada
A naftalina vencida do teatro

³⁹ Elea Gomes Mercurio, natural de São Paulo - SP, nascida em 14 de janeiro de 1983. Estudante de Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, tem formação livre em roteiro e dramaturgia.
mercurioelea@gmail.com

Descompasso

*Larissa Teodoro Sousa*⁴⁰

Dos dias de paz intensa
Resta apenas o morno da pele
O amargo na língua
Dos olhos fechados
A pausa, a fenda do tempo
Me deixa deitar em teu descanso
No teu rosto manso
O riso ecoa distante
Posso ainda achar os fios que nos ataram
O frescor do amor breve invade as paredes
Pequenas demais para tua presença
Ainda que ela seja só ausência
Preso no meu suspiro
Esse invólucro onde me reviro
Sem jamais ser a mesma
Serva da tristeza
Pelo simples prazer
De apenas aqui na mente
Pelo pouco que me é suficiente
Nunca deixar dissolver



⁴⁰ Larissa Teodoro Sousa, natural de Alfenas-MG, tem 25 anos. Bacharelada em Ciências Sociais na Universidade Federal de Alfenas.
larissateodoro16@gmail.com

Decisão

*José Ailo do Nascimento*⁴¹

Eu decidi me dar mais uma chance
Mas para que, se o céu não está mais azul
Se as ondas não quebram mais em meus pés
E o café está frio na xícara

De que vai servir essa chance?
Se o andar já desandou
O mingau desonerou
As horas não passam
O vento se solidificou

Para que essa decisão?
Se ela não tem paixão
É frígida, seca e sem cor
Então tome de volta
Minha chance
Ela não me fez melhor.

⁴¹ José Ailo do Nascimento, natural de Acaraú – CE. É cursado em diversos cursos, como Capacitação de agente cultural pela Fundação Demócrito Rocha (2020), Literatura Cearense pela Fundação Demócrito Rocha (2020), Elaboração de projetos sociais pela Escola de Gestão Pública do Estado do Ceará (2020), Ciclo de Formação em gestão e produção cultural pela Mercúrio Gestão, Produção e ações colaborativas (2020). Atualmente é idealizador do site PS_AYLO e na plataforma Instagram compartilha poesias, versos, pensamentos e sentimentos. @ps_aylo
ailojuan@gmail.com

Desventuras de amor

*Fernando Dumard da Gama*⁴²

Por que amar? Se amar é sofrer
Por que temer? Se é possível viver
A proeza de ter certeza
é uma dádiva da natureza.

Pela manhã, faço um poema
pela noite, recito-o com voz serena.
Antes, pensava em insistir
parado e atordado, refleti.

Logo, de persistir, cansei
amar-te nunca mais me permiti
agora só de lembranças viverei,
pois de ti, apenas incertezas recebi.

⁴² Fernando Dumard da Gama, natural de Niterói (RJ), nascido em 24 de março de 2005, tem 16 anos. É estudante do 2º ano do ensino médio na rede pública estadual, na instituição CIEP 449 Brasil-França. fernandodumardg@gmail.com

Deixa

Marlene Marques ⁴³

Quantas tenho? Da infância, distante, nos confins, - da adolescência longínqua, - da juventude contestadora, - da vida adulta e da maturidade. Muitas!

Lembranças!

Da infância, tão diferente da atual,
da escola, trabalho e os momentos de brincar.
dos sonhos, nunca realizados, e
da violência, e mazelas que persistem.

Do auge de uma época,
os “Anos dourados” da USA.

A televisão, semeando valores para o mundo,
que copiava e assimilava, apegos alheios.

Novo Tempo? Não!

Uma certa maneira de viver, na urbe.

- a moda, Flower Power e seu arrojo,
a vida leve que brotava feito tufão,
que vinha logo, dizendo, trazemos:
a música, o rock and roll, o cabelo,
“pigmaleão”, a minissaia, símbolo
da luta das mulheres de uma época.

A moda ousada, as cores berrantes
e o manual a ser seguido.

O mundo impetrar!

Adolescentes e jovens, nunca e nada
a contento, e tudo a contestar.

Negar raízes, admirar e copiar, o outro.

Diante do espelho, sonhar com
a “Bossa Nova,” e seus encantos,
quanta vontade de viver a vida,
sem medo de errar, ousar e arrasar.

O tempo imperceptível levou, a juventude,
e quase tudo, sem que eu notasse.

Adulta, sonhos desafios, reinventar-se!

Assumir a vida, acertar, errar e retomar!

Estudar, criar filhos, trabalhar,

Estear a carestia, crises e dificuldades.

Uma pandemia e seus holocaustos,

Ser importante para alguém, viver
tudo, um repente, (re)corda!

Garra e confiança, no Criador, frente

⁴³ Marlene Marques, natural de Lajeado/RS, nascida em 1955. Vive em Toledo/PR, desde 1964. Graduada em Filosofia. Especialista em Teorias da História e História do Brasil, pela UNIOESTE/PR. Mestra em História Social, pela UFF/RJ. Professora na rede Pública e Privada, por 47 anos. Autora de Livros Didáticos de História do Paraná, (4º e 5º Ano): Ed. BASE: 2008/2011 e 2013. Fundadora da cadeira 26 da Academia de Letras de Toledo; membro do Clube da Poesia e da União Brasileira de Trovadores – UBT Toledo/PR. Aprendiz de escritora, com premiações em concursos literários. mmarque.historia@gmail.com

a maturidade e a coragem para agradecer.
Sou!
O que lembro, do que passou”.
Sou uma *deixa*, aqui estou!

Dias Destilados

Manoel Idelfonso Paz Landim⁴⁴

Tudo é fácil quando o peito não se aperta,
E os cuidados se vão em medos alheios,
Deixando certezas protegidas.
Quando lágrimas descem brandas
E corações protegidos, amparados
De desafios esquecidos
Não se atentam ao impossível.

Mas
É a fervura quem desafia
Sem proteção, desafio de forças
Atiçando certezas
Apostas de convicção
Jogos abertos
Expostos na mesa

Diz!
Diga-me.
Exponha-se!
Desafie-me!
Encha-me da alegria de sua dúvida
Coloque-me na sua indecisão
Apalpe-me as entranhas
Siga meu cheiro.

Atire-se em mim
Falte-se o chão
Caia-nos os céus aos pés
Ampare-nos o nó
Beba-nos!
Engarrefe a ajuda de su'alma
Pra salvar nossa vontade.

Dia destilado

O amanhã é seu!
Dia destilado em fogo tonto
Morno, insosso
Ineficaz, banho-maria
Encruado.

⁴⁴ Manoel Idelfonso Paz Landim, nascido em 08 de dezembro de 1964, residente na cidade de Jales, interior do estado de São Paulo e é escritor inédito. Graduado em medicina, com poesia servindo de armadura.
milandim78@gmail.com

Mas,
Não somos isso!
Exploda-nos, arrebente
Pegue-me em nós e assopre nossa brasa
Acenda-nos respirando
Apague esse ar medroso
E seremos
Pouco menos do que
O resto do cheiro vindo de nós

Distante
Cocota-San⁴⁵

Quando eu estiver distante
Tão distante
Que só restar o azul,
Ainda verei teus olhos
Tão distantes, tão distantes
Num surrado índigo blue.

Quando eu estiver distante, bem distante,
Arrumando em fileiras as prioridades da memória
E só restar a singular saudade de ti
Ainda ouvirei em minha lembrança
Tão distante, tão distante,
Os cantos e os lamentos do blues.

No silêncio infinito entre duas vogais abertas
Na cisão entre o ciano e o magenta,
Enquanto a solidão se pinta de nanquim
Ouvirei um canto
Allegro, de um garoto cantante,
Abrindo os braços, sorrindo pra mim,
Como se regressasse a vida
Gravitando fora do ventre materno
Com o sorriso triste e matreiro
Da transfiguração do amor
Produzido de nós mesmos.



⁴⁵ Marcos Antonio Campos natural de Natal, nascido em 26 de Abril de 1951. Graduado em Letras pela UFRN. Publicou os Livros “Um bêbado sonhado babel” e “Algodão Doce”.
cocotasan1951@gmail.com

Do rio que de mim escorre...

*Juliana Medeiros Pinheiro*⁴⁶

Quando às madrugadas
sua lembrança me perturba
percorro as mãos em meu corpo
imaginando as suas.

Elas dançam pelas minhas coxas
acariciam meus mamilos
arranham devagar minha pele
desvendam meus labirintos.

Tocam de leve minha nuca
O corpo relembra nossas memórias
Seu gosto, seu cheiro, temperatura
Constroem, em minha carne, histórias.

Imagino seu beijo, seu toque
seu semblante de prazer
Gozo desse momento
em que na imaginação somos eu e você.

Assim, extasiada e cansada
inebriada adormeço,
e essas noites inventadas
É delas que nunca me esqueço!

⁴⁶ Juliana Medeiros, natural de São Paulo – SP, nascida em 31 de dezembro de 1986. É escritora e artista formada em Com. das Artes do Corpo, especialista em Gestão Cultural e Artes Visuais, premiada em festivais com poemas e contos autorais.
julianamedeiros.art@gmail.com

Domingo

*Priscila De Bom*⁴⁷

Domingo tem aquele cheiro de lembrança
do tempo em que éramos criança
De casa da avó
Repleta de primos jogando dominó
Bingo e bola de meia
De mesa cheia
com macarronada e tutu de feijão
Ah! Como era bom
De refrigerante sem culpa
Da toalha de cetim
De discussão com pedido de desculpa
De gargalhadas sem fim
Daquele frango que só ela fazia
Depois, a mesa ficou vazia
E a gente nem se deu conta
De que a maionese não ficou mais pronta
De que a coca-cola virou veneno
De que é difícil ser adulto, ir crescendo
Talvez aquilo fosse um culto
E a gente nem sabia
Que aqueles almoços, um dia
Seriam motivo de nostalgia.

⁴⁷ Priscila De Bom, natural de Poços de Caldas/MG, nascida em 22 de julho de 1981, tem 39 anos. Funcionária pública. Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica/MG. Pós-graduada em Direito Público.
pridebom@hotmail.com

Domingo A Beira Mar

*Daniele Pereira*⁴⁸

Sabe aquele momento,
Em que você fecha os olhos
E pesa na sua consciência
Algo que ficou inacabado...
Isso acontece comigo
Eu queria ter a magia!
Não quero ver o futuro.
Quero mesmo é voltar ao passado.
Consertar algo que fiz!
Algo que me deixa embaraçado.
Quem me dera isso fosse possível,
E eu lá pudesse voltar.
Naquela tarde de domingo,
Um domingo a beira mar
Te abraçaria apertado,
Diria o quanto és importante...
Mas você se foi,
Sua vida foi ceifada.
E cá estou eu! Revivendo como posso
Aquela tarde de domingo,
Um domingo a beira mar
Em que você me mostrou
O que é ser amigo de verdade.

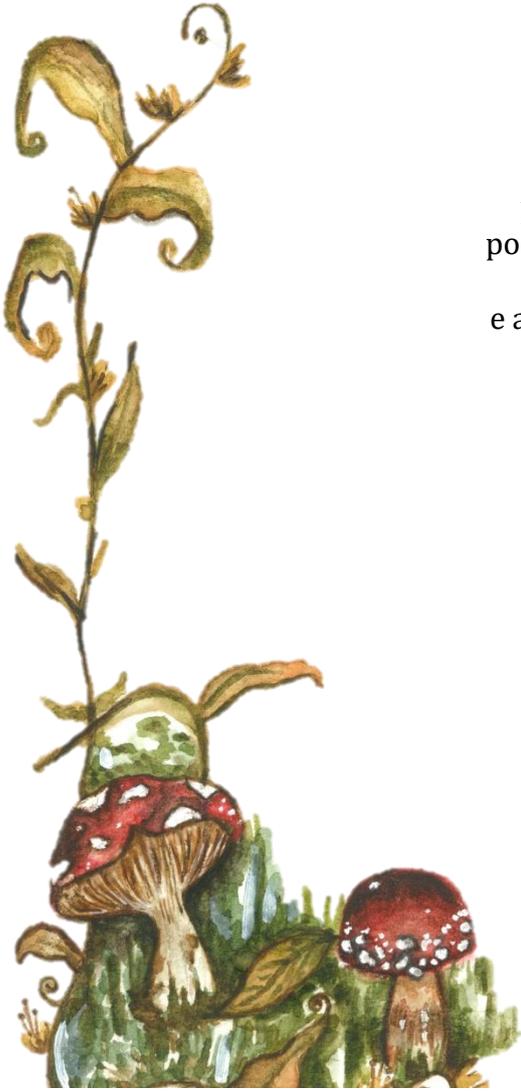


⁴⁸ Daniele Pereira, natural de São José da Lagoa Tapada- Paraíba, nascida em 23 de julho de 1990. É Professora de Língua Portuguesa e Literatura da rede estadual da Paraíba, Graduada em Letras pela UFCG, Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela UCAM. Autora do Livro Perfil, (Clube de Autores 2020) em parceria com Nilson Rutizat. É apaixonada pela literatura e fascinada por livros. danywelyng@gmail.com

Efeito colateral

*Isabel Furini*⁴⁹

meus dentes
mordem lembranças
minha boca
permanece torta nas fotografias
pois eu tenho os gritos do anonimato
(gritos abstratos)
e as lembranças de perdidos amores
incrustados
entre a língua e o palato.



⁴⁹ Isabel Furini, natural de Buenos Aires, Argentina, nascida em 1949. Graduada em Licenciatura em Filosofia pela FOINAR, Argentina, 1972, (Livro 2, folha 1819). Autora do livro "Os Corvos de Van Gogh" isabelfurini@yahoo.com.br

Efêmera passagem

*Benimar Oliveira Barbosa*⁵⁰

Quando eu for vou embora,
não deixarei rastro algum.
Andarei a ermo apagando marcas,
fragrâncias ou essências.

Não quero queixas, nem lamentos
apenas que permita-se ir.

Não preciso que ninguém me siga.

Andarei só, com as minhas asas abertas
sob o sol que se abre sobre os dias.

Não quero memórias a me acompanhar,
pois somente o horizonte será o meu único amigo fiel.

Não pensarei nas horas, nem nas mortes.
somente em mim.

Não procurarei explicações em fotografia amareladas
e deixarei que as linhas de fumaça contem a minha ínfima história humana.

Lançarei ao vento a minha lama humana
sobre os meus detratores para que eles, cegos,
difamem com regozijo, a minha existência.

Não desviarei mais o meu passo,
um milímetro sequer do traçado por meu coração.

Não mais me venderei aos brilhos enganadores
paridos da eloquência de promessas vãs
que tanto me iludiram, mas que agora,
os renego com a fúria de canibais.

Em uma parede qualquer
deixarei o registro de um sorriso,
de um olhar, mas ninguém poderá alcançá-lo.

Partirei em breve
e deixarei apenas lembranças da minha efêmera passagem.

⁵⁰ Benimar de Oliveira Barbosa, natural de Fortaleza/CE, tem 57 anos. Graduado em Filosofia (Universidade Estadual do Ceará), atua como professor. É poeta, escritor e arte colagista. Participa de saraus e exposições.
benimarbarbosaoliveira@gmail.com

Em lembranças homófonas

*A-efe*⁵¹

Para (c/s) errar o silêncio profundo do cais
Recenseei meus anoiteceres
Em (c/s)enas.
Despi-me.
Da minha cama
Fiz porto de prazer.
Colecionei naufrágios.
Naveguei em mar aberto
No in(c/s)erto do sexo.
Senti cheiro salgado do mar
Expelidos por poros despídos.
Ouvi monossílabo
Com c e com s
No bulíçio e desenlace
Em con(c/s)ertos de prazer.
Degustaram-me abaixo do meu (c/s)into
Íntimo.
Usufruíram da minha pele pelo avesso.
Afoguei-me
Em mergulhos escuros.
Naveguei vagorosamente
Nas madrugadas
Até atracar de volta ao cais.
Isolada
Escapei da melancolia compondo
(c/s) em lembranças homófonas
Na travessia das manhãs.

⁵¹ Adriana Francisca de Medeiros, natural de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte, nascida em 17 de dezembro de 1970. Em 2018 foi classificada no concurso “o feminino na poesia: antologia de professoras poetas” e teve seu poema AMORMAR publicado no livro da editora “Todas as Musas”. “Apreendi com as letras andantes, esquecidas e dissonantes que poesia é traduzir-se, mesmo que o leitor não seja fluente íntimo”.
afdemedeiros@gmail.com

Entre Fotografias e Cicatrizes

*Jéssica França*⁵²

A fina camada de poeira já se acumula.
Os cantos amassados, a tampa mofada
Caixa-lembrança: carrega dentro de si
O passado meu e teu.

Fotografias carcomidas por traças,
Desbotadas pelo tempo.
Resistem.

Quando então começo a esquecer teus traços,
Nesse descompasso de meu cérebro, volto à caixa:
A saudade contada por retratos envelhecidos.

Na fotografia, o tempo não corre. Fica eternizado.
Tua imagem será então pra mim sempre esta:
Cabelo para trás, bigode aparado, um sorriso tímido,
Camisa de botão, calça de tergal, pernas cruzadas
Em sua cadeira verde.

Sussurros de lembrança. Tua voz,
Que não consigo dizer se grave ou suave,
Volta a dar-me instruções:
“Mexa assim com o canudo. Isso.
Faça espuma e sobre devagar”.

“Veja só, vovô, a bolha está voando.
E nem tem asas”.
Sozinha, senti que deveria deixar
Que as bolhas alçassem voos mundo afora. Sonhos.

Subi na tua cadeira verde favorita.
Só o que recordo disso são os pontos no joelho.
Instintivamente, contorno com os dedos
A marca mal cicatrizada nessa pele
Que esticou e envelheceu, num corpo que ainda é meu.

Marca que traz a mim
A tua presença.
Como essa fotografia.

⁵² Jéssica França, natural de Volta Redonda – RJ, tendo vivido a maior parte de sua vida em Barra Mansa, nascida em setembro de 1989. Graduada em Letras (Português/Literaturas/Inglês), pela UFRRJ; Mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura, pela UFSJ e doutoranda em Estudos Literários, pela UFJF. “Gosta de escrever seus rabiscos desde ainda criança... Possui uma cachorrinha, Luna, que é a luz de sua vida.”
jessica.franoli@gmail.com

Entrementes

*Noi Soul*⁵³

Memórias ou lembranças,
O que guardo em mim?
Peças
Passos
Viagens
Vivências
Ausências

O que guardo em mim?
Paisagens
Cenários
Atores
Sensores
Presenças

O que guardo em mim?
Pensares
Sentidos
Tormentos
Alentos
Insistências

O que guardo em mim?
Retratos
Rostos
Desgostos
Sabores
Dores
Pungências

O que guardo em mim?
Memórias ou lembranças?
Desta ou de outra era?
- Ah, doce e vil quimera
que tanto vem me assinalar!

Guardo em mim
Saudades
Abraços
Afetos
Laços
Imagens

⁵³ Nascida em 04 de agosto de 1992, em Vitória da Conquista. Graduada em Nutrição e graduanda em Formação Pedagógica em Artes. Participante de diversas Antologias poéticas, dentre elas a Antologia Poética Café com Poemas, Editora Cogito.
noiane@outlook.com

Que o tempo - este danado!
insiste em emaranhar

Guardo em mim
Os dias cinzentos
As noites lustrosas
As espigas-bonecas
Os candeeiros acesos
A fumaça da lenha
As lendas de terror
A missa de domingo
O riso do meu pai
O colo da minha mãe
As travessuras quietas

O tempo
- Ah, tempo!
Que nem, sequer, existia!

O que guardo em mim?
Guardo o mundo
Guardo tudo
Guardo a vida
Guardo a despedida

São lembranças ou são memórias?
- Não sei bem dizer!
Estão todas aqui
como sombras amigas
- E estilhaçadas
do sono ao alvorecer!

Epifania

*Amanda Coelho*⁵⁴

A manhã nasceu sob o manto de uma neblina melancólica
E o céu se revestiu de um cinza solitário.
Minha mente se perdeu
E voou para lugares que um dia conheci.
Senti-me miúda
Sob a imensidão pesada do firmamento.
E quis ir para casa
Achei que seria mais fácil.
E senti saudade
Como quem acaricia a memória das manhãs
úmidas na varanda
Com cheiro de chá de camomila, terra molhada e
infância.

Às vezes me inundam esses momentos passados
E sinto que
Se estender a mão dentro de mim
Iria encontrar algo morno e bonito
Algo para onde eu desejaria voltar.
Que tem um contorno indefinido
Mas tão familiar.
Que é tão meu
Quanto é distante e inalcançável.

Foi como num piscar de olhos, o tempo passou.
Como o virar de uma página, tanto tempo passou.

E senti saudade
Daquela varanda distante
Feito de pedra e memória
Pesando dentro de mim.

O céu se rompe
A manhã está nuviscando.
É onde um dia eu conheci
Dentro de mim
Que descubro que sou uma parte minúscula
Do ontem e do hoje
Dançando sem compasso em uma existência que me foi emprestada
Por um enorme universo.



⁵⁴ Amanda Barbosa Coelho, natural de Petrolina – PE, nascida em 30 de novembro de 1995, tem 25 anos. Atualmente graduada em Direito pela Faculdade de ciências aplicadas e sociais de Petrolina. amanda-barbosacoelho@hotmail.com

Esque cimento

*Valquíria Gesqui Malagoli*⁵⁵

Embora não haja vida sem elas...
para isso se constrói memórias:
para perdê-las.

Só vive quem se perdeu
mas prendeu
nos vãos da história
a si
o sim
o não
os seus

⁵⁵ Valquíria Malagoli, natural de Jundiaí – SP, nascida em 27 de setembro de 1968. Possui ensino médio completo, é autora de livros, em verso e prosa, para os públicos adulto e infantil; letrista em parcerias com músicos de MPB, Rock e Jazz, além de colaboradora de veículos de comunicação. Foi presidente por duas gestões da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí. É entusiasta das Letras e das Artes, detentora de prêmios, entre os quais o Saraiva, na categoria infantil (poesia), em 2014, lançou recentemente a RevistABISMO, no intuito de também premiar, por meio de divulgação virtual gratuita, outros artistas dos mais variados segmentos. Promoveu com significativa adesão o Concurso Museu da Pandemia, nas categorias Literatura e Artes Visuais, em 2020. Mesmo ano em que, após um período dedicado a ministrar oficinas e desenvolver atividades afins no amplo universo das criações, voltou a publicar: “Excertos” (poemas – Telucazu Edições) traz, inclusive, ilustrações em aquarela que revelam sua mais recente experimentação, no caso, enquanto artista plástica.
valquiriamalagoli@gmail.com

Eu já não sei mais tudo

*Isabella Consentino*⁵⁶

Eu imaginava saber tudo
Sobre o mundo
A vida
As pessoas

Afinal, eu já sabia quantos anos as tartarugas viviam
(cento e cinquenta anos na natureza, as vezes mais se tiverem umas as outras)
Que os relâmpagos as vezes me deixavam no escuro
(Apesar de serem feitos de luz)
Que a Lua mantém sua luminosidade escondida durante o dia,
Para dar espaço ao brilho do Sol

Que as lagartas são repletas de mudanças,
Fases
E que mesmo ao se tornarem borboletas
Possuem dificuldades para sobreviverem no mundo

Há quinze anos atrás
Eu sabia de tudo
Hoje me vejo perdida na vastidão do universo
Imersa em realidades que não sei se um dia seremos capazes de desvendar

Problemas do cotidiano da vida adulta tão pequenos em comparação
Mas tão grandes entre meus descaminhos
Que me levam a transitar em busca de um manual de instruções,
Inexistente

E apesar de não saber sobre tudo
Durante esse tempo passado
Entendi algo sobre as pessoas

Elas são o desejo e o amor
São a forma com que amam umas às outras
Que é a forma com a qual desejam ser amadas
Que também é como se mostram ao mundo
E como são por dentro

Elas conseguem viver sozinhas
Mas são extraordinárias quando partilham a vida com outros seres de mesmo vínculo,
amor e persuasão
Quando entendem o passado e já não temem mais o futuro, que se tornou presente

⁵⁶ Isabella Consentino, natural de São João da Boa Vista, interior de São Paulo nascida em 17 de janeiro de 2000. Atualmente, é graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade Federal de Alfenas.
isabella.consentino@sou.unifal-mg.edu.br

Elas são como as tartarugas
Vivem mais se estiverem juntas
São mais felizes quando estão em contato com a natureza e o mundo
E mais livres ao permitirem ser quem são.



Exumação
*Geraldo Trombin*⁵⁷

Pego a enxada da memória
e, lembrando a minha trajetória,
começo a desenterrar uma "pá de coisas",
a revolver as terras das reminiscências:

quando, na minha tenra infância,
o sol brilhava ainda nos meus olhos;
quando as minhas lágrimas
eram tão somente sementes de alegria;

quando, à flor da pele (nesses tempos idos),
brotavam apenas sonhos coloridos;
quando o sorriso era ainda branco
e não exigia qualquer esforço;

quando (à revelia) a mãe, fulgurante, exibia
o viço da flor da idade (beleza infinda)
e o pai não se transformara ainda em eternidade
nem em sucessivos e incontáveis espasmos de saudade.

E, no rastejar afoito do rastelo (do ancinho)
marcava o chão em que eu pisava
um rastilho de inocente felicidade,
já que não havia ainda qualquer pedra no caminho.

Pego a enxada da memória
e começo a cavar fundo a minha história;
a desenterrar, das glebas do passado, as minhas andanças.
Afinal, sou exímio em exumar lembranças.

⁵⁷ Geraldo Trombin, publicitário. Livros: "Transparecer a Escuridão", produção independente de poesias e crônicas (1981), "Só Concursados - diversos poemas, crônicas e contos premiados" (2010).
gtrombin@terra.com.br

Falso Arrependimento

*Leonardo Monteiro Ribas*⁵⁸

Eu me levanto, pesado.
Me encaro, o passado.

O corpo caído no chão é o meu,
e ele sangra,
e eu me lembro.

Me lembro da dor, do frio, da minha visão se turvando,
mesmo tendo sido tão rápido.
Levei menos de um minuto para morrer,
mas eu me lembro da revolta, da tristeza, da amargura que senti.
E agora eu não sinto nada,
nada disso.

Mas sinto medo. Eu sinto medo, tanto, tanto,
tanto medo, no âmago do meu peito.

E eu me derrubo, pesado.
Me encaro, o passado.

O corpo caído no chão há pouco era meu, mas nunca mais será,
e ele sangra,
e eu me lembro.

Me lembro da minha família, minha ex-esposa, meus dois filhos,
minha mãe.
Levei menos de um minuto para morrer,
mas eu me lembro de quão amargo fui com eles, a vida toda.
E agora eu sei que levei essa amargura comigo,
até o último momento.

Me revoltei por mim mesmo.
Fiquei triste por mim mesmo.
A amargura também foi por mim,
crente de que os outros me deviam algo,
que eu nunca dei a eles.

Mas agora eu sinto medo,
e o medo também é por mim.
Antes medo de morrer,
agora medo de morrer.
Em suas lembranças.

⁵⁸ Leonardo Monteiro Ribas, natural de Curitiba, nascido em 04 de outubro de 2003, tem 17 anos. Coursou o ensino médio no Colégio Positivo e o fundamental na Escola Babinata.
leomonteioribas@gmail.com

Todos sentem isso?
Esse aperto no peito, que diz
eu não quero morrer, eu não quero ser esquecido?
Suas memórias são tudo que tenho,
e são memórias horríveis.
Um marido infiel, um pai ausente,
um filho alcoólatra.

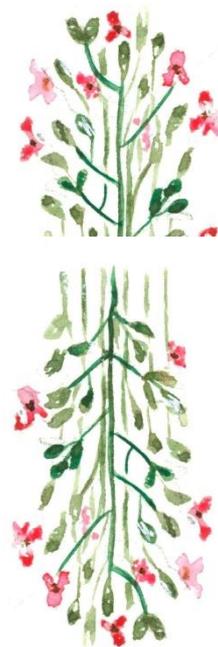
Suas lembranças são tudo que tenho,
e são lembranças horríveis.

Eu me arrependo,
mas também é por mim.
Quanto tempo vai levar para eles me esquecerem?

Feito a Facadas

*Victória Santos Riske*⁵⁹

Lembranças são tatuagens
Feitas a facadas na mente
Eternamente permanentes
Dizem o que se é e o que se será
A infância pueril e a adolescência
Com seus sorrisos se foram
Junto ao ventar melancólico do tempo
Agora se tem 30, 40 e no fim 70
E quando se estiver sentado
Em uma cadeira de balanço, já no fim
Rodando ao redor do que não tem volta
As lembranças feitas a facadas
É que trarão tristeza ou alegria
Porque lembranças são
O que nos formam e identificam
Lembranças malditas
Lembranças benditas
São nosso império, nossa voz
Sentimentalismo existencial passado
Que continua a andar lado a lado
Chuva caída, folhas já idas
Amores desgastados
No peito encravados
Lembranças. Lembranças.
Sem tais seríamos apenas
O presente iminente
Robôs desmemoriados
Esquizóides surtados
Peso morto entregue ao chão
Lembranças. Lembranças.
Me levem de volta
Para a adolescência
E a infância



⁵⁹ Victória Santos Riske natural de Ijuí-RS, nascida em 01 de agosto de 2002. Atualmente, é estudante do segundo ano do ensino médio, na escola Guilherme Clemente Koehler. Escreve poemas sobre assuntos diversos.
catorineio.123@hotmail.com

Ferrolhos d'alma

*Andreia Suli*⁶⁰

Pés descalços...
Um dia interminável,
Contagem regressiva para o sol.
Caminho. E no caminho que me vem,
Deixo a Vida me mostrar
Seus feitos.

Diante dela, prostram-se
Minhas atitudes.
Todas as atitudes de uma vida inteira.
Tento fugir de sua presença, mas
Permaneço, subjugada, aos seus pés.

Ela me impõe a companhia da Consequência
Atada a ela estou
Pela corrente da consciência.
No outro braço segura-me a culpa
Com seus dedos finos, fortes, firmes.

Fracassada, vejo-me terrivelmente acompanhada.
No coração e mente a imagem latente
Em um misto de
Pureza, carinho, afeto, abandono, rejeição,
Silenciamento...
Emoção e Razão:
Antagonismo complementar sem fim.

⁶⁰ Andreia Aparecida Suli da Costa, natural de São Paulo, nascida em 15 de março de 1985, tem 36 anos. Graduada em Letras e pedagogia, com especialização em neuroaprendizagem, e também é mestra em Letras. Atualmente, sou aluna do doutorado do programa de pós-graduação em Letras- Literatura e Vida Social na Unesp- Assis. Atua como professora dos anos iniciais da educação básica desde 2015. andreasuli@hotmail.com

Fluido

*Thadyanara Wanessa Martinelli*⁶¹

Há um compartimento-mar
que só ousa mexer quando a alma
se enxerga sem alga
com o acúmulo das horas
como poça enlodada

então

a minha retina e meus tímpanos
se volvem qual musgo
que alisa a pedra e que derruba gente
num espelho de água

Das coisas terríveis dos dias enfins
te digo agora

dois pontos

liberada foi
a caça às baleias
e aos mexilhões
mas não
a faixa de mar
e de areia.



⁶¹ Thadyanara Wanessa Martinelli, natural de Campo Grande – MS
thadyanara@gmail.com

Fotografia
*Sandra Santos*⁶²

Quando a gente rever toda fotografia,
Achar tão diferente, mas ver que é a gente mesmo ali.
E quando a gente notar que o tempo passou
E que a gente mudou.
Aí talvez o frio aconteça e calor desmanche o gelo
Aí você vai ver,
Você vai ver,
Você vai ver o que é que foi
O quê que há, o quê que eu posso fazer.
E quando a gente rever toda fotografia que tiver pra ver
E a gente ver que um dia a gente viu tão lindo o céu que nem estava tão legal assim.
E quando a gente não sentir a influência boa de Vênus aqui
A gente vai rever a foto, a gente vai reler o que cabe num livro,
A gente vai reler e tudo já vai parecer de novo um dia.
Quando a gente não rever mais, quando a gente não sentir mais
Aí é que a gente não tá mais aqui.



⁶² Sandra Santos, natural de Fortaleza, mas atualmente mora em Pacatuba na região metropolitana. Nascida em 08 de janeiro de 1993. Graduada em Filosofia pela UFC e Mestre em Educação pela mesma Instituição. Escreve poesia e contos desde os 13 anos e na adolescência passou a escrever peças de teatro e músicas.
alexandrabarbosademoraes@gmail.com

Girassóis

*Rafael V. M. Messias*⁶³

O que são as lembranças
se não o acesso por nossas constituições
sem notar sabemos a combinação das notas
como se forma determinada canção

Que ao equilibrar no labirinto
pôs o som no jardim
que de fato floresças sol
um buquê de fogo de artifício.

Todas as flores da memória
são coroas em nossa história
germinando, régia vitória.

Que de fato as memórias
são como eu cultivo
os meus girassóis.

⁶³ Rafael V. M. Messias, estudante de letras e escritor diário que vem a versar pelo universo que tens de vislumbre. Participante de alguns concursos, publicado duas vezes, através de premiação. Leitor assíduo de conteúdos filosóficos e de direitos. “Es me aqui através dos meus poemas”.
rafael_vini14@hotmail.com

Gostaria de ter guardado numa caixinha

*Sigrid Borges*⁶⁴

Um abraço apertado
tão rico em carinho
gostaria de ter guardado numa caixinha
para deixar como lembrança
de amor em meu caminho.

Infância,
brinquedo,
viagem,
cheiro,
textura,
amigos...

De novo o abraço,
gostaria de ter guardado numa caixinha.

Mas tudo o que mais importa
não dá para guardar numa caixinha.
O lugar correto
para que tudo seja guardado,
cuidado,
apreciado
e lembrado
deve ser precioso,
mais que uma simples caixinha:
o coração.

⁶⁴ Sigrid Borges, natural de São Paulo, nascida em 04 de janeiro de 1971. Atua como professora de Matemática. Autora de livros infantis, diagramadora e produtora da revista SerEsta, membro da AIML. sigridi.escritora@gmail.com

Gota de orvalho

*Camila Nere Mazini*⁶⁵

Eu era a gota de orvalho que molhava folhas e terra
Nunca me juntei com a água da chuva,
Nunca fiz da nuvem meu lar.
Habitei na calma solidão matutina e desabei ao anoitecer.
Ao amanhecer, muitos sequer me viram,
E se me viram, não compreenderam.

Eu me desdobrei em gotículas,
Mas não fiz tempestade.
Molhei terra e folhas,
Mas não me misturei com a chuva,
Embora habitemos no mesmo lar.

A água da chuva é livre,
Sai quando quer.
Molha a terra e as folhas, molha os amados e os amantes.

A vi usufruir sua liberdade,
Na calma ou na tempestade,
Como um prêmio aos benfeitores.
Como um beijo molhado aos apaixonados.

As gotas de chuva me deixam curiosa,
Na essência da minha juventude desejei me misturar,
Me pergunto, ainda, se a gotícula de orvalho poderia juntar-se às gotas de chuva
E desabar por entre os amados e os amantes.
Pude e posso até tocar alguns, mas nunca carreguei em mim tanto efeito.

A água da chuva é livre,
Sai quando quer.
Molha a terra e as folhas.
Sua essência faz brotar.
Me pergunto, ainda depois de velha,
se a gotícula de orvalho poderia juntar-se à água da chuva
e habitar seu lar.

Pequena e discreta,
Carrego em mim tantas memórias, porque
Eu sou, ainda, a gota de orvalho que molha folhas e terra,

⁶⁵ Camila Nere Mazini, natural de Santo André, nascida em 28 de julho de 1994, tem 26 anos, mora atualmente na cidade de Colina, interior de São Paulo. Graduada em Letras - Português/Inglês e suas respectivas literaturas pelo Centro Universitário Unifafibe e Pós-graduada em Metodologia do ensino de Língua Inglesa pela Faculdade São Luís. Atua como professora de Língua Inglesa e de Língua Portuguesa no ensino fundamental II. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e em metodologia de ensino de Língua Inglesa. "Sou completamente apaixonada por literatura e amo escrever."
cnmazini@hotmail.com

Não trago em mim tanto efeito, mas posso ajudar folhas secas reviverem,
Não me misturo com a água da chuva,
Desabo e me refaço,
Pronta para um novo anoitecer.

Herança

*Maíra Aparecida Reis Costa*⁶⁶

Você me habita.
Para além do castanho dos teus olhos refletidos nos meus,
Na expressão da foto 3x4
Vejo o jeito malandro, desconfiado,
do menino aparecido
Que um dia desapareceu
Sem ao menos imaginar
Que deixara impregnado
Gestos e modos,
Traços, silêncios e nomes
No rosto e na vida
de uma menina aparecida.

Pai,
Guardei a tua ira em meu sangue
E segui teus passos nômades
Pela chuva.
Mas só depois da estiagem
Percebi que o que chamei de fraqueza
Foi, na verdade, coragem.
Diante do espelho e de fotografias avulsas
Compreendi que estive o tempo todo aqui
Pois é parte indissociável de mim.

⁶⁶ Maíra Aparecida Reis Costa, natural de Alfenas - MG, mas cresceu e reside em São Pedro da União - MG. Graduada em Letras e mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas, dedica-se à escrita, à pesquisa e ao ensino.
mairapreisc@gmail.com

Históricas lembranças

*Delanise Paz*⁶⁷

Grandes mudanças.
Quase esquecemos
Os milhares que morreram
Para as criar

A mesma Grécia inspiradora,
Foi pelo maquiavélico amada
E por Hamilton repudiada
Passados iguais
Com memórias tão diferenciadas.

Que bom que ao menos
Não mais dependemos
Apenas dessas lembranças.

Sendo tristes ou felizes,
Já não mais nos definem
Finalmente nos deixando
Meramente sermos livres

⁶⁷ Delanise Paz , natural de Porto Alegre, nascida em 26 de Fevereiro de 2003. Universitária.
delanisepaz@gmail.com

Hoje de manhã

JAKS⁶⁸

Maior que meu tempo
É meu gosto
Tanto que eu perco
Em cada novo esboço
Um cheiro que chega e vai embora

Eu tenho um respeito pelo ontem
Que não explico
Mas tenho mais afeto pelo hoje
E insisto
Em cada vão momento, de cada fala nova, de
cada vibração
Que chega e me renova

Mesmo saudade distante doendo
Eu sei que é preciso
Sei de seus viços
E de suas vontades tortas de me fazer lembrar

Só que eu gosto de hoje de manhã
De duas horas atrás
De memórias de segundos roubados
De alguém que eu nunca vi

Acho que me roubaram de mim
Eu gosto do que eu lembro
E pode ser que dez anos atrás não estejam tão nítidos assim
Eu me apego no que eu tenho
E nas minhas posses eu não tenho muitos “ontens”

Tento conectar a lembrança falada de alguém
Com algo que eu estivesse inserido
Mas é um vácuo, quase um vazio
Eu não tenho nem o que me pertence mais
A memória.



⁶⁸ Jakson, natural de Juiz de Fora – MG, nascido em 13 de outubro de 1995, tem 25 anos. Graduando de Letras-Inglês pela Universidade Estácio de Sá. É poeta, dramaturgo e ator. Sua trajetória literária começa com a dramaturgia "Meninos Cor da Noite" ganhando forma para teatro. Escreve também para suas redes sociais, em seu intagram: @jaks.artist existem alguns textos de sua autoria. jaks.artista@gmail.com

Imagem

*Karla Purcino*⁶⁹

Quando penso que não trago o sabor
Na minha mais pueril lembrança
Vejo a sua face em luz, criança
Na pureza branda do amor

Nos serenos braços, seu calor
aquece a memória do que é passado
esconde o mal, meu mau estado
que finjo alegre, mas sou dor

Na recordação, fina miragem
dos beijos, dos abraços, da alegria
da paixão escrita, da mensagem

das horas gastas em pura fantasia
dos corpos nus, bela imagem
que agora verte a alma em agonia

⁶⁹ Karla Purcino, natural de São Paulo, nascida em 1987. Graduada em Letras. É escritora, poetisa e professora.
karla.purcino@outlook.com

Imagens Quebradas
*Desmistificador de Dálias*⁷⁰

A mão que segura a enxada
Mal consegue segurar uma lágrima.
Os olhos que muito já viram
Não conseguem acreditar em mais nada.

Como pode o passado ser tão rapidamente esquecido?
Assim como o destinatário da última carta...

A mão que segura o livro
Não quer largar seu ofício.
Os olhos que muito já leram
Não querem acreditar em tudo isso.

Como pode a história ser tão rapidamente esquecida?
Assim como os direitos dos oprimidos...

Porque aqui não é o futuro,
Mas os fatos do presente.
Outro professor que leva mais um tiro
Enquanto falta água no sudeste.
Porque aqui não é o futuro,
Mas os medos do presente.
Outro aluno expulso do colégio
Enquanto a sociedade continua em crise premente.

A mão que empurra a pedra
Mal consegue segurar o pincel na tela.
Os olhos que muito já duvidaram
Não veem mais nada como era.

Como pode o retrato ser tão rapidamente apagado?
Assim como a última estrela...

A mão que indica o destino
Talvez nunca tenha tocado o chão do paraíso.
Os olhos que há muito se fecharam
Não se abrem por algum motivo.

Como pode a origem ser tão rapidamente esquecida?
Assim como os primeiros passos de seus filhos...

Porque aqui não é o futuro
Mas os fatos do presente.

⁷⁰ José Douglas Alves dos Santos, natural de Fátima, sertão da Bahia, nascido em 22 de julho de 1989. Cursa doutorado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
jdneo@hotmail.com

Outro paciente chega em risco
Enquanto o hospital tá cheio de gente.
Porque aqui não é o futuro,
Mas os medos do presente.
Outro bebê chora por comida
Enquanto sua mãe está sem leite.

A gente tenta compreender
O que está à nossa volta.
Nem tudo tem razão de ser
Somente lógica.
A gente tenta viver
Do que jeito que pode.
Nem tudo tem um preço
Ou o carimbo da sorte.

Porque aqui não é o futuro,
Mas o que pode ser.
Outro trajeto para o destino
Enquanto o sol está para nascer.
Porque aqui não é o futuro,
Mas os sonhos que se pode ter.
Outro mundo ainda é possível,
Eu acredito nisso... E você?

A gente tenta compreender
O que acontece à nossa volta.
Nem tudo tem razão de ser
Somente esta lógica.
A gente tenta viver
Do melhor jeito que pode.
Nem tudo precisa de um preço
Ou do carimbo da sorte...
Nem tudo precisa de um preço
Ou de um beijo da morte.

Infância nas Minas Gerais

*Domênico Darone*⁷¹

Apesar da fome e da falta, nós brincávamos
A barriga cheia de lombrigas não incomodava quando agachávamos para jogar birosca
Meleca do nariz tinha um gosto diferente
Aventura era roubar goiaba na goiabeira de Dona Dalva
Bicho de pé era gostoso de coçar, mais gostoso ainda de tirar
Cafubira tínhamos aos montes
Piolhos, nem se fala
Se ficasse doente a Dona Olga benzia para tirar quebranto, mal olhado e vento virado
Nossa maior iguaria era bunda de tanajura que tinha gosto de barata frita
Brincávamos de um tudo
Inventávamos brincadeiras
Brigávamos como galos garnizé
Éramos felizes
Hoje, sou feliz pelas lembranças que tenho da infância
Feliz por ter tido e 'vivido' minha infância.



⁷¹ Domênico Darone, natural de Coronel Fabriciano, nascido em 17 de março de 1991. É advogado e professor de Filosofia. Atualmente mora na cidade paulista Embu das Artes. “Escrevo para escapar do tédio e do ócio”.
darone.chagas2017@gmail.com

Infância submersa em Barreira dos Campos

*Diogo Teixeira de Castro Silva*⁷²

Barreiras dos Campos,
teus cantos me cantam uma canção de amor,
amor infantil que o Araguaia inundou.

Barreira que contém minha inocência,
permita-me caminhar à beira do rio:
quero rabiscar com cacos de vidro
os taboqueiros da porta da casa
do meu velho avô;
Escrever o nome da Creuziane
dentro de um coração juntinho ao meu;
Mostrá-la onde ficava a Praia da Gaivota,
os zaranzais e a roça do vô;
Levá-la para pescar tartarugas no Furo Goiano,
caçar pequis nos Cabeludos e comer piau assado no *Embaubal*.

Barreiras dos Campos,
teus cantos me cantam uma canção de amor,
amor infantil que o Araguaia inundou.

Daquelas tardes na Avenida Olímpia
ficaram as lembranças do Irmão João,
que interrompia a brincadeira de petecas
porque a molecada fazia fila para pedir sua bênção;
Lembro-me dos atalhos que eu tomava para ir ao *coleginho*,
de como me arriscava na volta pelo *barrancão*
e sempre que chegava à casa, minha mãe perguntava:
- Menino, cadê a lição?
Só que eu chegava com os joelhos marcados
e um monte de mentiras pra contar.

Eu adorava a minha professora...
Lenita era o seu nome, uma jovem negra linda demais,
que tinha belas unhas quase sempre rubras e cintilantes,
com destreza ela partia nosso pacote de bolachas recheadas de abacaxi,
minha irmã e eu agradecíamos...

Eu adorava a minha professora,
foi ela quem me ensinou que o “b” é “bá”,
que o “b” é “bé”, que o “b” é “bi”,
que o “b” é “bó” e que o “b” é “bu” ...

⁷² Diogo Teixeira de Castro Silva, natural de Santana do Araguaia – PA, tem 34 anos. Graduado em Pedagogia pela UFT (2013), professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Palmas – TO desde 2014.
diogotcs@gmail.com

Barreira dos Campos,
teus cantos me cantam uma canção de amor,
amor infantil, que o Araguaia inundou.

Lembro-me de quando o meu pai saía para pescar,
eu o seguia de longe com a esperança de ele vir me pegar;
driblava minhas irmãs,
esperava o melhor momento para dar meu aceno
e meu pai, sereno, vir me buscar;
Passeávamos de canoa,
como era mágico: eu deslizava os dedos no espelho d'água
e meu pai de vez em quando olhava para trás sem nada dizer,
mas eu sabia que ele perguntava:
- E aí, rapaz, tudo bem aí atrás?
Tá tudo bem, tá legal, isso aqui é sensacional!

Barreira dos Campos,
teus cantos me cantam uma canção de amor,
amor infantil, que o Araguaia inundou.

Hoje, saudoso, levo essa vida adulta
com a conduta de ser um bom professor,
que ensina que na infância o importante é brincar
de aprender a viver, pois a vida é um grande quintal,
a porta da rua, a beira do rio: grandes desafios...



Infância

*Edenice Santos da Silva*⁷³

Quanta saudade
Da infância que não volta mais
Dos momentos felizes
Que o tempo deixou para trás

Eu corria de um lado
E pulava do outro
Sorria e cantava a todo momento
Sinto falta deste tempo

Hoje sou uma adolescente
Com o coração partido
E o corpo ferido
Minha alma, não mais sinto

Já não sei sorrir
Apenas chorar
Só canto a dor
Do coração a sonhar

Não mais existo
Sou cinza flutuando no espaço
Sou a poeira sendo levada pelo vento
Sou a árvore seca, descontente

É assim que me sinto
Viva por fora
E morta por dentro
Sou como o vento

⁷³ Edenice Santos da Silva, natural de São Félix - Bahia e criada na cidade de Maragogipe - BA, nascida em 01 de janeiro de 1982, tem 39 anos. Graduada em Administração de Empresa pela FAAD, MBA em Gestão de Pessoas pela Estácio, Bacharel Interdisciplinar em Artes pela UFBA. Poetisa desde a infância, com maior produção na adolescência e nesse período de pandemia. Ministrante de Escrita Criativa no 7º Congresso da ABRASME.
edenicesanto.16@gmail.com

Inocência

*Denise Maliska*⁷⁴

A inocência tem gosto de mamão
De um jogo de tabuleiro
E juventude à dois
Tem cheiro de beijo
E aquele boteco
Com nosso amor
Daquela cama que acontece
Sempre depois da meia-noite
Nos beijos e pescoços
A inocência traz
Leve lembrança da beleza
E o vazio da inexistência.

⁷⁴ Denise Maliska, natural do Estado do Rio de Janeiro, reside em Porto Alegre. Começou a publicar seus poemas no Medium Brasil, e atualmente participa de saraus, coletivos e de revistas onlines.
ddmaliska@gmail.com

Insólitos versos

Claúdia Gomes ⁷⁵

Sentir a brisa que vem das folhas
das árvores livres
que abriram o passarinhar
Ir e voltar
Sem medo de se contagiar
Andar pelas avenidas
De pernas a passarelar
Sentindo a luz do luar
E do orvalho do amanhecer
Que banham as flores do saber
Poder com você beber
Gota a gota desse entorpecer.

Tempo saudoso
Saudoso tempo

De novo quero estar
No tempo do ar mais puro
Cujos versos hostilizam com prazer
As lembranças de um bem-querer.

Tempo saudoso
Saudoso tempo

Desvelando os desejos
De abraçar os amigos, hoje ausentes,
Para o violão tocar
E as notas melódicas e harmoniosas
Nossas vidas musicalizar.

Tempo saudoso
Saudoso tempo

De novo
A saudade, petrificada e enraizada,
Bate em meu peito
Agitando calmamente
O batuque da esperança
Que ativa a lembrança

⁷⁵ Claúdia Gomes, natural de Salvador - BA, radicada em Feira de Santana, nascida em 7 de junho de 1970. Doutoranda em Educação, é professora e poetisa. Publicou *Catadora de Versos*, *Condado Poético*, *A Mulher e a Rosa* e outros poemas de amor, *Malu: a bailarina das águas* e antologias como *Poetas pela Paz 1 e 2*, *Cadernos Negros 39*, *Lúdicas Estrofes*, *Poesia de Botão*, *Indignados*, *Correspondência*, *Gotas Poetas* etc. Organizou a antologia *VIDAS PERFUMADAS*. Ocupa a Cadeira 54 da Academia Independente de Letras (PE) e a Cadeira 539 da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil. Participa do grupo *Mulherio das Letras*. É colunista da *Revista Statto*.
rical_fsa@yahoo.com.br

De uma rotina
Livre e habitual
E o desejo de recomeçar.

Tempo saudoso
Saudoso tempo

Insólitos versos
Não deixem as minhas lembranças
Daquele passado tão próximo
De mim
Se afastar!

Já não é tempo

*Thiago Luz*⁷⁶

Já não é tempo, camarada,
não é tempo do nosso quintal,
do cheiro do café da Vó à tardinha,
nem dos infantes com suas pipas em rinhas.
Agora é só poeira a memória da velha pracinha.

O mundo gira, camarada,
roda-gigante, carrossel,
pessoas que não voltam.
Os mortos não cantam!
O radinho do Vô desligado na varanda.
Silencia a algazarra das crianças na ciranda.

Saudade,
é apenas tempo de saudade. Agonia.
E sei que hoje, camarada, hoje tu moras
em algum lugar que só alcanço através da poesia.



⁷⁶ Thiago Luz, nome artístico de Thiago Oliveira de Carvalho, natural do Rio de Janeiro, nascido em 1982. É graduado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
thi.oc@bol.com.br

JanEiro

*Heloísa Maria Bispo dos Santos*⁷⁷

Como Cruzeiro que se espera um ano inteiro
Chegaste... devagar
Olhos atentos como quem esperava um vento e com bom senso não duvidava que podia
marear
Marear nestas bandas que demanda
Tem certeza que não querias parar?
E sentir o bafo da agitação
O grito e suor dos que chegavam e iam na ânsia das férias que escorriam?
Janeiro, o ano inteiro ouvi falar
Das festas, da prosa, da cesta
Aquele jeito *jan* que a bisa insistia pressagiar
Anciã ansiosa ia à janela aguardar
Pressentia casa cheia, zunzum da netaria ligeira
Tempo que bananeiras não paravam de carregar

Acolhida sim, com você ia experimentar
Mesmo debaixo do Sol inquietante desses trópicos
Não via um sorriso forçoso que não fosse desembocar
Nas ondas de multidões,
Nos brilhos e rojões que se escondiam debaixo dos corações que se moviam apressados
Ao embalo do passo sincopado
Das ruas, esticado, “me segura senão eu caio”
Já não era de se esperar?
Que todo esse vai e vem
Regido pelo mar respirasse toda expectativa, desejo,
De milhares de alguéns
Que se encontravam e se confundiam
Com a música e o burburinho do ano a se lançar
Quente, torrente, nascente,
Indomável, volátil, palpável
Visível, flexível, acessível, saudável
Esperança, bonança incansável
Como um janeiro maneiro que passa
ligeiro, aventureiro, encrenqueiro...
Utopia indecifrável.



⁷⁷ Heloísa Maria, natural de Salvador - BA, nascida em 08 de julho. Graduada em Letras Vernáculas pela UFBA, em Pedagogia pela UNEB e Dança pela Escola de Dança da FUNCEB.
h_bispo123@hotmail.com

Jardim das Palavras

*João Manoel*⁷⁸

E quando houver silêncio
Sentirei saudade das suas doces palavras.
Mas sua voz, ainda que rouca,
Me trará em pequenos goles
O desengasgar de recordações desbotadas.

Desejos em preto e branco
Pairam sobre o colorido dos nossos dias
E como espuma das ondas,
Vem e vão,
No oceano das circunstâncias.

É noite
E as estrelas adormecem para nos permitir sonhar,
Até que o silêncio seja rasgado
Pelo canto empoleirado
De orquestras matinais.

Mas é sua voz que me sacia
E voa...
Polinizadora de emoções guardadas em botões de silêncio
Que melodiosamente se desfaz,
Sucumbido pelo jardim das palavras.

⁷⁸ João Manoel, natural de Cedro de São João – SE, nascido em 19 de setembro de 1966. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe e mestrado pela UnB, atualmente é doutorando na Universidade do Porto-Portugal.
melo.andreluiz@gmail.com

Jardim de infância

*Thiago Silva de Sena*⁷⁹

O berço aconchega em seu leito os sonhos.
À deriva desbrava a finitude.
A mãe salpica palavras de amor e medo.
Da coroa derrama longos pijamas, cobertas e a fome.
Entre teu ventre o lamento do corpo e uma parede.
A frente em fluxo retirantes alagados se retiram
em contradança da chuva.
Verde sinal da morte.
Jornais, no outro dia só.
No perto horizonte, fermentando o amanhecer, o pai antecipa o Sol.
Na claridade o terror não se esconde.
Artesão do cotidiano, o tempero do tempo em suas mãos.
Nada adoça à sua boca.
Queimado pão fígado ao dente um socorro.
A língua enforcando o pescoço,
só os braços, só o osso, só o que restou do almoço.
Afogam os desejos de moço com lama até o nariz.
Os grunhidos espriam-se na calçada
rolando por todas as veias.
O castelo de tábua navegando.
- Esse córrego dá no São Francisco?
Quem viaja por aí com sonhos?
O berço aporta no asfalto
atravessando os faróis dos imperadores da rua
O dia era pão seco mergulhando na garganta.
A noite permanecia resguardando a liberdade.
E a cantiga de embalar sono
embola debaixo do berço
os braços da crua vida aos pedaços. Recomeço.

⁷⁹ Thiago Silva de Sena, natural de São Paulo, bairro do Jd. Princesa, Zona Norte, nascido em 10 de janeiro de 1990. Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo. “O poema gira em torno da lembrança desse lugar que não passei a vida toda, mas que me marcou para sempre”.
sena.thiago.silva@gmail.com

Jogo da vida adulta
*Geraldo Jose Rodrigues Liska*⁸⁰

Um pé na bola e os olhos num imaginário gol
São meus chinelos que não me cabem mais
Hoje, pés cansados, sabem pra onde vou
São meus sapatos, frisados, formais

Como era bom brincar de ser adulto
Insulto, hoje, mostrar a criança
Vergonha, talvez, para um homem culto
Se recomponha e a esqueça em lembrança

Como eu queria brincar de infância
Àquele menino na praia dizer:
Dê aos momentos importância

É seu futuro em jogo, sabe?
Brincar disso não é fácil
Queira que seu game nunca acabe!

⁸⁰ Geraldo Jose Rodrigues Liska, morador de Alfenas - MG, nascido em 23 de setembro de 1985. Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG.
geliska@gmail.com

Juventude

*Renato Franco de Oliveira*⁸¹

Substituía o júbilo divino
Pelo gemido puro e real
Com que soprava minhas mulheres
Na eterna e egoísta
Voz dos relógios da casa,
Enquanto abafado, ao fundo,
Beethoven passa lentamente
Seus dedos inflamáveis
Pela minha infância
Latejante puberdade
Que emerge aos poros
A liberdade de sofrer sozinho
Por tudo que se vê
Pois que tudo ruí aos meus olhos:
Suicidas expulsos de seus habitats naturais
Balançam em cadeiras confortáveis
Todos estavam esperando o sol passar
A humilhação passar
A saudade passar
Éramos arrastados pelo tempo
Insuportavelmente impotentes
Alguns caíram do precipício
Mas nem pena podíamos sentir
Homossexuais letárgicos
Drogas entorpeciam nossa solidão
Sorriamos todos da desgraça
Todos
Com faces angelicais
E mãos demoníacas
Os olhos da humanidade sangram de julgamento
Mas o licor daquelas vidas distantes
Envenenava nossa boca
Um dia
Certo como a lucidez de um sonho
Toda infância feliz
Crucificará nosso destino
Quando este dia chegar
Alegre-se por ser um miserável
Cada sentimento de felicidade
Será um câncer na cabeça
E quando perceber

⁸¹ Renato Franco, natural de São José dos Campos, tem 24 anos. Possui curso superior incompleto em Serviço social. “Escrevo, desde pequeno, tenho alguns poemas selecionados em antologias pela editora Chiado, com 15 anos tive meu primeiro poema publicado no correio popular de campinas homenageando o educador Rubem Alves.”
renato.a.e.foliveira@gmail.com

Já será um poeta...
Se a loucura vier hoje
Estarei preparado
Antes vultos, fantasmas e assombrações
Do que a aberração da realidade,
Do que minha existência covarde
Ó Orfeu que adoece minha alma
Antes a morte
Do que os pequenos pés de bailarina
Da menina na minha memória
Do que as cadeiras confortáveis da varanda
Do que a risada triste de toda aquela desgraça
Do que a homossexualidade hostil
Que não era, senão a expressão doce de criaturas abandonadas
Antes a existência comprovada de deus
Que o repúdio absoluto das minhas lembranças
Que a realidade intangível dos meus sonhos
Que a pavorosa saudade
Daquela mocidade sorridente
Que me espreita na penumbra
Aqueles cachos loiros
O clamor da juventude pelos corredores da universidade
O esgoto a céu aberto
Mas sobretudo, o horror
O horror da impalpabilidade dessa gente
O horror da minha inevitável realidade de inexistir
Mas um horror maior pela maldição
De tudo isso existir pelos meus olhos
E morrer pelo meu espírito
A substância da minha consciência
É o pranto de todos que lamentam o passar do tempo...
Eis o resumo de nossas vidas:

O corpo inerte não sobrevive ao tempo,
Enquanto isso
Monstros se alimentam dentro de nós.

Lembrança Pré-Pandêmica

*Anderson Conceição*⁸²

Lembro-me bem
Do sorriso de alguém
Brilhante e intenso
Sem máscara, sem lenço

Lembro-me também
De um intenso vai- e- vem
De crianças a brincar
E da gente se aglomerar

Não há como esquecer
De uma grande multidão
Se apertando no estádio
Para ver o campeão

Posso ainda recordar
Da reunião familiar
Dos passeios de domingo
Da resenha dos amigos

Lembro-me por fim
Das idas ao litoral
Quando nunca ouvi dizer
Deste tal de Lockdown

⁸² Anderson Conceição, natural de Ubaitaba - BA, nascido em 17 de abril de 1989, tem 31 anos. Autor do livro "Missão Rondônia- o mistério da aldeia Cabixi" (Dialética, 2020). Atua como farmacêutico e funcionário público. É Casado com a Daiane e pai do Arthur, da Sophia e da Alice. "Sou amante da leitura e escrita, em especial romances e poesias".
santosanderson0412@gmail.com

Lembranças
*Luís Amorim*⁸³

Distantes esperanças
Chegam em lembranças
No diurno passeio
E sorriso bem cheio.

Intermédias confianças
Mostram suas alianças
Com solidez esteio
No envolvente meio.

O futuro risonho
Tem passo breve
No ideal activo.

Apenas puro sonho
Dará espaço leve
No voar real definitivo.



⁸³ Luís Amorim, natural de Oeiras, Portugal, nascido em 17 de setembro de 1971. Graduado em Gestão de Empresas, escreve poesia e prosa desde 2005. Tem escrito 1020 histórias com 49 livros de ficção publicados, entre os quais "Almas", "Fantasias", "Flores", "Terra Ausente", "O Mapa", "Contos I", "Contos II" e "Sonetos". Tem numerosas participações em antologias literárias, revistas e jornais na Europa e Brasil.
luisamorimeditations@gmail.com

Lembranças
*Sidney China*⁸⁴

Esse cheiro do longe
Traz o gosto do ausente
Um passado presente
E é tão perto o distante

Uma memória enlutarada
O eco de luz de um sonho
Uma fagulha do tempo risonho
Numa lembrança encantada

Uma maldição bendita
Um reviver de dar dó
Um reamar de um só
Uma ilusão de ternura aflita

Um som que embala a dolência
Um êxtase que a eternidade rói
Um prazer que reavido dói
Uma falta que pulsa: carência.



⁸⁴ Sidney Wellington da Costa, natural de Natal, nascido em 01 de março de 1959. Graduado no Curso de Letras, é poeta e compositor, com um livro editado e outras participações em coletâneas, com músicas gravadas por alguns cantores potiguares.
poetasidneychina@hotmail.com

Lembranças

*Kadnalay*⁸⁵

Há tempo favorável...

Crianças nas praças, no pula-pula, amarelinha, queimada, barra-manteiga, juntas e misturadas.

Tempo do chamego escondido, jurado antes do casamento em um amor infinito.

Tempos dos amigos, das festas em família, dominó e baralho.

Tempos dos passeios, praias lotadas de verão e no aperto de mão.

Saudades do visto do professor e a nota de tinta no exame.

Imensuráveis lembranças do doce da casa da vovó, tomando sorvete de pão de queijo.

Saudades de mostrar meu sorriso no bairro.

Saudades dos shows, sarau, calor humano, e no fundo do quintal.

Lembranças do Caxambu, Quadrilha, Mineiro o Pau.

Momento solene, calorosa união nas despedidas dos entes queridos, também deixou de existir.

Lembranças dos abraços afeiçãoados e beijos acochados.

Enfim uma lista imensa que dois mil e vinte proibiu os humanos de fazer, de ser, de sentir e socializar.

Tínhamos tantas oportunidades de estarmos juntos e rejeitávamos, agora buscando um abraço virtual, atendimento nas telas, dinheiro virtual. Lockdawn.

A mão está no álcool, ficou o cotovelo.

A boca fechada no pano, ficou a distância.

Revogou visitas e as aulas, temos o zoom,

Dragões lucrando com seus ferrões.

Mentes iluminadas destrocando emoções nos corpos.

Enfraquecem verdades sobrepõem mentiras.

Dizem que o mundo está de cabeça para baixo, mas esse é o tempo das cabeças estarem no andar de cima do pescoço.

Esteja na sua nova versão pois essa geração renova junto com você.

Estamos lembrando!



⁸⁵ Adna Gonzaga, natural de Salvador - BA, nascida em 22 de Novembro de 1977. Licenciada em Música, pós-graduada em musicoterapia. É poetiza, compositora, coreografa infantil. adinafeliz@gmail.com

Lembranças?

*Indianara Chimite*⁸⁶

Lembranças o que são?
Saudades, verdades, punição?
São brotos nascidos do nada, do tudo?
São gatilhos para gargalhar, gritar, ficar mudo?
São fagulhas que incendeiam o medo e a dor?
Ou resultado da coragem, da amizade, do amor?
São brisas de primavera e verão?
Consolo, alento certo na aflição?
Talvez lava escaldante de um vulcão?
Abalos sísmicos da alma, destruição?

Lembranças onde estão?
Na mente, na alma, no coração?
Na palavra, no gesto, na situação?
Estarão apenas na nossa imaginação?
Poderão estar no ar?
Talvez nas ondas do mar?
Estarão nas sombras, quem sabe?
Contidas na dúvida, na ansiedade?

Lembranças para onde vão?
Para a luz? Para a escuridão?
Para o vácuo da ingratidão?
Ficarão perdidas em meio a maldade?
Se perderão no caos da insanidade?
Sumirão totalmente em um vazio?
Serão absorvidas pelo mundo hostil?
Será que Deus de nós terá piedade?
Elas nos seguirão lépidas para a eternidade?

⁸⁶ Indianara Chimite, natural de Curitiba, nascida em 30 de Março de 1966, tem 55 anos. Residiu em várias cidades e agora mora em Morro Reuter. Graduada em Design de Interiores pela Universidade Feevale. indianarachimite@gmail.com

Lembranças Arrependidas

*Welerson Silva de Oliveira*⁸⁷

Por detrás de ameias me escondo
Devido ao medo de enfrentar memórias intempestivas
Que me lançam raios ao rosto
Na forma de lágrimas que escorrem e queimam.

Coragem, para o presente enfrentar, não há;
Saúdo o covarde que em mim habita
Com o silêncio angustiante do derrotado,
Cubro a cabeça com as mãos e me maldigo.

O muro é alto, mas é fraco
– Sua fundação é a negativa à realidade e ao que já se foi –
Prerrogativa que não vale à dor palpável.

Os sonhos e os desejos se fundem à autoexecração:
Por momentos, vive-se o sublime impossível
De não se executar o mesmo erro noutra universos.

⁸⁷ Welerson Silva de Oliveira, natural de Areado – MG, tem 21 anos. Estudante do curso de História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
welersonoliveira@usp.br

Lembranças da Primavera

*Ronaldo Dória dos Santos Júnior*⁸⁸

Vejo surgir uma tempestade no horizonte
Sombria como meus pensamentos
Os pingos insistentes molham-me a fronte
E acentuam o pior dos meus sentimentos

Sou um vulto errante e desconhecido
Sozinho num caminho que não tem mais fim
Ventos de saudade sopram nos meus ouvidos
E tudo o que quero é esquecer de mim

Eu gostaria de poder chorar
Lágrimas e chuva caindo ao chão
Na triste espera por quem não vai chegar
Sem danças, sem sorrisos, sem refrão

Faça então cair toda a chuva que há, ó Senhor
Pois sou um solo sertanejo, suplicante e sedento
Quero o trovejar de relâmpagos em pleno furor
E tormentas maiores que meu ressentimento

Só assim sufocarei a recordação do sol e das flores
De tudo que hoje não é mais que simples quimera
E enterrarei nos escombros dos meus dissabores
A distante lembrança dos meus dias de primavera

⁸⁸ Ronaldo Dória Jr, natural do Estado do Rio de Janeiro, tem 35 anos. Graduado em Letras pela Uerj. “Faz rabiscos que às vezes viram desenhos, soa acordes desafinados no seu violão e, sempre que tem inspiração, deixa que seus dedos longos corram em textos tristes que vai inventando.”
rdsjr_@hotmail.com

Lembranças de Cheiros

Edih Longo⁸⁹

Senti o bafo quente da noite
anunciando chuva...

O cheiro da terra molhada
e ela cantando na telha
me aumenta no espelho
esparramando na calha
a lembrança aguda
de minha juventude graúda
nas curvas do Rio Vermelho.

Lembro-me dos canaviais
de minha infância
os cheiros têm o poder
de nos trazer tais lembranças.

Na panela palpitante
o milho transformado em pamonha
traz-me uma leveza tamanha
e minha saudade maior fica
voando empinada nas pipas.

No ar, o Chanel número cinco
traz-me você como só eu sinto.

Hoje só ao hoje assisto
correndo os olhos sombrios
na tela do meu tempo vazio.

Em minha cabeça anciã
cuja única réstia de luz
é o branco de minhas cãs,
os pensares não fazem jus
ao delicioso cheiro das maçãs,
que me lembra a jovem sã
que ainda me adentra e seduz.

⁸⁹ Edileuza Longo, natural de Monteiro - PB, nascida em 08 de junho de 1952, tem 68 anos. Graduada em Linguística pela USP.
edih.longo@gmail.com

Lembranças de meu Pai (O Velho Chico Soares)

*Ana Rosária Soares da Silva*⁹⁰

Lembro-me sempre de ti
Meu velho Pai meu Amor
A cada vez que me lembro
Meu coração chora de dor
Da firmeza dos teus passos
Da tua voz de bravura
Das tuas mãos calejadas
Do teu olhar de ternura.

Lembrar-me de ti meu Pai
Não me causa sofrimento
Causa em mim uma dor
E um profundo lamento
Me dá um aperto no peito
Ao lembrar o momento ingrato
Que faz dos meus olhos um rio
E do meu coração um trapo.

Meu velho Pai se eu pudesse
Jamais terias partido
Ou se ao menos eu soubesse
Que não estarias comigo
Te agarraria tão forte!
Que nem mesmo a força da morte
Ousaria brigar comigo.

Das coisas que não te fiz
Tenho me arrependido
Queria ter te abraçado
Ter sido mais teu amigo
Teu cabelo penteado
Tua botina ter calçado
Brincado um pouco contigo
A ti ter dado uma festa
Beijado a tua testa
Te ofertado um banquete
Ao som de uma grande orquestra.

Meu velho Pai se eu pudesse
Jamais te daria um desgosto
Te faria um cafuné

⁹⁰ Ana Rosária Soares da Silva, natural de Caxias Maranhão, nascida em 17 de novembro de 1972. Mestre em Letras - Teoria Literária / PPG- PCG – UEMA. Poeta, autora do livro "Poemas de Carne e Osso", 2020. Livro "Balaio de Desejos", 2002. Antologia Poética - Literatura Feminina Maranhense - "Crisálidas", 2021. Professora substituta na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. ana.rosaria@hotmail.com

Cheirava o teu pescoço
Iria contigo na roça
Andando a pé pelo mato
Comeria na tua bacia
Em vez do luxo do prato.

Cantaria um hino pra te
Montada na tua garupa
Faria tudo meu Velho
Para ganhar tua luta.
Se eu pudesse meu Pai
Balançaria tua rede
Punha água na cabaça
Para matar tua sede
Cortaria tuas unhas
E o que mais quisesse de mim
E o livro "O Peregrino"
Leria mais de mil vezes
Antes mesmo de me pedir.

Meu velho Pai se eu pudesse
Voltaria um tempo atrás
Onde nele tu estivesses
Naqueles tempos de paz
E o filho que tenho agora
Que minha alegria é!
Se chamaria "Chico"
Em vez de ser o "José"!

Aonde andasse meu Pai
Eu estaria contigo
Talvez assim, essa dor!
Fosse mais branda comigo!
Não me matasse de amor!
Sem poder falar contigo.

Ô saudade! Meu Pai
Dos tempos em que eu via
Teu amor por minha Mãe
Se demonstrar todo dia
De olhar nos olhos teus
Ouvir-te gritando na porta
Menina abre logo a porta!
Porque foi EU que cheguei!

Ah! Meu Deus!
Como era bom!
Ouvir o que Ele falava
O sorriso que Ele tinha

As histórias que contava
A imensa segurança
Que sua presença me dava...
Agora não tenho mais...
Só resta a saudade extrema
Da lembrança de Meu Pai
Que na dor maior do mundo
Escrevo neste poema.



Lembranças de Ouro

*Aline Bischoff*⁹¹

Como são ternas, as recordações douradas,
Fluxo cristalino de amenas águas passadas,
Ladeado pelas lembranças enraizadas,
Pelo tempo, distintamente eternizadas,

Sob terra cuidadosamente demarcada,
Regada e arada, no silêncio cultivada,
Ceifada pela plantação da memória,
No vasto campo da nossa história.

Está na foto antiga desbotada,
Por entre cadernos conservada.
Naquela caixinha empoeirada,
Que por alguém especial foi dada.

Está no objeto guardado,
Em que ficou registrado,
Tudo o que foi vivenciado,
Pelo inesquecível ser amado.

Naquela antiga canção,
Tocada pelo coração,
Na incansável repetição,
Nunca baldada recordação.

Navegando por entre essas atmosferas,
Encontramos esperanças tão singelas,
Nas incontáveis alegrias vivenciadas,
E nas inúmeras lágrimas derramadas.

Como é prazeroso relembrar os dias idos,
E todos os incalculáveis prazeres sentidos,
Nessa suscinta existência nossa inacabada.
Com a lembrança, eternamente preservada.

⁹¹ Aline Bischoff, natural de Paraíso – SP, nascida em 16 de outubro de 1985. Atualmente estuda Música na USP - Universidade de São Paulo.
aline.b.bischof@gmail.com

Lembranças de um passado em decomposição

*Fernando Marques da Silva*⁹²

Esqueça-me (torço) se um dia fui algo para você
Perdoe-me se meu pretense ato fidalgo foi clichê
Eu não fui culpado se ingrata vida a tenha iludido
Não foi desejo, nem desculpa, que tenha se perdido

Naqueles tempos, que quase esqueci, tudo era banal, sem crachá
Ainda me sentia uma latente semente, anos-luz para desabrochar
Talvez fosse mero rebento em estado marginal — quiçá um piruá
Que jamais imaginaria que as frestas da janela poderiam se fechar

Foram idos duma intensa invernia sentimentalista
Estaria perdido num permanente estado dualista?
Qual uma criatura que teve os rumos obliterados
Não bastaria se misturar a vãos seres flagelados?

Nada que justificasse me petrificar na latência
Nada que impingisse chafurdar no veio estratificado
Nada romperia a casca de noz personificada em resiliência
A estagnação era fato que me congelava; era o embate com o fado

Gritava em permanente estado minimalista
Brandia abatido ante a troça de humorista
Mas qual ser imberbe não erra, ó pecador?
E o erro pode ser maior que a própria dor?

Foi também naquela época que desatava meus nós
Intento fazer intensa reflexão de meus inócuos atos
Penitencio-me por não levar a sério tudo sobre nós
Avento lavrar a razão por descumprir lhanos tratos

A esperança deu lugar ao fragor ininterrupto
A glória cedeu vazão ao estampido abrupto
Casta vida já não era a mesma; não era justa
O passado tinha me tirado a história augusta

O tempo passou, tornando-me trivial, abjeto
Sinto o pesar; enveredei-me em dúvida utopia
As coisas não voltam mais, nem por decreto
Hoje vivo ilhado, alienado em insana fantasia

Sinto-me um ser desprezível, vil, atabalhado, atribulado
Nada que refregue a sofreguidão de um homem sufocado

⁹² Fernando Marques da Silva, natural de São João da Boa Vista – SP, nascido em 09 de abril 1970. Estudou Ciências Contábeis até o 3º ano, 1996, na UNIFAE da mesma cidade; autodidata. antares666@ymail.com

Meu orgulho foi ferido naquele azo, num passado verídico
Minha volição inerme, vitrificada em rota de tom fatídico

Insensível passado, quase esquecido no baú do meu tino
Porém, aspirava vê-lo novamente nalgum dia de alegria
Mas estava atado, acorrentado por um grilhão diamantino
Atrás do espelho, via em desesperança o passo da letargia

Minhas lembranças — tanta amargura!
Desejava que nunca houvesse uma cura
E me isolasse cada vez mais do mundo
Tornando-me um cativo deveras iracundo

Grandes fatos advirão da face mais vã, vilã ou sã
Nenhum segredo ficará encoberto pela tinta mais atra
Saltos pelas memórias mostrarão que a consciência é tão órfã
Incursões pelo juízo dirão que a idiossincrasia é uma mera idólatra

Entrincheirado, silente, apático, via o tempo modular minha personalidade
Por trás de barricadas, via os segundos virarem anos, minando minha jovialidade
Pelo olho mágico da porta de vidro, via-me, prestidigitador, no cadafalso da sociedade

E os dias ainda se arrastavam, cada vez mais lúgubres
As noites sempre traziam as nostalgias mais insalubres
Quando o Sol raiava solene ou morria só pelo horizonte
Quando a Lua nascia ou sucumbia em decadente poente

Por tudo que nos representou, ó benta lembrança, sinto muito ter partido
Numa era quase esquecida, não percebia que ainda estivesse no comando
Desistido, arruinado, arrimado, fragmentado, fatigado, acoimado, aturdido
No caminho, havia (me/te) perdido, e agora era um ser errante se expiando

Hoje, o tempo já passou; não tem volta; esqueci-me de você, confuso passado
As coisas mais excêntricas — risos, regozijo, alegria —, deixam-me anuviado
Os demais episódios tétricos — nascer, viver, morrer —, (...) descompassado
As ações mais temperamentais — partidas, vindas, inação —, (...) fracassado
Os lampejos mais fugazes — percepção, cognição, euforia —, (...) atarantado
Em meu mundo singular, já não sei mais o que é ser lembrado, ó ser açoitado
Taciturno, no presente, redimo meu imo maculado e avelhantado e entulhado
Destarte, o esquecimento (a bênção dos ébrios) será o meu legado

Oh, lembranças que me abandonaram covardemente
Lançando-me às trevas, só eu e minha mente
Uma criança um dia sorridente
Puramente

Lembranças em mim

*Agnes Izumi Nagashima*⁹³

No horizonte, o arrebol com suas cores
traz a esperança de um amanhecer
e em cada instante, leva consigo minhas dores
para novas asas, em mim, renascer.
Livre feito pássaro voando no vento
restam ainda as lembranças.
Se por um lado me traz alento,
por outro, permanece nas andanças.
No pensamento e no coração,
por mais que tente, não esqueço,
permanece a recordação
do que vivi e não tem preço.
O ontem que se foi embora,
o futuro que vive nos sonhos.
As lembranças sobrevivem no agora,
os momentos mais risonhos.
Da infância, guardei dos pais o abraço,
da paixão, um jardim de flores.
Amor de filhos é um laço,
sou memória repleta de amores.
Para que não possa esquecê-las,
cada instante ínfimo que seja
coleciono-as no céu, nas estrelas
para cumprir assim, o que a vida de mim, deseja.
E da lembrança, fez-se saudade,
iluminou-se em constelação.
Transbordou em lágrimas, felicidade,
eternizada em meu coração.

⁹³ Agnes Nagashima, natural de Maringá, tem 38 anos. Graduada em Biotecnologia pela Unesp, Mestre em Ciências de Alimentos pela UEL. Membro da UBT Londrina e Acad. Intern. Da União Cultural. agnesnagashima@yahoo.com.br

Lembranças Esquecidas

*Eduarda Gomes de Souza*⁹⁴

O que vamos fazer?
Quando das coisas simples você se esquecer.
Quando meu nome você não lembrar.
Quando o caminho de casa você errar.

O que vamos fazer?
Se daquele filme você se esquecer.
Se aquela música você não mais cantar.
Se como uma criança você voltar a chorar.

O que vamos fazer?
Se de você mesmo começar a esquecer.
Que lembranças terei que buscar
Pra você voltar a lembrar?

⁹⁴ Eduarda Gomes de Souza, natural de Sete Lagoas, nascida em 24 de dezembro de 2001, tem 19 anos e concluiu seus estudos na escola estadual "Dr. Olinto Sátyro Alvim."
egsouza480@gmail.com

Lembranças na beira da estrada

*Adelgício Ribeiro de Paula*⁹⁵

Estrada simples,
de terra, ladeada
por cafezais,
casinha rude, caiada,
no pé da serra,
cheiro de mato e de velhos currais.

Balanço no galho da goiabeira,
pescaria à tarde na lagoa,
namoro ingênuo na varanda,
um beijo na mais faceira
e o costumeiro perfume de lavanda.
Isso que era uma vida boa,
cercada de puro recato,
seguindo como as águas do riacho,
sem nenhuma preocupação.
Era bela a geada no mato,
e colher a fruta no cacho
lá no meio da plantação.

E agora vou nessa estrada,
ainda simples, mas asfaltada,
e me vem essa forte lembrança,
da casa rude e caiada,
da roça e dos cafezais,
coisas que já não têm mais.
E dos meus ricos tempos de criança,
só resta agora esse cheiro
da mata e dos currais.

⁹⁵ Adelgício Ribeiro de Paula, natural de S. Antônio da Platina, Paraná, nascida em 24 de abril de 1962, tem 58 anos. Possui mestrado e doutorado em educação. Atualmente mora em Franco da Rocha e atua como professor de Educação Física na rede estadual da região metropolitana, e na Prefeitura do Município de São Paulo. Já participou de algumas coletâneas, saraus e concursos, tem um livro de poesia e capítulos de livros na área da educação publicados.
adelgicio.ribeiro@gmail.com

Lembranças na Gaveta

*Mauro Antônio Russo*⁹⁶

Do fundo de uma gaveta esquecida,
Dentro de um envelope lacrado,
Com a cor já esmaecida,
Faz-se um tremendo achado!
Aqueles incríveis fotos antigas,
Que às vezes contam uma vida,
Com parentes, amigos ou amigas,
E que da uma saudade assumida!
Quase tudo em preto e branco,
Vestidos de moda de outrora,
Na cidade ou então no campo,
Tão diferente de agora!
Também fotos coloridas,
Estas até meio apagadas,
Da Polaroid foram colhidas,
E hoje estão quase borradas!
Entre pessoas conhecidas,
A maioria sorridente,
E há também desconhecidas,
E nem amigo nem parente,
E aí é que falha a memória,
E você não consegue lembrar,
Fazem-se parte de sua história,
Ou só foram fotografar?
De repente um arrepio,
Causando pequena dor,
Lá está na fotografia,
O seu primeiro grande amor!
Esta na mão demora mais um segundo,
Um tempo para recordar,
Era o maior amor do mundo,
E sem a foto nem ia lembrar!
Cada foto é uma viagem,
Num grande túnel do tempo,
Sendo as fotos a bagagem,
E um enorme passatempo.
Algumas provocam risos,
Outras trazem saudades,
As poses são de improvisos,
Que trás a tona as vaidades!
Selfie não existia,
Nem se podia imaginar,
E pra saber como saia,

⁹⁶ Mauro Antônio Russo, natural de Pelotas - RS, nascido em 17 de Setembro de 1948. Graduado em Artes Cênicas, Administração e Jornalismo.
donmarusso@yahoo.com.br

Só depois de revelar!
Toda a família reunia,
Para ver o resultado,
Pai, mãe, irmão e tia,
Tudo sempre comentado!
E quando no circo você ia,
Vinha logo alguém perguntar,
Enquanto a foto batia,
Se o monóculo queria comprar!
Rever é muito gostoso,
Momentos já esquecidos,
Pode ser bonito ou horroroso,
Mas foram reais e acontecidos!
Pequenos ficaram adultos,
Alguns aqui já não estão mais,
Poucos viraram muitos,
Mas nas fotos não mudam jamais,
Estas fotos são uma história,
Que você pode sempre lembrar,
Por que se fugir da memória,
Elas fazem você recordar!

Lembranças que foram tatuagens na flor da pele

*Lupita*⁹⁷

Outubro já chegou
antes de alcançar a escutar
o coração das folhas verdes
Vamos desenterrar as asas
que Deus nos deu de presente
ao saber que as andorinhas
nos deixaram sozinhos
Ninguém entende porque as lembranças
estão cobertas de ferrugem
se nós mesmos nos encarregamos
de limpá-las com sabão
Já não se pode ir pelas ruas
sem sentir a raiva do sol
que se cansou de vender os sorrisos
a metade de preço
Talvez mais tarde
seremos capazes de derrubar a muralha
entre a vida e a morte
para assim cobrir os espaços em branco
que os beijos não conseguem encher.



⁹⁷ Graduanda de psicologia em OXFORD HOME STUDY COLLEGE, e também da CAMBRIDGE MANAGEMENT AND LEADERSHIP SCHOOL, onde estudou LEVEL 7 POSTGRADUATE DIPLOMA IN HEALTHCARE AND SOCIAL CARE LEADERSHIP. Além disso, possui uma trajetória literária bastante extensa, com prêmios e galardões recebidos no Brasil, Colômbia, Argentina e Espanha, entre outros. matta.hari.190@gmail.com

Lembro

*Patrícia de Campos*⁹⁸

Fazem parte de mim
Cada experienciar
Pessoas com quem convivi
Sentimento que provei
O que seja
Que tenha
significado
Imortalizou-se
Em minha memória
Inteira...

Tenho algumas muito boas
Outras tristezas que ferroam
Alguns que aqui estão
E demais que abandonaram.
O que aprendi de certo
Coisas que fiz de errado
Recordações são fotos
Ou peças de porcelana
Cartas emboloradas...

Uma roupa meio apertada
Talvez, buraco sem fundo
Uma gaveta com cadeado
O que tem importância
fica Desaparecem as
quaisquer. Memórias são
heranças Das histórias
contadas Ocasões
passadas
Um baú com tesouros.

É disco de vinil
Forno à lenha
Relógio na parede
Diário de adolescente.
Reminiscências tolas
As mais queridas
Um beijo dado escondido
O amor que veio
Correspondendo ao
pedido.

⁹⁸ Patrícia de Campos Occhiucci, nascida em 8 de fevereiro de 1985, tem 36 anos. Graduada em Biologia pela FIMI e Psicologia pela FMPFM.
patyarez@gmail.com

Lembrança é maloca
Dentro da mente alocá
Quantas cabem
Nessa caixa de neurônios?
Queria apagar umas
E registrar as melhores
Tudo que a gente passou
Tantas me restaram
Depois que você se foi.



Lembro

*Marina Barrichello Marone*⁹⁹

Lembro de tantas coisas
Tantas coisas tão banais
De saberes, de prosas
Que ficaram para trás

Lembro da farpa no dedo
Que fez sangue meu pingar
E que doeu, mas sarou cedo
Depois da mamãe tratar

Lembro do curau de milho
Que vendia lá na rua
E do moleque maltrapilho
Que andava na perua

Lembro da menina bonita
Que frequentava a escola
E do vestido formoso de chita
Com lacinhos cor-de-rosa

Lembro da primeira vez
Que escutei um palavrão
E da cor da minha tez
Depois de rolar no chão

Lembro do azul do céu
No dia de um casamento
E da renda soltando do véu
Durante o sacramento

Lembro das folhas soltas
Que caíam no quintal
E das cantorias roucas
Do meu velho Josival

Lembro de tudo aquilo
Tudo aquilo bobo e trivial
Mas que o meu coração
Trata como essencial!

Lembro...

⁹⁹ Marina Barrichello Marone, natural de São Paulo - SP, nascida em 28 de setembro de 2003. Estudante em processo de formar-se no Ensino Médio na instituição Colégio Dante Alighieri. A apaixonada por cactos, abacate e, naturalmente, poesia. Dona do instagram @poema.rina, ela explora a sua criatividade e compartilha ideias no Youtube pelo canal Marina Marone. marina.b.marone@gmail.com

Lembro com saudades...

Patricia Santos Muller¹⁰⁰

Saudades tenho, de estar comigo.
Recomeçar, ser meu abrigo.
Das tardes longas de inverno frio.
Dos bosques Plátanos, sombrios.
Do Minuano que iuva, do cabelo que voa.
Da pele que arrepia, do barulho da garoa.

Lembro do frio, que corta a madrugada.
Dos pés que caminhavam quebrando a geada.
Do frango caipira na galinhada, da bergamota adocicada.
Do limoeiro carregado, da companhia pro mate amargo.
Das friacas de agosto, tenho saudades e não desgosto.
Belas lembranças.

Saudades tenho, daquele bichinho.
Embora cachorro, chamava Lobinho.
Sabia onde estava a chave.
Mostrava abanando o rabinho.
E da branquinha de grandes olhos verdes.
Renascida tantas vezes que até perdi a conta.
Silenciosa veio, silenciosa foi.

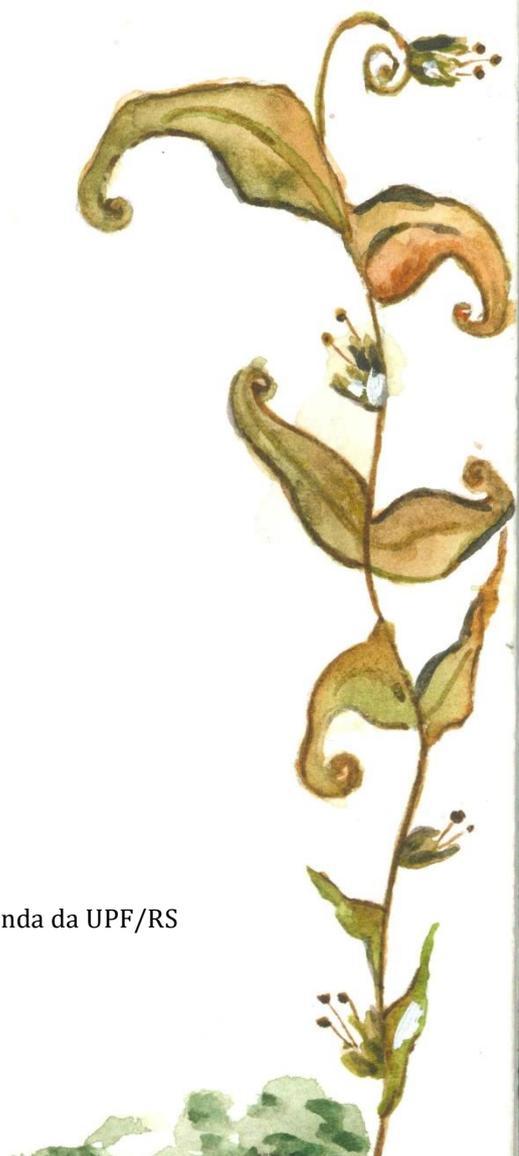
Lembro, da escola velha.
Da primeira professora.
Da bicicleta de rodinha, da piscina de lona.
Do balanço de corda.
Dos banhos de chuva.
De caçar vaga-lume, de andar na calçada equilibrando na borda.

Saudades tenho, dos meus avós.
Pouco tempo e saudade atroz.
O urinol e a patente.
O copo que dormia contente, ou com dente?
Enfim, dormia sorrindo.
As hortênsias, o vestido marrom com árvores diferentes.

Lembro, do frio da minha infância.
Frio valente, com F maiúsculo.
De doer nos ossos, de bater os dentes.
De cortar a pele, endurecer os dedos.
Do pala velho e dos pelegos.
Fazer o quê, amo o inverno.

Saudades tenho, das aulas noturnas.

¹⁰⁰ Patricia dos Santos Müller, natural de Curitiba - PR, tem 42 anos. Mestranda da UPF/RS
patriciadossantasmuller@gmail.com



Tão ricas, tão profundas.
Colegas que se tornaram amigos.
Professores como exemplos.
Conhecer novos lugares.
Tomar brodo e comer pão de casa.

Lembro do início do namoro.
Lembro apenas dois.
Tempos depois mais dois, e depois?
Mais dois.
Somos seis, e nos amamos.
E, adoramos o inverno.

Saudades tenho, do inverno.
Meus bebês cheios de roupas.
Parecendo ursinhos.
Afofados e beijados com carinho.
Quem dera todos, tivessem um ninho.
É triste ouvir: “Mataram o menininho!”

Saudades tenho, de voltar.
Ao frio do inverno.
Que já não faz.
Lembro a infância, que não volta mais.
Os bons momentos...
Que saudades tenho ...

“Lembro-me até hoje”
*Anderson Evaristo Lopes da Silva*¹⁰¹

Lembro-me Até Hoje dos seus lindos lábios
Que por minutos me beijavam
Me faziam renascer
E ao fim me deixavam.

Lembro-me até hoje às noites ao seu lado
Me pareciam tristes
Uma escuridão Sem forças
Sombrio e gelado

Lembranças que cortam meu peito
Como uma faca de dois gumes
A traição estampada,
Um amor sem ciúmes

Achamos na nossa essência
Um amor desprovido
Onde a dor era imensa,
E o sentimento se faz corrompido

As chaves para trancar
Uma lembrança triste
Foram jogadas ao Rio
E hoje já não existem

Se um dia eu voltar
A repaginar essas lembranças
Não serei mais o mesmo
Pois me faltará esperanças.

Na dor da maldade
Que te levou de mim
Não existe felicidade
Só um triste fim.

Quando me recordo
A saudade me esbalda
A lembrança me domida
E a dor me acalma

A lembrança me diz palavras tristes
E a saudade me faz chorar
O sentimento me tira a paz
E a esperança me deixa caminhar

¹⁰¹ viradouro555@gmail.com

Se um dia eu voltar
E seus olhos brilharem com minha presença
Em teus braços irei morar
E a lembrança será só uma sentença.

Leuk

*Laura Lavínia Sabino dos Santos*¹⁰²

Outro dia correndo caí em uma cratera e a falta de luz
trouxe à tona os meus demônios que, enquanto
abriam minhas feridas, brindavam a minha dor
Então depois de 23 anos caminhando pela estrada do Sr. Tempo
me veio o questionamento:
Somos dele a presa ou o predador?

Albert Einstein tava certo quando ressaltou
que o mundo é um hospício
Concordo e complemento: a mesma sociedade que
te adocece, te entope de remédios
e no final recomendam exercício
Como se dissessem: pula que passa
E assim continua doente, a massa

Mas agora seguindo num ritmo não tão mais acelerado
Percebo que nem todos os morangos são mofados
E fora de casa próximo da aurora
ouvi que o depois é o agora
Algumas coisas estão finalmente fazendo sentido
Meu coração precisava sentir isso, porque dele as esperanças já tinham partido
Inclusive, outro dia consegui observar através de um quadrado
um pedaço do paraíso ali do outro lado
Em suma, como diria Chorão:
Já se foi o tempo da ladeira, irmão

¹⁰² Laura Lavínia Sabino dos Santos, natural de Santarém - PA, nascida em 21 de janeiro de 1997, tem 24 anos. Atualmente é aluna de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
laura.santoos79@gmail.com

Luz da Geladeira

*Lis Pectro*¹⁰³

Lembro que quando criança
Fechava bem devagarinho a geladeira
Só pra descobrir quando a luz se apagava
Na verdade, uma questão metafísica chegava
Saber aquilo era querer descobrir
O dia exato da morte, o fim da sorte
O momento em que a vida se apagava,
Quando deixava de existir, a hora de partir



Abro a geladeira hoje, momento gelado
Um recorte no tempo, instante congelado
Geladeira aberta, dois caminhos se abrem:
Primeiro, o da gratidão e da saciação
Pego a manteiga e vou comer meu pão
Segundo, o da murmuração, tédio e repetição
Atento ao que me falta, fome de não sei o quê
Sem saciar, confuso, apenas a observar
Humano, insaciado, neste momento gelado
Poeta, que sente a falta, neste raciocínio quente

Nossa luz vai se apagando
Quando esquecemos de agradecer
Quando abrimos a geladeira
E não enxergamos algo para beber ou comer
Quando um dia nasce, repleto de novidades
E não notamos oportunidades para crescer

A luz de uma amizade dura pouco
Logo a geladeira se fecha, a luz se apaga
E não lembramos porque a abrimos
Agradeçamos o pão de cada dia
Senta à mesa comigo, sacia
Comamos e bebamos, brindemos a amizade
Vem ser meu amigo, vem deixar saudade!

¹⁰³ Lis Pectro, natural de Cuiabá – MT, nascido em 06 de novembro de 1982, Graduado em Psicologia pela UFSCar (2004-2010). Desde 2014 atua como psicólogo na Unesp em Rio Claro. “Gosto de Rubem Alves, Clarice Lispector, Ferreira Gullar, Paulo Leminski, Machado de Assis, Cora Coralina, Millor Fernandes, Nelson Rodrigues e outros”.
igao82@gmail.com

Madura Infância

*Islene dos Santos Roque*¹⁰⁴

Quem sou? Quem fui.
Vida que corre
Qual criança desembestada
Tropeça, cai, levanta
Sacode o pó, bate a poeira
Marcas mapeiam o corpo pueril
Das peraltagens bem vividas

Sob a luz das lamparinas ganham vida
Estórias de assombração
Nos lampejos cintilados
No abrir e fechar de olhos
O fantasma materno vindo até nós
Suplicando pelo seu filho na escuridão
Esses eram nossos medos e pesadelos

Infância tem cheiro de casa da avó
Do chá e da sopa quentes sorvidos
Daquelas mãozinhas doces e ternas
Nos banhos escondidos na barragem
Que levavam como perdão as traquinagens
Água de leite e metamorfose
Refletida na mudança de cada dia

Infância tem cheiro de chuva
Sabor que inunda os sentidos
Correndo a se enlamear
Enquanto grita de dentro a mãe:
Venha, menino! Você vai gripar
Sem medo da vida,
Sem medo da dor
Sem medo do mundo

Quem sou? Quem fui.
Marcas de dor tatuam o peito
Tropecei, cai e levantei
Nas águas da vida me banhei,
Cresci, mudei, amadureci
Na dor da vida vivo no mundo
Rego a semente da cura
Para o medo e a angústia
E assim, a viver aprendi.

¹⁰⁴ Islene dos Santos Roque, natural de Caetité - BA, nascida em 10 de dezembro de 1982. Possui mestrado pela UESB.
islenechina@gmail.com

Máscaras Lembranças

*Samuel Procópio Damasceno Couto*¹⁰⁵

Vou lançar o meu sopro para serra da estrela,
Onde a beira alta despertará a lua.
Vou lançar o meu sopro as beiras e serras,
Nutrindo de ar
Asas adormecidas de pássaros pousados no lar,
Reclusos lembrando-se do sopro esperas.

Vou lançar etéreo sopro
Vindo de lábios abafados que,
O mundo em máscaras verdadeiramente aguarda.

Vou aquecer o meu sopro no útero da máscara,
Frio não passa em coração sem máscara, mas,
Vento frio mata narinas e lábios sem máscara.

Vou dar a luz ao meu sopro na máscara,
Para que o meu rosto algum dia envelheça.
Para que o rosto envelhecido não desfaleça.
Vou lançar o meu sopro a serra da estrela,
Para que máscaras se tornem lembranças
passadas
Não nos olhos humanos,
Não no coração humano
Não na alma humana
Apenas em narinas e lábios que aprenderam a
serem Amigos das máscaras
Sussurram segredos como vento:
lembranças íntimas do ar.
O mundo clama urgência
Para lançar o seu sopro a serra da estrela
Onde a beira alta,
Despertará a lua
E não será mais noite.
Nascerá o primeiro sopro
Do tão aguardado novo dia
Máscaras lembranças
O mundo pós-pandemia.
Descartado as máscaras: como estarão as nossas faces?

¹⁰⁵ Samuel Procópio Damasceno Couto, natural de Juiz de Fora – MG, nascido em 5 de abril de 1998, tem 22 anos. Estudante de História na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). samuelprocopioujf@hotmail.com

Melancolia

Agostinha Monteiro¹⁰⁶

Escrevo neste papel singelo
os mais puros pensamentos,
de um tempo longínquo e belo
em que saboreava os momentos.

Tempo... em que tudo era verdadeiro.
Tempo... em que cada um contava.
Onde o mundo era mais ordeiro
e a felicidade a todos presenteava.

Hoje, por viver nesta nostalgia,
sinto uma terrível melancolia,
que reiteradamente em cada dia
me sufoca... em profunda agonia.

¹⁰⁶ Agostinha Monteiro, natural de Aguiar da Beira, Portugal, nascida em 06 de maio de 1970, tem 50 anos. Licenciatura em Línguas e Mestrado em Educação. Professora na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves em Vila Nova de Gaia, Portugal.
agostinha.monteiro@gmail.com

Memento mori

*Álvaro Santi*¹⁰⁷

Ao sul do sul, virou rotina
a desgraça: há sempre o luto
e os que sequer são dignos dele.

Há sempre um cadáver em cena,
um corpo de carne, osso, nervos,
um corpo de cal, telhado, pedra...

Na história interrompida,
já não sabemos lembrar,
já não se pode esquecer.

(Ouvi dizer que os Ianomâmi
nos chamam, apropriadamente,
“o povo do esquecimento”.)

A meta é plantar desertos,
dissonância das coisas e ideias,
no solo como nas mentes.

Se o inimigo vencer,
vai reescrever o passado
e nem os mortos estarão a salvo.

Mas os vivos podem escolher.

¹⁰⁷ Álvaro Santi, natural de Lajeado - RS, nascido em 1964. Poeta e músico, autor de seis livros de poesia. É Bacharel em Música e Mestre em Letras pela UFRGS; e Especialista em Gestão e Política Cultural pela Univ. Girona (Espanha) e Instituto Itaú Cultural. Integrou o Conselho Nacional de Política Cultural (2008-2010). Desde 1996, atua como técnico em cultura na Prefeitura de Porto Alegre. Tem diversos poemas premiados em concursos e publicados em antologias, além do ensaio *Do Partenon à Califórnia* (UFRGS, 2004). Lançou CD *Trem da Utopia* (2011).
itnasoravla@gmail.com

Memorabilia

*Marian Koshiba*¹⁰⁸

Cada mobiliário capenga e torto
Lembra que não veio teu reparo
Falta o afundado do teu corpo
No nosso sofá velho, um amparo
Para fingir breve o teu retorno.

Até o lascado no velho assoalho
Lembra a tua dança desastrada
Um pijama sem nenhum desfiado
Insone das noites não utilizadas
O passado que já foi
O futuro que nem pôde
Dor em doses igualadas.

Nem troquei a marca do amaciante,
Mesmo sabão em pó, desinfetante,
Até borrifo teu perfume inebriante,
Mas a casa nem cheira mais a lar
Eram da tua pele as notas pelo ar.

Resta um gosto de poeira e mofo
O olhar de um passado amorfo
Nem teu rosto restou a salvo
Da decadência desses anos todos...

Lembranças são cantos roucos
De saudades mal disfarçadas.

Lembranças são santos ocos
Preenchidos de ossos e lágrimas.

Lembranças são ecos e sopros
Desejo de permanência
De existências ultrapassadas.

¹⁰⁸ Marian Koshiba, natural de Mogi das Cruzes, nascida em 10 de julho de 1989, tem 31 anos. Graduada em Direito pela USP. É cantora, compositora e escritora.
marian.koshiba@gmail.com

Memorandum

*Deivide Almeida Ávila*¹⁰⁹

Silenciosas lembranças
embalam meus sonos
Memórias irrisórias
de pecados, de medos
de corpos, de desejos
Das lembranças que carrego comigo
mesmo que amargas
sinto saudades
Momentos de tudo viver
tudo sorrir, tudo chorar
Sonho sozinho
sonhos exauridos
de pavor intermináveis
Memórias que vão e voltam
que gritam, que perduram
afligem
Lembrança de uma vida
que já passou, que marcou
 que não volta
 que morreu
 mas vive marcada
 no corpo, na alma
 na mente.

¹⁰⁹ Deivide Almeida Ávila, natural e residente de São João del Rei – MG. Licenciado em Música pela UFSJ, Licenciado em Letras pelo IF Sudeste MG - Campus São João del Rei e Mestrando em Letras pela UFSJ na linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural. almeidavila06@gmail.com

Memória

Rô Carmo¹¹⁰

Pode ser que sim
Tenha mesmo acontecido
Sua mente insana clama por clarividências
Capazes de desnudar passados
Mas talvez não tenha sido como ela, a mente, explana
E esse roteiro inteiro seja apenas lembrete errôneo de um tempo não vivido
De caminhos nem trilhados
De histórias meramente sonhadas
E agora, seu presente apresente só certezas
Posto não ser possível confirmar se o que hoje soa como sofrido
Foi de fato experimentado
Ou era só destino
Que não fora sequer traçado
Resta o desatino.



¹¹⁰ Rosângela do Carmo, natural de Belo Horizonte - MG, tem 50 anos. Graduada em Letras e pós-graduada em Educação Musical pela UFMG. Acredita na leitura como uma experiência de libertação. rosangela_do_carmo@yahoo.com.br

Memória

Marcos de Andrade Filho¹¹¹

Para Evanise Soares, minha avó, e seus benzimentos

...pinhão
não pelo que vem
de pinha pinho pinheiro
mas pelo que vem
de pingos de fé
de vovó rezando.

...temperança
não pelo que vem
de meio termo virtuoso
equilíbrio raciocínio
clima ameno
ou carta de tarô
mas pelo que vem
de caravela carregada
das panelas de mamãe.

...é a memória
que mora
no mar
no morro
na masmorra
da palavra
que interessa
trazer ao cais!

¹¹¹ Marcos de Andrade Filho, nome artístico de Marcos Antonio Soares de Andrade Filho, natural de Recife - PE, nascido em 23 de junho de 1982, tem 38 anos. Estudou Letras na UFPE e na UnB e estuda Direito na UFPE.
scripta.andrade@gmail.com

Memória do homem enclausurado

Mauro Sérgio Santos da Silva¹¹²

Cimento muro paredes
cercas portas e redes
livre do mundo
dentro de casa
fora de si.



Encerrado, recolhido, encarcerado, enclaustrado,
enjaulado, fechado, isolado, aprisionado...
o homem confinado é, antes de tudo,
um animal livre do jugo do trabalho
pelo vírus libertado.

Mas, ora, animal trabalhador
não se reconhece senão
em seu labor!
Habitado ao verdugo
à agenda e à sirene
ao relógio, soturno.



sente faltar-lhe as correntes
sente faltar-lhe o peso do laço
do algoz
do carrasco.

Lá fora, a inefável tagarelice cotidiana da multidão solitária
Cá dentro, o ensurdecido silêncio insolente
de um universo vertiginosamente
consuetudinário que,
repentinamente,
heráldico, para.

Isolado, é, o homem, um anátema degredado
proscrito excomungado, confinado, exilado de si,
impossibilitado
de ser.

E, no silêncio, amplo e rítmico e sonoro e retumbante,
alado, disforme, o homem acrisolado, é incessante
interregno de vida, tenso
e enlouquecedor
aguardo.

É coração desconsolado
cansaço enclausurado
solidão desvairada
espera desmedida.



¹¹² Doutor em Educação (UFU) Mestre em Filosofia Ética e Política (UFU) Especialista em Educação Empreendedora e Gestão de Projetos Educacionais (UFSJ). Especialista em Gestão e Supervisão Educacional (Instituto Passo 1). Autor do Livro "Camaleão: metapoesia" e do livro "Hannah Arendt e o Sentido da Política". Educador, escritor e gestor de projetos educacionais. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE). Membro da Academia de Letras e Artes de Araguari - MG (Ocupante da Cadeira n. 35). Colaborador de jornais, boletins e periódicos. Escritor premiado em diversos concursos e eventos literários. Professor em cursos de formação continuada para educadores. Coordenador de projetos educacionais e culturais. Assessor Pedagógico. mauro.filos@hotmail.com

No enervante aroma de tranquilidade

O homem isolado é lamento

É impulso de fatalidade:

de paz e abundância,

privação e tormento.

Cimento muro paredes

cercas portas e redes

livre do mundo, dentro de casa, fora de si, evadido de
ser.

Memórias

*Carollina Costa*¹¹³

É o sangue do sertão que corre nas veias
O solo quente e infértil
A memória da fuga pelo sol
Da trajetória errônea que só quem não tem destino sabe viver
Aquela memória juntou com a vinha fria da segunda guerra
A benção de comer o que se planta
Mas também não saber como vai ser na próxima estação
A memória da roupa rasgada
Da fuga da guerra pela promessa de uma nova terra
A junção do imigrante de país com o apenas estrangeiro da língua
Dois interiores que se encontraram
E juntos formaram
O arcabouço de memórias
E as centenas de histórias
Que passaram de parto em parto
Até parirem
A mim

¹¹³ Carollina da Costa Barbosa, natural do Rio de Janeiro, tem 24 anos. É estudante de Licenciatura em Letras: Português-Inglês na instituição UFRJ.
cllbcosta@gmail.com

Memórias

*Carlos Siqueira*¹¹⁴

Memória,
por que confronta o agora
com o outrora?

Por que nos traz à mente
aquilo que felizmente
foi embora?

Engana a realidade
chamando lembranças
de "saúde" e "felicidade"...

Ilusória e teimosa!
Insiste em trazer,
como se fosse prazer,
o ausente ao presente.

Memória que
me assusta
e me acorda;
que me assombra
e vai embora...

Ainda assim,
sou grato a ti
pelas besteiras
que não cometi,
por me lembrar
de erros passados
que, graças a ti,
não esqueci!

¹¹⁴ Antônio Carlos da Silva Siqueira Júnior, natural de Afogados da Ingazeira - PE, nascido em 1994 e morador de Ribeirão Pires - SP. Graduado em Letras - Português e Inglês, pela Faculdade de Santo André - Santo André. Atua como professor de inglês e poeta. siqueiracarlos19@gmail.com

Memórias da infância – Jau

*Beatriz Cochrane Mattos*¹¹⁵

Minha infância foi bem divertida
Cheia de memórias coloridas
Férias inesquecíveis com primos na fazenda
Entenda... eram outros tempos

Tenho as melhores lembranças
Daquele tempo que passou....
De espingarda de chumbinho
A passeio a cavalo no vizinho

Meias furadas e calça remendada
Roupas molhadas do banho de irrigação
Não nos importávamos com nada
Não tínhamos grandes preocupações

Galochas sete léguas
Nós nos revezando nas éguas
Serena, Indiana e Lua
Galopando em disparada
Fugindo da gemada da 'Donana'
E da charrete puxada pela Faxina

A enchente que levou a ponte
O leite fresco tomado direto da fonte
O fogo na granja
Limonada, creme de abacate e laranjada

Nós comíamos na mesa da cozinha, nos pratos de madeira
Obedecendo às ordens da Chila... e aí de quem deixasse comida no prato
Foi assim que eu aprendi a gostar de abacate... pra evitar um embate

Mamãe e titia tricotavam todo dia
E nós nunca parávamos
Bóia de câmara de trator na piscina
Coitado do primo com tanta menina...

E a bronca sempre era para não fazer grupinho
Então resolvíamos brincar de banco
Escrevendo recados nos bloquinhos

¹¹⁵ Beatriz Cochrane Mattos, natural de São Paulo - SP, nascida em 25 junho 1971. Estudou no Colégio Madre Alix e no Santa Cruz. Graduada em Direito pela PUC/SP. Mestre em Direito Bancário pela Boston University. Trabalhou em grandes escritórios de advocacia. Tradutora formada pela Associação Alumni. Mediadora voluntária no CEJUSC Jabaquara. É casada e tem duas filhas. Começou a escrever poemas em 2020.
bcmattos@uol.com.br

Trampolim na piscina, cuidado com o sol meninas!
Pic-nic debaixo da Grande Figueira
De onde se avistava a propriedade quase inteira

Tínhamos atividades para todos os dias
Ficávamos imundos, entrávamos pela
Porta dos fundos, direto pro banho
Já deitados na cama, contávamos piadas variadas

Nas sextas-feiras a felicidade era total quando os pais chegavam da capital
Trazendo nossas encomendas... língua de gato e chumbinho
Nós os esperávamos jogando queimada de pijama no quintal

Hoje guardo na lembrança esse tempo de criança que não volta mais
Tenho na memória e no coração muita gratidão por cada uma dessas recordações
E como recordar é viver... que saudades de podermos conviver

Memórias da Universidade

*Ronaldo André Lopes*¹¹⁶

Quais lembranças nós deixamos,
Pelos espaços em que passamos?
Quais memórias nós temos,
De tudo aquilo que vivemos?

As conversas e a rotina,
Boas amizades e laços.
Os cafés lá na cantina,
Os sorrisos e os abraços.

As janelas entreabertas,
E os conhecimentos adquiridos.
Em meio às novas descobertas,
Aprendizados que não serão esquecidos.

Com a extensão e a comunidade,
Os voluntários e os bolsistas.
A relevância do ensino e da aprendizagem,
Das pesquisas e dos cientistas.

Que tão breve seja a alegria,
De retornar à universidade.
Que mesmo em meio à pandemia,
Mantém-se inclusiva e de qualidade.

¹¹⁶ Ronaldo André Lopes, natural de Alfenas - MG, nascido em 18 de junho de 1998, tem 22 anos. Estudante de Pós-graduação em Educação na UNIFAL-MG e licenciado em Matemática pela UNIFAL-MG.
ronaldo-1109@hotmail.com

Memórias de uma Professora Aventureira

*Weslene da Silva Santos*¹¹⁷

Nasci em Teresina,
No estado nordestino
Povo sorridente, animado e caloroso
Por isso me chamo Weslene
Com esse nome diferente

Mas, foi em Lucas do Rio Verde
Que aprendi o bê-a-bá.
Ao atravessar o portão da escola
A cada passo tímido, olhos fixos e excitação
Conheci o mundo da escrita e da imaginação

Minhas primeiras lembranças e memórias
A pequena menina observadora, quieta e tímida
Foi crescendo e se transformando
A cada passo que dava ao sair e entrar no portão da escola
Segui aprendendo, contando, ensinando, brincando e imaginando
A menina foi crescendo e amadurecendo em cada passo da vida

Assim como girassol que precisa de sol
A minha aventura em ensinar
Precisava outros portões de escolas
Aventurar no ensino
Partilhar com os outros, medos, alegrias, imaginações
Sempre soube o que estava me aguardando
Do outro lado do portão

A jornada se inicia
De Lucas do Rio Verde, segui para Chapada dos Guimarães,
Cuiabá, Rondonópolis e até nos ribeirinhos pantaneiros
Na aventura do ensinar
Conheci diferentes portões de escolas
Cheiros, emoções e sensações

Com mochila nas costas, atravessei Mato grosso
Chegando no Sul, aventurando nas terras catarinenses.
Chapecó, Maravilha, Balneário Camboriú e Itajaí
Aprendendo e reaprendendo
Constituindo e assumindo diferentes “eus”
Diferentes significados em cada portão de escola

¹¹⁷ Weslene da Silva Santos, natural de Teresina – Piauí, nascida em 20 de março de 1990. Graduada em licenciatura de Pedagogia. Atualmente é mestranda em políticas públicas educacionais e formação de professores na UFR de Mato Grosso. weslenesantos30@gmail.com

Regressei para os portões da escola em Lucas do Rio Verde
Compartilhei ensino, experiências e vidas.
Mas, a aventura em trilhar a estrada novamente começou...
Novas culturas, línguas, escritas e imaginações
Quero conhecer e aprender também!

Essas são algumas lembranças...
Anotadas em um pequeno caderno
Experiências e memórias escritas
Afinal, a jornada continua em cada portão de escola
Cada lembrança é uma página melhor que a outra
É por isso, que sou uma professora aventureira!



Memórias Minhas

*Lívia Alves Nascimento*¹¹⁸

Foi-se aquela época, aqueles dias
Alegria, que se tornou tristeza
Assim que o passado tomou-a para si
O alento para o coração, transformou-se em agonias
O hoje não tem a beleza
Que o ontem teve para mim
As lágrimas descem com um pesar
Elas não doem, o que dói é motivo que me faz chorar
Amigos que não mais verei
Pessoas que amei
Do povo que cuidei
Só restaram as lembranças
Até as vidas não vividas
Me encham de esperanças
Mas nada muda vindas, as idas
Não há como voltar
O tempo faz esquecer
Mas as dores voltam à lembrar
Se eu pudesse voltar
Nem que fosse por um segundo
Reviver aquele mundo
Onde o amor era profundo
Tudo que no passado vive
Hoje já não mais existe
Até mesmo eu

Quem vivia neste corpo morreu
Embora seja triste, isso me fez ser quem sou
O passado me construiu
Viverei para honrar aquele paraíso
Que nunca será esquecido
Desejando pelo menos sonhar e acordar com um sorriso
E criar mais memórias
Para os meus filhos e netos contar histórias
Fazendo eles sorrirem, revivendo o que vivi
Inspirando a nova geração à sentir
Aproveitar cada segundo do presente sorrir
Assim me tornarei também passado e será o meu fim

¹¹⁸ Lívia Alves Nascimento, nascida em 5 de abril de 2002, tem 19 anos. Possui ensino médio completo na instituição Vinícius de Moraes em Cotia - Granja Vianna.
ziraplayer01@gmail.com

Meu desassossego onírico

*João Sena*¹¹⁹

O clique do relógio sobre minha cabeça
O sonar do interruptor ao ser desligado
O v-v-v-v do ventilador
O macio da colcha que me acalenta
A viagem que faço a um novo mundo
Dentro de mim mesmo

Tenho muito o que fazer
Atividades do dia seguinte
Matérias para desacomular
Um desassossego agonizante
Será que no futuro
Isso vai ser recorrente?

E relaxo!

Joelhos trêmulos
Olhar cansado
Dentes rangendo
Coração acelerado
Será que um dia olharei para trás
E isso para mim vai se tornar coisa do passado?

Ouvidos chiando
Corpo enrijecido
Unhas roídas
Jeito comedido
Será que um dia olharei para trás
E será como se isso nunca tivesse vivido?

Corpo arrepiado
Respiração ofegante
Cabelo todo enrolado
Num nervosismo constante
Será que um dia olharei para trás
E sequer conseguirei seguir em frente?

Alegria surpreendente
Corpo suspenso no ar
Êxtase gigante
Como se pudesse voar
Será esse o começo da minha vida
Que por tanto tempo tentei encontrar?



¹¹⁹ João Pedro Sena da Silva, natural de Salvador - Bahia, tem 17 anos. É estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Militar de Salvador. Ama poesias, sobretudo literatura de cordel.
joosn3@gmail.com

Em frente, sigo diferente
De quem outrora havia sido
Encontrei um propósito
Que achei que nunca seria conseguido
Me joguei na vida
Sem medo de nenhum perigo

E então eu disse não
Vou me arrepender de nada
Mesmo que por ora pense
Que fiz a escolha errada
Devia ser advogado
E não essa coisa pacata

E surge uma resposta à minha mente
Como um meteoro avassalador
Abalou minha ordenação,
Como nada antes me abalou
Decidi de uma vez por todas
O que quero é ser professor!

Uma luz me cega
Será essa a decisão?
Estou deitado como sempre
Prestes a cair no chão
E um zunir me incomoda
Como deve deixar de tamanha ilusão

Trimmmmmmm

Acordo!

E em um despertar repentino
Levanto-me e ajo como sempre
Lavo as mãos, escovo os dentes
E nada do que ocorreu
Enquanto dormi importa

Porque, para mim, só há um caminho
A seguir:
Em frente!

Até que essa súbita lembrança me encontra
Ocupa minha mente
E me causa um desassossego irreparável
Logo, pela milionésima vez,
Me encontro adormecido
Num oceano de lembranças

Infundadas...
Embaralhadas...

Meu mundo...

Maria Eunice Silva De Lacerda ¹²⁰

Eu vejo o tempo correndo,
Dentro dele vou vivendo.
Pés descalços na areia,
Chutando a bola de meia,
A pipa livre, ao léu,
Enfeitando o azul do céu.
Passa anel, amarelinha,
Esconde-esconde, adivinhas...
Tudo isso é passado
De um tempo apressado.
As brincadeiras atuais,
São distantes, virtuais.
Não tem mais o pega-pega,
A ciranda, a cabra cega...
É a tecnologia,
Transformando o dia a dia.
Ah se coubesse o outrora,
Dentro do mundo de agora!

Eu vejo o tempo correndo,
Dentro dele vou vivendo.
As mudanças são visíveis,
Nem a todos, acessíveis.
O candeeiro apagado,
A luz elétrica ligada.
O luar pouco prateia
Nas noites de lua cheia.
Arranha céus, são cortinas,
Escondem o céu, as vitrinas.
Nas estradas de rodagem,
O asfalto é a roupagem.
Os aviões pelos ares
E os navios, nos mares.
Uns, vão andando a pé,
Perambulando, sem fé.
Ah se coubesse o outrora,
Dentro do mundo de agora!

Eu vejo o tempo correndo,

¹²⁰ Maria Eunice Silva de Lacerda, natural de Brejo Santo – CE, nascida em 1956. Filha de José João da Silva e Maria Ribeiro da Silva. Casada com Maurício Macedo de Lacerda. Chegou a Toledo em 1980, onde atuou no Magistério por 25 anos. Aposentada pela Secretaria Municipal da Educação. Escritora multipremiada em concursos literários; tem participação em diversas Antologias Literárias. Escreve poemas, haicais, trovas, contos e pensamentos. Fundadora da cadeira 34 da Academia de Letras de Toledo. Membro do Clube da Poesia de Toledo e da União Brasileira de Trovadores de Toledo. Seu lema: Participar é preciso
maria_lacerda_2006@hotmail.com

Dentro dele vou vivendo.
No tempo, tempo não há
Para o amigo abraçar.
A conversa de hoje em dia
É na tela. Quem diria!
Celular, televisão,
Computador... solidão.
O novo, vira sucata
E o consumismo, se acata.
Que permaneça a essência,
Entre o humano e a ciência.
Que as lágrimas de uma dor,
Sejam secas com amor.
E o Deus da criação,
Viva em cada coração.
Ah se coubesse o outrora,
Dentro do tempo de agora!

Milagres

*André Machado de Azevedo*¹²¹

Dói mais quando anoitece.
Ouço hiatos e titubeio: insanidade ou saudade?
Minha mente adora girar o tempo do avesso, confesso.
Anseio futuros, mas o pretérito teima ser verdade.
Perco o sentido quando vosso lugar vazio fica.
Perco o motivo quando tua boca não encontra a minha.
Injusto tocar fotografias quando se precisa de pele.
Injusto separar quem combinou de se amar.
Refaz o milagre: volta como se jamais partido tivesse.
Conserta esta alma.
Antes que anoiteça.

¹²¹ André Machado de Azevedo, natural do Rio de Janeiro – RJ, nascido em 18 de março de 1985. Geógrafo com pós-graduação em geografia escolar. Professor municipal do Rio de Janeiro. Autor do livro *Danse o Impossível*. Vencedor de 23 prêmios literários.
andre18ama@hotmail.com

Minha Estrela

*Jerson Lima de Brito*¹²²

A madrugada é longa e saio, aflito,
Em busca das estrelas novamente
E as trilhas enfeitadas do infinito
Instigam este peito adolescente.

Na minha trajetória ressuscito
O coração tristonho e dependente
Dos sonhos que alimentam o conflito
Perante um firmamento diferente.

Abraço o resplendor de cada feixe,
Pedindo que a saudade não me deixe
Penar sob as agruras dos amantes.

Cintilam mil sorrisos, mas pranteio
Somente o teu, querida, neste anseio
Repleto de lembranças delirantes.

¹²² Jerson Lima de Brito, natural de Porto Velho - RO, tem 47 anos. Graduado em Administração e Direito pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR.
jersonbrito.pvh@gmail.com

Não me esqueçam
*Renan Augusto Ferreira Bolognin*¹²³

Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade (Paolo Rossi. O passado, a memória, o esquecimento, 2010, p. 32).

Diante das flores agrestes,
venenosas e volumosas,
essas mulheres,
exauridas de coragem,
se perderam.

Pudera eu
preenchê-las de passado

Por desventura,
elas exalaram -
entre todas as
disponíveis
no ramallete
da aridez desértica de suas vidas -
a fina, aliciadora
e suposta apolínea
flor
neurodegenerativa.

Meu rosto
metamorfoseou-se

Os corações delas
desaceleraram-se

Há
teórico espaço
em suas mentes
para
pensamentos
policrômicos
polissêmicos
polimórficos
polifônicos

¹²³ Renan Augusto Ferreira Bolognin, natural de São Paulo, nascido em 24 de outubro de 1988. Atualmente, doutorando em Estudos Literários pela Unesp de Araraquara e mestre em Estudos de Literatura pela UFSCar. Atua como professor de literaturas de língua portuguesa e espanhola. renanbolognin@hotmail.com

Sua visão
sem estereoscopia
linha reta para o nada,
não enxerga mais o além,
nem o outrora

Nem as mãos,
calejadas do lavrar da terra,
servem como recordativo
eficaz

Seus passos mais lentos
e o olvido do cuidado
cotidiano
confundidos
com entorpecimento
de quem são seus parentes e
quais são suas histórias de vida

Quisera visitar o lago da memória,
nem que para isso
tivesse
que
descer ao
inferno

Traria a cura espiritual
das águas
de Mnemósine
se pudesse

Minha impotência,
no entanto,
apenas consegue oferecer uma cura simbólica a elas:

Um miosótis para cada,
flor popularmente chamada
não-me-esqueças.

Naquela praia

*Marcela Guimarães Neves*¹²⁴

A luz da manhã em teu corado rosto
Refletia em meu branco sorriso o gosto
De um beijo cálido amanhecendo o amor

Naquela praia iluminada e vazia
Em teus braços o desejo me acolhia
Esquecendo um passado triste de dor

Espumas brancas me envolviam os pés
Que embora firmes andavam através
Da esperança nascente do amargor

Os rodopios salgados da água do mar
Brincadeiras inocentes do jogo de amar
Aqueciam um coração carente de calor

Mas se o verão mostrou os seus encantos
A tristeza voltou a me deixar em prantos
Eis que partias para outro porto de ardor

E do doce sonho que durou tão pouco
O tempo apenas de um devaneio louco
Não restou nada além deste louvor...

¹²⁴ Marcela Guimarães Neves, natural de Olinda – PE, nascida em 31 de julho de 1978. Graduada em direito, formada na Universidade Federal do Espírito Santo, possui mestrado em Direito Público na Universidade Paris 2 (França). Além de devotada leitora, publicou resenhas literárias no site "Tertúlia Capixaba" (www.tertuliacapixaba.com.br), bem como participa ativamente do grupo de leitura "Leia Capixabas". Acaba de escrever seu primeiro livro de poemas, que aguarda publicação. marcelagneves@hotmail.com

No Começo de Cada Verso

*Luise Basso Richetti*¹²⁵

E de nós eu guardo
Um complexo inteiro

Tudo aquilo que vivemos
Em cada canto desse país
Nunca esquecerei de ti
Herói das noites geladas
O amor que eu sempre guardei

Lembro de você
E de tudo que você foi por mim
Milhares de estrelinhas
Brilhando por você, pelo teu
Rosto, tua face de poeta, teu
Amor pelas coisas mais esquisitas, como
Nós dois, e aquela
Canção, que tocava no rádio
Antes que eu dormisse, nossa
Serenata de amor

Duvido que exista uma
Energia igual a tua

Você foi escrito no começo de cada verso
Onde te coloco? Nas entrelinhas
Cada frase iniciada
É uma mensagem oculta

¹²⁵ Luise Basso Richetti, natural de Barão de Cotegipe, Rio Grande do Sul, nascida em 13 de fevereiro de 2005. Estudante do 2º ano do Ensino Médio, no Colégio Marista Medianeira.
amoralinda917@gmail.com

Noturnos

*Fernando Antônio Belino*¹²⁶

Noturnos de Chopin, na noite fria.
Minha alma envolta em gélida amargura.
Em cada nota a atroz melancolia,
Oprime o peito, a triste partitura.

Oh! Deborah, gentil, adolescente,
Dos áureos tempos de ventura plena
Divino céu se abrindo, permanente,
Em tênue cor de lírio e de açucena.

Teus olhos, puro mel, em luz e tom
Ternura em pingo de dulçor sem fim.
Profundo olhar de leve ouro e marrom
Impregnado eternamente em mim.

Oh! Deborah, meu terno amor antigo
Perdido em brumas, quase esquecimento...
Por longas noites penso estar contigo
Um louco sonho, um débil pensamento.

O tempo a tudo vence e predomina,
Atemporal, o amor é eterno. Assim,
Que, embora sendo pálida e hialina,
Essa lembrança permanece em mim.



¹²⁶ “Minha relação com a literatura vem desde a adolescência. Tenho uma predileção pelas formas fixas e versos isométricos, embora, às vezes, me aventure pelos versos livres. Escrevo, geralmente, sobre vários temas, com destaque para os poemas metalinguísticos e líricos.”
fernandobelino@gmail.com

O brilho de uma lembrança oculta
Gustavo de Andrade Ventura Vallim¹²⁷

Quantas nuvens passaram por seu olhar
Nas tardes em que refletia e sonhava sozinha
Polindo seu brilho estelar
Com belas imagens que admirava, não a minha...

Em que pensava?
Como uma estátua, fixava seu olhar na imensidão...
Enquanto o sol distante esfriava,
O que aquecia seu coração?

Seu perfume raptado pelo vento...
E seus suspiros, para onde sopravam?
Que sentimento em teu peito equiparavam...
A fria solidão e o calor mais sedento?

O que eu poderia acrescentar?
À linda imagem que vi naquela tarde
Era toda a perfeição, não havia o que completar...
E meu travesseiro em febre ainda arde

¹²⁷ Gustavo de Andrade Ventura Vallim, natural do Rio de Janeiro, tem 35 anos. Estudou no colégio Pedro II, cursou Administração na UERJ e Pós Graduação na Fundação Getúlio Vargas. Foi premiado em 4 concursos de poesias e publicou seu primeiro livro, Diário de Transbordo, em 2019. gustavodeandrade1985@gmail.com

O cofre

*Maria Clara Braga Machado Campello*¹²⁸

Recebi das mãos franzidas
um pacote fechado
Procurei faca romper o lacre
Com interesse pelo presente inesperado

Talvez precisasse chave
de fendas
que perscrutasse caves
Funduras, lendas

Busquei entre meus guardados
Alguns emprestaram-me variadas ferramentas
Outros, não tinham qualquer instrumento
Gastos em outros espaços e tempos

Cansada da busca
dormi encolhida
Pernas entrelaçadas aos braços
De um sono profundo
Despertei remoçada

Acordei numa casa antiga
De lembrança familiar renovada
Vi a mãe viva
De relance deu-me uma piscadela

Era toda fluida, intangível
Mas quase a tocava
Com o desejo invencível
Da criança reencontrada

Ela me sorriu inabalada
Tirou dos cabelos um grampo
E disse: vá abrir sua caixa

Como se disputasse uma corrida
Corri afoita buscar o cofre
O grampo encaixei num golpe
Abriu-se a caixa

¹²⁸ Maria Clara Braga Machado Campello, Natural de Goiânia, mora em Brasília desde 1999. Atualmente se dedica a uma tese de doutorado em Estudos lusófonos pela Sorbonne Nouvelle em cotutela com o programa de pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília. É jornalista, tradutora e revisora.
clara.bmcampello@gmail.com

Dentro dele
encontrei duas coisas
Aguardando, ansiosas:
Um espelho e uma chave

Na imagem
Não reconheci a menina
Feia e insegura
Que fui e não era

Encarquilhada
A velha me olhava
Indagava: quem era?

Com a chave
Encerrei o espelho no cofre
Trancada na memória
Minha mãe acenava

E eu já não era moça
Não era velha
Era uma lembrança
E sonhava

O Crepúsculo

*Neila Reis da Silva*¹²⁹

Os anos galopeiam como um cavalo insano,
Que salta muros e rios, no arfar forte de um tirado.
De repente na planície, cortam-se longos vales,
E uma neve sem frio, cobre a cabeça como um xale.

E a infância que brilhava como a luz fulgurante de uma opala,
Perde seu brilho, ganha distância, precisando da ajuda de bengala.
Imagens se perdem entre longas histórias, o que é real ou imaginação?
Projetos se foram por entre esguios labirintos da procrastinação.

E o tempo escorre indomável por entre os dedos,
Tal qual areia descendo por uma ampulheta.
Vai deixando de ser um rascunho a ser preenchido,
para se tornar uma rasurada prancheta.

E embora o querosene torne-se escasso ao candeeiro,
Não se pode deixar de iluminar.
Mas se abraça a morte como amável companheiro,
Que não quer a carne, mas a alma vem buscar.

¹²⁹ Neila Reis da Silva, natural de Feira de Santana – Bahia, nascida em 08 de junho de 1976. Enfermeira, fisioterapeuta e escritora.
enfermeiraneila@gmail.com

O Eterno Álbum

*Vinicius Marques da Silva*¹³⁰

Quando o Amor era cola,
Nem mesmo a capa se descolava.
Os adesivos, por hora tortos,
Outrora perfeitamente ajeitados,
Coloriam o Velho Álbum da família.

Dizia-se a maior coleção que o mundo já vira.
A mais exótica, diversa, farta.
Bom, assim eram os álbuns colados com Amor.

Resistentes, singulares, valiosos.
Nas primeiras páginas, o início.
A senhora ajeitando o vestido da noiva,
O jovem magro e ainda cabeludo.

O primeiro carro, a primeira casa,
As primeiras viagens, os primeiros erros.

Brigas, encontros, amizades, desencontros.
Um pacote de carolinas cobertos de chocolate;
Um poeta brasileiro numa noite de carnaval.

Os momentos eram todos figurinhas brilhantes e raras.
De fazer os olhos da criançada brilharem.
E dos desentendidos, a passarem as páginas curiosos.

Uma tarde na piscina, a cavalgada em Águas de Lindóia,
O zoológico, o karaokê nos tios, os bolos de morango, a praia.

Revirando as páginas, encontravam-se também
As apresentações de escola, as formaturas, os abraços.

A comida caseira e a vitamina de abacate.

Os pratinhos de infância
Perdidos no fundo de algum armário.

As lágrimas, risadas, medos e desejos.
O casco da tartaruga, o latido da cadelinha,
Cada peixe que nadou nas páginas desbotadas.

¹³⁰ Vinicius Marques da Silva, natural de São Paulo, tem 23 anos. Estudante de jornalismo na Faculdade Cásper Líbero.
viniimarques712@gmail.com

Com Amor ainda fresco, secavam alguns adesivos.
As despedidas, a saudade, as mudanças, o orgulho no olhar.

O Amor ainda colava e ainda havia de colar em 1002 páginas.
E além.

Porque mudaram-se as páginas,
Mas não mudou-se o álbum.

Mudou-se o tempo, mas não a cola.

E o álbum permanecia vivo, vibrante, curioso,
Como qualquer livro que respira e em cujas veias percorre o Amor.

Colava os adesivos, os corações, amores.

O Amor unia o próprio amor.
Unia os momentos, o álbum.
A família.

O rosto do rosto

*Sandro dos Santos Nascimento*¹³¹

Vês este rosto atrás de outro rosto,
O eu por trás doutro que não sou eu?
São dois traços, em máscaras, de meu
Rosto que sendo partes já foi todo.

Partes que quero ser, mas nunca fui
E talvez sendo já não quero ser.
Quantas lembranças ainda devem ter
Nesta face para onde tudo flui?

Agora sou dois, sem saber que sendo
Já não quis ser e ser somente quando
Dois de mim já não se ligavam mais.

Deixas que as máscaras venham por Terra
E, nos rostos, mirem medo e guerra
Noutro rosto que não o tive jamais!



¹³¹ Sandro Santos, nascido em janeiro de 1993, morou na área rural do município Pedras de Fogo (PB) até 2015, mas atualmente mora em Cabedelo (PB). Kursou os estudos Básicos e Médios nas escolas rurais, atualmente faz graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem a literatura com mola propulsora, em 2020 teve dois contos selecionados para compor antologias nos concursos da FLIP (Rio) e do IFPB.
sandrosantoslpg@gmail.com

O seu nome

*Bia Caetano*¹³²

Seu nome é um prisioneiro
que meu peito mantém refém
Seu nome é tatuagem
escrito, gravado, cravado
em negrito dentro de mim
Seu nome se destaca dos demais
mesmo grafados iguais
Seu nome não se mistura nas frases
não representa outro rosto
não identifica outro alguém

Seu nome não é pronunciado
sem alteração da minha respiração
Meu rosto fica vermelho
parece que soltei um segredo, sem intenção
Olho pro lado disfarçando
Será que alguém notou
que todo meu corpo vibrou?

À noite, sozinha em meu quarto
te chamo baixinho
Seu nome é sedutor...
Me dá um arrepio
fico logo com frio
Me sinto metade sem o seu calor
Sussurro mais uma vez seu nome
mas sei que você some
sem nenhum pudor
Porque embora eu insista
seu nome é apenas lembrança
que o meu coração guardou.

¹³² Fabianna Caetano da Silva mora em Rio Verde – Goiás, nascida em 25 de Abril de 1989. Graduiu-se em Letras pela UniRV e cursa pós-graduação em Revisão Textual pela PUC Minas. letrasbia@gmail.com

O tempo da gente

*Lucas Aparecido dos Santos*¹³³

Lembro com saudade, de um tempo que não volta mais,
Das lembranças guardadas na mente, que aos poucos se desfaz.
Dos amigos de escola, das vidas compartilhadas,
Das amizades verdadeira, que no peito são guardadas.

Tempo bom vivenciado, ao lado de companheiros,
Trabalhadores dedicados, profissionais, grandes guerreiros.
De uma sociedade alegre, feliz sem baderneiros,
Tempo de liberdade, paz, tranquilidade e parceiros.

Felicidade da alma, da amizade de um vizinho,
Que trazia entre o peito, compreensão e carinho.
Tempo de alta tranquilidade, de não medo, nem pavor,
Onde tudo era sossego, paz, alegria, liberdade e amor.

Nossos dias esquecidos, pelo tempo que se passou,
Contidos na lembrança, da época boa que nos alegrou.
Dos amores verdadeiros, que em nossas vidas chegou,
Em nosso peito fez morada, aqui pra sempre morou.

Traz consigo a lembrança, na mente há saudade,
Do tempo vivenciado com orgulho e cumplicidade.
Hoje tenho saudade, saudade daquele tempo,
Orgulho imensamente, ter vividos tais momento.

¹³³ Lucas Aparecido dos Santos, natural de Monte Santo de Minas, nascido em 12 de agosto de 1986, é formado em administração pelo UNIFEG, mas não veio a exercer tão árdua profissão. Foi nas páginas das grandes obras literária que Lucas encontrou seu caminho, devorando a sabedoria dos grandes mestres e decifrando códigos e segredos, fez da sua vida uma verdadeira luta diária para desbravar o desconhecido, e se entregar as pequenas palavras para contar grandes histórias
lucassantos21mg@hotmail.com

O velho lobo do mar

*Anderson do Couto Candido*¹³⁴

Por quantos mares bravios
Atravessastes Velho Lobo do mar?
Por quantas noites – à espera – ficastes de plantão
Batalhando, pelejando contra o tempo, o frio, o sono, o cansaço e a solidão angustiante,
entre as gélidas chapas de metal dos navios?

De quantas histórias sua memória lhe valeu,
para dar cabo à melancolia que reinava em seu catre?
De quantos portos se lembrava?
De quantas docas divisava entre as brumas?

Quantas gargalhadas destes para apagar as mágoas?
Quanta bebida sorveu, para afogar um amor naufragado?
De quantos pratos se serviu, para saciar a fome marítima?
Quantas aventuras em terras longínquas?

Por quantas vezes a saudade varreu o seu bondoso coração, como a água no convés?
Por quantas vezes as cordas e amarras dilaceraram suas mãos e dedos de aço?
Por quantas vezes o sal foi sua segunda pele e o mar a sua segunda casa?
Por quantas ordens acatara mesmo a contragosto?

Quantos conselhos recebera e dera, a marujos titubeantes e até aos seus superiores?
Por quantas vezes soprou a brisa marinha sobre seu corpo de titânio?
Que poder tinhas de mandar aves trazer notícias do continente,
e de enguias recarregar o motor dos navios?

Quantas vezes não falara aos peixes, ditando-lhes pedidos, favores e ordens
Como se fossem ordenanças - e até mesmo conduzirem um navio encalhado?
Quantos tipos de “nós” fizera? O do arco? O do cravo? O do pescador? O da costela de barco?
Quantas braçadas destes nas lâminas d’água que se deixavam penetrar, sabendo quem eras tu?

Em quantos tombadilhos, conveses e cabines estivestes?
Por quantas vezes olhastes e admirastes o horizonte da proa à popa, a bombordo e a
estibordo?
Quanta vela içou? Em quantas âncoras, carretilhas,
tonéis, cargas e descargas, deixastes sua marca, seu suor?

¹³⁴ Anderson do Couto Candido natural de Três Rios - Rio de Janeiro, nascido em 1966. Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pós-Graduado em Administração Escolar, pela Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. Editou o jornal “O Papiro” do Projeto de “Reciclar Papel Com Arte”, da rede FAETEC – Quintino, RJ, e foi colaborador do Jornal Negócios de São Gonçalo, também no Rio de Janeiro. Escreve desde os dez anos de idade, já escreveu centenas de poesias, romances, crônicas e contos, pelos quais recebeu prêmios, diplomas, menções honrosas e que foram selecionadas para participar em antologias de diversos concursos literários.
andersoncandido@hotmail.com

Por quantas vezes o sol fustigava-o insolentemente,
em sua rota ao norte, ao sul, ao leste e ao oeste?
Quantas vezes preparastes a isca, o anzol, o arpéu e
em qual dos trópicos mais estivera? O de Câncer? O de Capricórnio?

Quantas vezes vira o luar de sua escotilha e imaginastes a face da mulher amada?
Na verdade o mar fora seu abrigo e tu o conduzistes, o dobrastes com habilidade e astúcia.
Até hoje ele ainda guarda em suas águas memoriais – e sente até saudades –
Que foi irresistivelmente domado pelo Velho Lobo do Mar!

Onde a memória faz morada

*Thais Andressa*¹³⁵

O retrato na parede amarelado pelo tempo
Lembrança que resiste e alimenta a saudade
Vestígio de memórias fragmentadas e longínquas
Pequena obra afetiva em meu museu imaginário

Nada permanece como nos tempos de outrora
Eis a causa da angústia das horas incertas e vazias
Olhando o passado permanecem em branco as páginas do agora
Busco algum refúgio no silêncio e nos versos inacabados

Tudo se transforma e cada estação tem seu sabor
Busco na contemplação da forma a essência do ser
Nossa relação com o mundo também se transforma
E a vida traz uma nova lição em cada amanhecer

¹³⁵ Thais Andressa, natural de São João Del-Rei - MG, tem 26 anos. Graduada em Jornalismo pela UFSJ. Apaixonada por literatura e fotografia. Atuou como repórter no Jornal Gazeta de SJDR. thaisandressaphoto2@gmail.com

Os referenciais de ti

*Edgar Borges*¹³⁶

A referência era ser domingo
E havia também uma xícara de café
A sala estava escura e as folhas tremiam
Quando as gotas de julho caíam sobre elas

A referência, se bem me lembro, está nas palavras
E as palavras eram claras, convidativas, propositivas
Em vez de um “posso ir?” era um “estou chegando”
“Abra suas portas, dispa sua alma, veja por mim feito janelas”

A referência sempre é o vento frio e a penumbra da casa
Tão leve como os passos lá fora, tão forte como os beijos
Que marcaram a trilha de roupas jogadas da sala ao quarto
Onde ainda resiste o cheiro de teu suor sabor de canela

A referência é esta lembrança que insiste em persistir
Mesmo tu tendo se ido, mesmo eu sendo esquecido.

¹³⁶ Edgar Borges, natural da Venezuela, nascido em 04 de junho de 1976, vive em Roraima desde 1991. Tem mestrado em Letras. Publicou dois livros de contos e edita o blog www.edgarb.blogspot.com.br. edgarjfborges@gmail.com

O último bilhete

*Adilson Costa*¹³⁷

Em vez do apito ecoa o triste pranto
do passarinho enclausurado e triste,
e o tempo ri ao pôr o dedo em riste
pelas ruínas da estação, portanto,

poeiras, cinzas, nada mais no entanto
trarão de volta o que somente existe
numa memória que teimosa assiste
a trilhos que jamais choraram tanto

quando o bilhete digital se fez
o vil carrasco de um papel de outrora
no xeque mate de um mortal xadrez.

O maquinista aposentado chora
nos corredores de um museu talvez
ou numa gare onde a saudade mora.

¹³⁷ Adilson Monteiro da Costa, natural do Recife – PE, nascido em no dia 18 de abril de 1967 e reside atualmente no município de São Lourenço da Mata, no mesmo estado. Técnico em contabilidade, começou a escrever os primeiros versos aos 13 anos de idade, leitor assíduo de Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, que tanto o influenciou, navega pelos versos livres, soneto, trova, cordel e outros estilos literários.
adilsonmcostas@hotmail.com

Páginas imateriais

*Carlos E. S. Dantas*¹³⁸

Lembrança pode ser presente ou chaga,
dependendo muito do seu teor.
Presente se do riso a doce vaga
e chaga se for lembrança de dor.

A lembrança, colorida ou sem cor,
registro que de nós nunca se apaga,
recatada ou despida de pudor,
às vezes colo e outras vezes adaga.

Às vezes torrente e às vezes bonanças,
às vezes vibrante e outras, merencória...
Berçário ou túmulo das esperanças.

São dos presentes passados a história
e, desta forma, todas as lembranças
são páginas do livro da memória.



¹³⁸ Carlos E. S. Dantas, natural de João Pessoa - Paraíba, nascido em 04 de dezembro de 1988. Graduado em Direito pela UFPB, servidor público federal, poeta de coração, eterno apaixonado e romântico assumido.
solracdantas@hotmail.com

Paralelepípedo

*Alessandro José Padin Ferreira*¹³⁹

Paralelepípedo

Meu palavrão
Da infância

Inocência

Para lá o tempo
Da Memória

Paralelepípedo

Da bola que bate em seco
nos gols caixote
sem proteção

Primeiro contato com o mundo

Do tampão

do dedo

que abre em pus, sangue

Que tão cedo
Expôs os
limites do corpo

Paralelepípedo

Que imune ao tempo

É quente, ao mesmo tempo seco
Úmido, impermeável

É taco, taco, taco...bola de tênis no alto

Lá andou Isolina, Carmem e Odila

Lá anda quem não sabe o que teu passado inspira.

Lá andou também Toninho

Cortando a rua da calçada esquerda para a direita

Atravessando o Paralelepípedo Saco de pão quentinho da mão
O beijo no rosto, o roçar da barba, o gibi dobrado no bolso

Uma música caipira sempre ecoando entre um intervalo e outro do Jornal Nacional.

Guarda entre os teus flancos Paralelepípedo

A memória do homem, passando, presente, futuro
Gratidão.

Paralelepídeo

De hoje para sempre Emerson

Que por lá andou de boné na cabeça, exigência do Pai
Cuidado com o sereno, correndo sempre
atrás do Dunga, o vira-lata branco e preto

Depois, homem feito, o sorriso fraterno, a pureza única
destroçada por uma doença corea dentro do cérebro

Mas, Paralelepípedo, também guarda o teu sono eterno

Como um sorriso pra lá de sincero

¹³⁹ Alessandro José Padin Ferreira, nascido em 01 de julho 1974, mora em Praia Grande – SP. Graduado em Jornalismo, com mestrado em Comunicação e Semiótica. Participa de antologias e prepara o seu primeiro livro, “O Idílio Latino”.
alessandro.padin@gmail.com

Passadismo

*Bruna dos Santos Caetano*¹⁴⁰

escrever como quem mata,
tiro de bala perdida em
verso esquecido no inferno

é o passado
a fumaça de cigarro apagado:
Orfeu, por que olhas para trás?

¹⁴⁰ Bruna dos Santos Caetano, natural de Monte Santo de Minas, cidade do interior de Minas Gerais. Atualmente, é graduanda em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal de Alfnas. Desde criança alimenta o amor pela poesia, pelos livros e pela escrita. É na poesia que encontra seu refúgio - o abraço da vida.
brunacaetano2409@gmail.com

Passado
*Vic Andrade*¹⁴¹

Meu ex namorado tentou se matar
sexta-feira
“Desculpa se um dia te magoei”
“Desculpas sinceras”
quarta-feira

O homem de suéter tocava violino no metrô
noite feliz
noite feliz oh,
Senhor
Minha avó cantava
e chamava os anjos de gracinha Que
aflição de quando ela coçava a mão

A água da chuva entra pelo sapato furado Depois
do moço que não deixou a esquerda livre E pela
primeira vez eu senti a cidade me engolir

“Eu te amo e te odeio”
Não pensei que fosse ler isso agora E
queria ter dito eu te amo mais vezes
enquanto ainda dava tempo

Ando como se fosse cruzar algum conhecido
nervosa
Mas eu não conheço ninguém
O pé direito cada vez mais molhado
desconfortável
A cafeteria tem cheiro de sachê de carne E
eu deveria estar estudando
Minha avó usava perfume masculino e
talco de neném
Meus dois ex namorados tinham o mesmo cheiro

Mesmo sentada o pé parece cada vez mais molhado
será que vou ficar com frieira?
a água das poças deve ter micose
Pronto, a sola descolou
Ele ficou internado cinco dias
E lá dentro você vê toda a sua vida de
trás pra frente
Eu só queria um último abraço e
ele também

¹⁴¹ Victória de Andrade Teixeira Martins, natural de São Paulo – SP, tem 22 anos. Estudante de Psicologia na Universidade Federal de São Paulo. “Escrevo porque me é necessário, ainda que inútil.”
vic201198@outlook.com

Eu só queria um último abraço dela
também

Pé de café, pé de afeto.

Ana Vitória Gomes Moreira¹⁴²

Recordo-me do acordar e ver tudo grande
as cortinas eram imensidões e as paredes gigantescamente altas.
Não eram verdadeiramente altas, mas eu era uma criança pequena.
Deste mudo, tudo era imenso, até os sentimentos.
Arrumada e de tranças nos cabelos, caminhava pela estrada de capim fresco,
passando pela delicada pinguela. E que medo tinha eu que ela ruísse
e eu caísse daquela altura numa queda sem-fim,
que na verdade duraria menos de segundos,
mas a minha cabeça inventiva fantasiava.
Tão simples ser criança descobridora.
Chegava em casa de minha avó
corria para a cozinha para tomar café,
aquele café quentinho de pé e de torra, café na roça.
O bico da garrafa verde sempre estava entupido
e eu, com minha calma de criança curiosa, desentupia com um palito de dente.
Fazia isso todos os dias, mesmo que não tivesse mais obstruído,
porque o café desatravancado era mais gostoso.
Pedia para a vó Tiana contar a mesma história de sempre
de quando a cascavel a picara.
Voltava para casa e desfazia as tranças, num segundo,
Assim também desfez-se a vida.
E nunca mais senti o gosto daquele café
o bico da garrafa nunca mais foi desobstruído.



¹⁴² Ana Vitória Gomes Moreira, natural da cidade de Catalão, nascida em 03 de abril de 1999, tem 21 anos. É aluna de Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal de Catalão (UFCat).
anavitoria123r@gmail.com

Penseira

*Allan Lucas dos Santos Pereira*¹⁴³

Saudades da ilustre vida
Que antes em mim havia,
Saudades do fulgor
Que exalava com avidez o meu amor.

Saudades do doce brilho
Que os teus olhos partilhavam,
Nos deixando entorpecidos,
Saudades de meu amor
Que apenas nos deixou com as lembranças de seu vigor.

Saudades do meu conforto
Que somente em ti encontrava,
Amenizando meu estado absorto,
Saudades do que um dia fora vida,
Mas que hoje são apenas lembranças que surgem desprevenidas.

¹⁴³ Allan Santos, natural de Manaus - AM, tem 21 anos. Cursa Letras - Língua e Literatura Portuguesa, na UFAM - Universidade Federal do Amazonas. "Escrever poesia é o meu "escape" do mundo real."
allanlucas.122@gmail.com



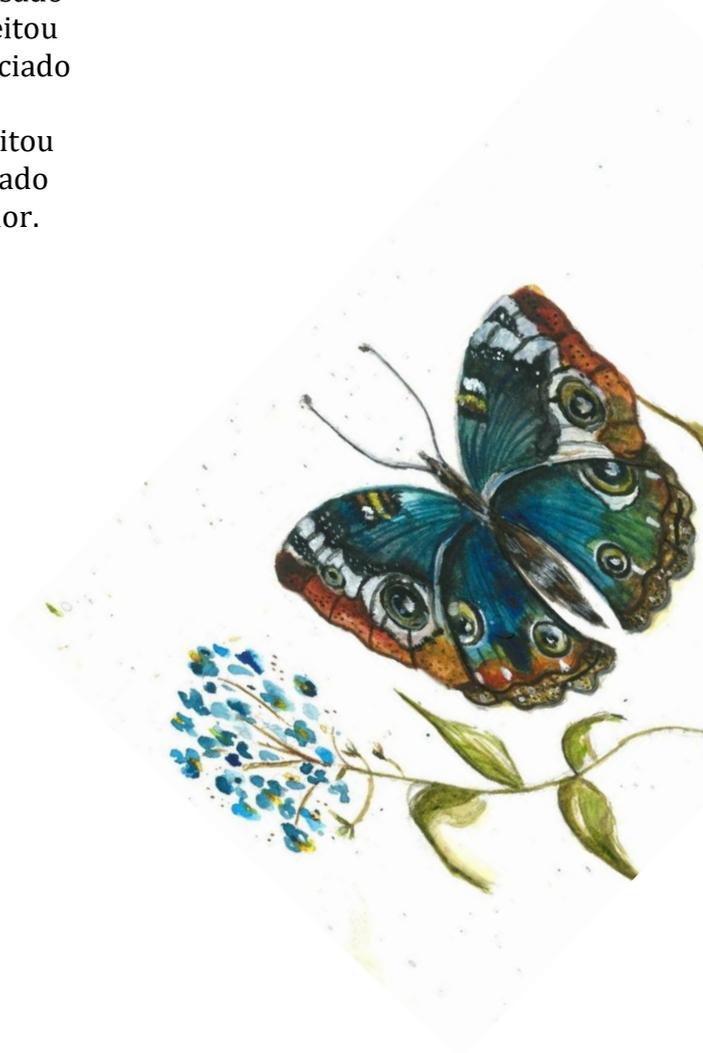
Poema Covidativo
*João Gabriel Silveira*¹⁴⁴

Triste é de ti lembrar
De tua pura inocência
Do teu riso ao conversar
De tamanha sapiência

Um vírus quis te levar
Sem nenhuma advertência
E de ti teve aderência
Impossível de curar

Corpo deveras cansado
Que ao câncer rejeitou
Veio o drama anunciado

Desta vez não hesitou
Então foste covidado
Pelo vírus matador.



¹⁴⁴ João Gabriel Silveira, natural do Recife, nascido em 24 de agosto de 1996. Atualmente cursa Bacharelado em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. joao_gabriel006@hotmail.com

Poema Lembranças

*Fabiana Roberta Alvarenga de Oliveira*¹⁴⁵

Chega essa época do ano em que tudo me faz lembrar você
Estávamos bem,
Tudo fluindo
Maré calma, bandeira branca
Quando você chegou foi como pousar na lua
Pois você marcou em mim
Um território que é só seu.
Eu te olhava e traçava devagar
Assim como Leonardo da Vinci fazia para pintar Monalisa,
Gostava de você do mesmo jeito que Van Gogh gostava de usar
A cor amarelo em todas as suas pinturas;
Heródoto dizia que o Egito era a dádiva do Nilo, e por aqui você era a minha.
Tudo que tínhamos que fazer
Era caminhar juntos,
Mas projetamos um ao outro e tudo que você me deu
Teve um tempo estipulado,
Nada era definitivo.
Tudo se desmoronou tão lentamente porém
Com um impacto tão forte quanto a queda do império romano ou do muro de
Berlim.
Seu amor foi como o Cícero descrevia Catilina em seus discursos:
Depravado, imoral e calunioso,
Como Frida e Diego com toda a paixão conturbada dos dois,
Bentinho e Capitu e toda aquela desconfiança.
Te amo ainda, e obrigada pelas lembranças,
mas o meu calcanhar de Aquiles foi você, meu bem.

¹⁴⁵ Fabiana Roberta Alvarenga de Oliveira, natural de Itapira, interior de São Paulo, nascida em 03 de agosto de 2000. Estudante de História da Universidade de Alfenas - MG.
fabiana.oliveira@sou.unifal-mg.edu.br

Por favor, me diz...

*Maira Bastos dos Santos*¹⁴⁶

Pode parecer piegas ou clichê
Mas não sei por onde começar...
As palavras somem,
Perdem-se no ar
Junto com as lágrimas insistentes
Que insistem em desaguar...

A cada caractere digitado
Uma lembrança emerge
E me leva até você...
A cada toque no teclado
Minha alma submerge
Tentando entender por quê.

Sabe aquele velho banco quebrado?
Ele veio comigo na mudança.
Quando meu mundo está nublado
E o céu ameaça desmoronar,
Ainda espero olhar pela janela
E vê-lo sentado lá.
Pronto para me dar conselhos,
Para falar sobre a vida,
Para rir dos meus destrambelhos
Ou contar histórias de ninar.

Por favor, me diz,
Quem vai me mandar mensagens
Todo dia
De “bom dia”?
Como aquelas que eu nunca abri...
Quem vai me pedir receitas
Com ingredientes que eu nem posso comer,
Mas que faziam você salivar só de olhar?
Quem vai me fazer rir,
Quando, como agora,
Eu estiver morrendo de chorar?
Com quem eu vou planejar sonhos,
Viagens e sobremesas?
Para quem eu vou enviar as fotos dos aniversários,
Dos torneios de judô,
Das apresentações de teatro
E de todos os eventos que você não pôde estar?
Para quem eu vou contar os meus planos?

¹⁴⁶ Maira Bastos dos Santos, natural de São Paulo, nascida em 28 de maio de 1978. Em 2001 se formou em Letras e em 2009 concluiu o Mestrado em Letras, ambos na Universidade Presbiteriana Mackenzie. “Incentivada por meu filho, voltei a escrever há pouco mais de dois anos e não parei mais, gosto de escrever contos, crônicas e poemas e, quem sabe um dia, eu não escrevo um romance.”
maira.bastos05@gmail.com

Minhas conquistas?
Meus fracassos e desenganos?
Quem vai me levantar
Quando a tormenta me devastar e eu cair?

Pai, me diz, por favor,
Quem vai me amar infinita e incondicionalmente,
Como o senhor me amou?

Porta-Retrato

*Suellen Macedo*¹⁴⁷

No porta-retrato de moldura amarela,
Tem a ausência de um amor verdadeiro
Tem lágrimas que dão vida a imagem gravada nela.

No porta-retrato de moldura amarela,
Tem uma garotinha a segurar a mão do seu melhor amigo
Tem risadas e gargalhadas de um domingo à tarde.

No porta-retrato de moldura amarela,
Tem a memória do nosso para “sempre”
Tem um céu pintado por uma criança
Tem saudade submersa nela.

No porta-retrato de moldura amarela,
Tem giz, lápis e muita cor
Tem uma doce lembrança em aquarela
E a certeza de que ele permanece vivo em seu coração.

¹⁴⁷ Suellen Macedo Silva, natural de Tatuapé – SP, nascida em 20 de outubro de 1997, tem 23 anos. Possui o ensino médio completo. “Sou apaixonada por literatura e desde pequena e amo escrever.”
smacedoferrarezi@gmail.com

Presente

Carolina Rieger¹⁴⁸

era todo fim de ano o mesmo rito
eu era a criança pelos corredores
as cores do pisca-pisca a alumiar
o presente
imponente, parecia perpétuo
era todo fim de ano o mesmo rito
mas, naquele, uma negra borboleta veio
pousou no peito do verão
vovô se foi
entardecia
nos corações de mamãe e papai
a pulpa
em pulsação outra metarmofose
nos papéis da separação,
naquele ano, algo mudara no rito
e eu era um pouco menos
a criança
pelos corredores
e eu era um pouco mais
a criança
pelos pensamentos
as cores do pisca-pisca a alumiar
o presente
parecia que escaparia de minhas mãos
fui desgostando de correr pela casa
o tio tocava *Queen* na vitrola
tomei gosto
na caneca de cerveja,
naquele ano, algo mudara no rito
eram meus pensamentos que corriam
vertiginosa
a festa escoava
esperava a hora de ouvir
a voz dele
Feliz Natal do outro lado da linha
em meus olhos, em meu peito
fulgia e fremia
o pisca-pisca
no presente
um pouco ali, em minha frente
um pouco lá, mais adiante
brindamos
o presente

¹⁴⁸ Carolina Rieger Massetti Schiavon, natural de São Paulo, capital, mas sempre morei em Osasco, nascida em 21 de março de 1984. Graduada em Filosofia pela USP, mestra e doutoranda em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP. Seu primeiro solo de poemas é o “Carnaval”, Editora Patuá (2017).
carolriegermassetti@hotmail.com

em uma taça bordô
estilhaçada
no fim da festa
vovó estava doente terminal
no próximo Natal não voltaria
corpulenta a borboleta lentamente
vaticinou o Ano Novo
em seu voo
caprichamos no adeus
celebramos o último aniversário de vovó
em janeiro
de meu ventre veio um menino
que correria pelos corredores
um presente
e eu, há muito, já não era mais criança
e víamos nossos filhos correrem
colorirem os corredores
até a hora do primo partir
sem deixar filhos ou aviso
o tio não foi ao enterro
ficou um pouco menos pai
não tocou *Queen*, nunca mais fez festa de Natal
porque ele também se foi, no ano seguinte
fazia frio no enterro
não fui
condolências à tia
do outro lado da linha,
trocou o Natal pelo rito da despedida
e lembrar que parecia para sempre.



Promessa

Alice Mixake¹⁴⁹

Prometo cuidar desta roseira
E tratar por companheira
Esta noite que me abraça

Prometo vê-la crescer
O seu fruto colher
E Agradecer a sua graça

Que prometi na noite morta,
Deixar aberta a porta
Por onde escapavam sonhos ...

E deixei quimeras
Por entre o que fui
E era apenas
Passar, na noite crua

Olhando a sua beleza
Agi com a surpresa
De uma nuvem que flutua

E, por entre os prédios,
Arvoredos, ruas, tédios
Admirei a luz da lua

Agora, na tempestade,
Dum passado que morreu
Agradeço com a saudade
De um sonho já não meu

E espero só deste canto
Num futuro que aqui traço
Tudo nada e no entanto
Reencontrar o teu abraço!

¹⁴⁹ Alice Mixake, natural de Porto em Portugal, nascida em 16 de janeiro de 2003, tem 18 anos. Está concluindo o último ano do ensino secundário em Portugal
constanacachim@gmail.com

Que Tenha Sol

*Camila Mateiro*¹⁵⁰

Se eu morrer agora
Minha vó relatava
Me enterrem uma hora
Que tenha sol, enquanto ajeitava

As palavras para dizer
O quanto estava orgulhosa
Da neta, sem contradizer
O quanto fui trabalhosa

Se eu morrer agora
Minha vó contava
Quero som, embora
Que seu vô não gostava

De músicas altas
Do jeito que ela gostava
Mas eu sabia que nas madrugadas
Ele iria adorá-las

Se eu morrer agora
Minha vó falava
Saiba que meu sonho outrora
Era ver você de branco enquanto dançava

No meio do salão
Com ela aos prantos
Agradecendo que havia ganhado o bolão
E falando que já sabia por todos os cantos

Se eu morrer agora
Minha vó não pediu mais nada
Ela pensava que incomodara
Somente pediu para ser lembrada

A saudade bate forte
Ainda não consigo me acostumar
Quatro verões de desconforto
Sem seus carinhos, mas sempre a te amar

¹⁵⁰ Camila Alexandre Mateiro, natural de Maringá, tem 24 anos. É estudante de Letras Português e Inglês na instituição Santa Maria da Glória (SMG), e já é graduada em Pedagogia pela instituição UniCesumar.
camilamateiro@hotmail.com

Reencontro

*Raphael de Sá Machado*¹⁵¹

Esqueço as coisas
para reencontrá-las
mais tarde:
beijá-las novamente,
admirá-las como antes,
redefinir o indefinível,
reviver não mais o passado,
o novo, o criado, o vivo:
o agora.

A sede de retorno
orienta meu corpo passageiro,
passageiro corpo.
minha carne transgride
à memória.
A dança com todas as coisas
que um dia foram
e depois
voltaram
deixam além da beleza
do movimento de fazer nascer
a reflexão:
que tesão me fez
observador-participante
desta roda gigante?
roda, roda e há um fechamento
num insólito instante.

Calo-me, decido esquecer o poema:
o vício à repetição,
a viagem ao que sou,
o momento da ternura
e da eternidade.

Saber ir e voltar quando preciso.

¹⁵¹ Raphael de Sá Machado, natural de Denver, Colorado, nascido em 8 de agosto de 1999. Terminou o ensino médio em 2017, fez alguns semestres do Psicologia e agora se encontra com o curso trancado. Suas participações literárias: em 2016 participou do projeto "Criações literárias", no qual estimulava os alunos a produzirem literatura na escola, em 2020 participou da antologia Poesia Agora-Outono 2020 e também da antologia Quarentena poética. raphaelpsic08@gmail.com

Relicário Sagrado

*Alice Gervason Marco Fernandes*¹⁵²

Ah!!! São tantas lembranças...
Surgem trazendo o doce/amargo sabor
Dos momentos vividos.
Magia do reviver, da luz, do tempo...
Do sentir além dos sentidos
Entender além dos significados
Lembrar além da procura.
Essência do sagrado em nós
A nos levar para mais além.
Emoção, plenitude, momentos de recordação...
Olhos inundados, saudade em versos
Lembranças singelas
Do útero que abraçou
O poeta que gerou.
Relicário sagrado
Onde meu silêncio, por vezes
Segue gritando calado.
Estranhas lembranças...
Coração abriga, saudade antiga.
A poesia nas palavras
Dorme silenciosa, mas viva!
Nos sonhos, pensamentos
Sombras deslizam entre nuvens e estrelas
Anseios permeiam meu céu.
Lembranças em laudas preenchidas
À espera de uma releitura, talvez...
Quem sabe há entendimento
Nas pedras do ontem
Do tempo em fragmentos
Das noites mal dormidas
Das dores sentidas...
Ah!!! Lembranças... do querer em vão.
Abertura singela por vezes chicoteada
A expandir a janela da minh'alma
A ser flor e espinho, dor e carinho...
Lembranças, relicário sagrado onde habita
Parte do meu ser!

¹⁵² Alice Gervason Marco Fernandes, natural de Santos Dumont, nascida em 31 de dezembro de 1956. Pós-graduada e membro da Academia Juiz-forana de Letras. Escritora e poetisa. Possui participação em várias Antologias e 7 livros solos publicados.
liligervason@yahoo.com.br

Reminiscência

Anderson Vinicius Dell Piagge Piva¹⁵³

A tarde virava cambóta
e caía no mesmo lugar: era mesmo viração,
mas sem mar, navegação, ou sem barco
ou cabotagem. Fosse antes cabocagem.

No arredado semoto rincão,
o zéfiro, aragem-bafejo bufão,
era que vinha
que vinha de banda
que vinha de banda a fazer carinhagem,
fazer carinhagem na cara da gente.

No esticado laxamento
amarrado, modorrento,
bem no mêi' do ramerrão
no rostín do bebê suarento
– muriçoca atrevida que só...
“Arreda, coiso, fí-do-dêmo,
Vai-t'embora, chispa, zás!”
Vinha o tapa, tap top!
Limpa o sangue na barra da calça,
dorme a criança debaixo da asa,
debaixo da aba do largo chapéu,
no braço do cabra: e abre a boquinha,
balbucia, baba... a baba, a babá – *Aba ba...*

O café na cozinha cheirava
- chamava. E vinha bolo de fubá,
vinha leite, vinha chá, vinha torta, vinha pão,
suco de maracujá, vinha doce, bolo de passas,
vinha Dulce, Francisco, João,
logo ali formava a pinha – pois que todo mundo vinha,
só não via vir a vinha, vinha ali n'havia não.

E eis que foi-se a tarde e o cheiro,
foi-se Dulce, Francisco, João,
foi-se a brisa, foi-se o doce de leite,
o deleite
foi-se embora pra mais não -
e a tarde virando cambóta,
já não cai no mesmo lugar.

¹⁵³ Anderson Vinicius Dell Piagge Piva, natural de Araraquara – SP, nascido em 24 de setembro de 1983. Doutorando em Ciências Sociais pela UNESP. Autor do livro de poemas "Linguamundo" (Partesã, 2019).
andersonvpiva@gmail.com

Mudou de rumo decerto.
Nossos campos ainda sem vinha, mas a copa sem a pinha
de gente que sempre vinha povoar esse deserto.
Nem um passo ou estirão, pra chegar a esse lugar.
Não há perna ou poltrão que o alcance –
jaz além e além e além – das videiras de Jazar.

Reminiscência, as recordações da alma

*Bel Wells*¹⁵⁴

As expressões de tua infância, dentro dos olhos de seus pais
São maiores suas lembranças, do ontem que o hoje traz
Vem daquele que acende as estrelas, por toda eternidade
Do sagrado em todas as épocas, de quem pôs no céu liberdade
Fraternidade e esperança e no mundo a humanidade.

Vem de um equilíbrio materno, que evoca radiante paz
Da paterna sabedoria perfeita em tudo que faz

Das contemplações antigas, tendo a aura mais sensível
As alegrias da alma que viveu no invisível
Vem de uma consciência altíssima, da memória das grandes virtudes
De um lugar soberano e simples, pleno de magnitude

Como o conforto que se encontra, numa divina promessa
Recordações de um canto, onde o amor nunca cessa
Em suas próprias tristezas, pode haver a convicção
Quem morre por uma janela, renasce para um portão.
Vem de um processo infinito, de um silêncio transparente
Do início onde o fim não existe, de toda existência que sente
Lembranças além de teu berço, começas a perceber
Conhecer-se é o teu começo e faz a vida valer
Nesta busca, escolhe as respostas que precedem a experiência
Dentro delas o instante único com toque da Reminiscência.

¹⁵⁴ Gisabel Ferreira Gomes, natural de Juiz de Fora – MG, atualmente mora em Mogi das Cruzes, SP, tem 50 anos. Graduada em pedagogia, atua como professora do Ensino Fundamental. Escreve sob o pseudônimo de Bel Wells, um apelido de infância.
belwells@gmail.com

Reminiscência de mim

*Lucas Mateus Faria Silva*¹⁵⁵

Na ausência de mim fiz-me luz ao alvorecer. Na tentativa de preencher-me com as sombras daquilo que tocava, enquanto luz...

Fiz-me gota d'água, na intenção de tomar a forma de tudo aquilo que pudesse abraçar. Embora estivesse condenado a escorrer enquanto água.

Tomei a forma de domingos e vaguei por entre o tintilar dos talheres das reuniões dominicais, inebriado pela domesticidade que reluzia em sons, sabores e aromas sob a prenuncia de um novo recomeço ao fim do dia.

E na constância da ausência fiz-me vela acesa de mosteiro. Fui o sussurro da prece que inflamava; tornei-me amante da chama que me reduzia à cera e saudade...

Na ausência de mim fiz-me pedra canga assentada.

E no estágio de pedra suportei risadas em alpendres, chuvas no telhado...e passos na escada.

Fui tudo o que não queria achar.

Fui o lodo do beco.

Fui uma cruz à margem da estrada.



¹⁵⁵ Lucas Mateus Faria Silva, natural de Cáceres - Mato Grosso. Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. É especialista em Literatura Brasileira pela Universidade UNINA de Curitiba e atualmente é lotado na Secretária Municipal de Educação de Cáceres como Professor de Língua Inglesa e Portuguesa.
je.lucasfaria@gmail.com

R. E. M, ou Lembrança de uma noite de verão

*Anderson Rios*¹⁵⁶

I

Acordei,
Procurei você pela cama
Seu cheiro despairou
A voz esfumou
Tons, tintas, paredes descascaram
A chuva foi embora
Pensei em virar a esquina e lhe acordar com um beijo

II

Acordei,
Encontrei você na cama,
Seu cheiro pairava no ar
Sua voz silenciou o planeta,
Os carros, buzinas, explosões de supernovas,
Tons, tintas
E tudo isso demorou tempo o bastante

III

Acordei,
Olhei pro lado, são 3h,
Tons, tintas, supernovas, chuvas, nada disso e tudo isso lhe acorda também
E tu vê que não é sonho,
Olha as horas,
As paredes sem sons, o estômago quer dizer algo,
As supernovas já são velhas
A lua quis entrar, a nova cortina a impede,
O silêncio quis dizer algo, mas o sono voltou
Os tons voltaram, as tintas pintaram,
Um lindo quadro surge frente aos olhos,
Sua imagem verifica que...
Dormimos

IV

Sonhei que controlava as mãos,
Que os pés tocavam o chão,
O céu pairava em laranja,
A laranja era doce,
A música não terminava,

¹⁵⁶ Anderson Rios, natural de Apucarana – PR, nascido em 15 de janeiro de 1997, atualmente pula de cá para ali. Graduado em Letras-português. “Apesar de crescer, nascer e amar em duas cidades, meu lar é e sempre vai ser na literatura. A música, a arte e o cinema também me abraçaram.”
andynerios@gmail.com

O vento aqui chegava,
As fotos eu não guardava,
A música não parava
O coração era só mais um órgão,
A rua era comprida e deserta, os cães voavam
E o sol, exuberante, surgia
A lua,
De sono.

V

Eu realmente sonhei que as mãos tocavam no céu,
O doce não terminava, o vento parava,
os cães no chão pulavam, o coração eu controlava, as fotos eu apagava, o sonho
despedaçava, a lua aparecia,
E eu acreditava, que tudo se separava
Novamente, alinhado as estrelas
Com a verdade despercebida de que
Tudo significa, Na rua molhada, da chuva, das luas, das nuas, formava apenas um
imenso mar,
de sono.

VI

Eu pensei ter sonhado,
Que as fotos eu recordava, que a lua despedaçava, que tudo se encaixava, o sonho
realizava, em nada acreditava, desatino das estrelas, inúteis que flutuavam, e se
nada acreditava, o sono se desmanchava, o sol retornava, a chuva apenas molhava
Imensa luz,
E então verifica
Que agora que acordava
O mundo se desmanchava,
E nada, e tudo,
imensa luz
Imenso mar,
Sem sono.

Réquiem

*Lucas Vinicius Carstens*¹⁵⁷

Perambulava noite a dentro em sua casa vazia, trancada, inundada por lembranças de um alguém que jaz não existe mais. Procurava em quartos, armários, caixas mofadas, todos abandonados, enquanto era atormentada por quem ainda corre e salteia.

Ao fundo, nos cantos, ouvia-se ainda um cantarolar de um alguém que jaz não existe mais, em ritmo lento, enquanto ainda um esquecido xilofone ritmeia. Ainda corre e salteia, enquanto ainda ri e gaiteia, risada doce e ingênua, de quem ainda sonha e sonha.

Perambulava noite adentro em meio a livros rabiscados, desenhos abstratos, álbuns de fotos empoeirados de um alguém que jaz não existe mais. Que ainda o atormenta entre sonhos sonâmbulos e entre nostalgias momentâneas.

Agora, se perseguiu, se buscando alegre e correndo, saltitando e rindo, risada de quando sonhava e sonhava. Ao todo, em tudo, ouve-se choros, soluços, enquanto ainda o antigo brinquedo valseia pela doce e ingênua infância que jaz morta em seu peito.



¹⁵⁷ Lucas Vinicius Carstens, natural de Jataí - GO, nascido em 1998. Atualmente graduando em Letras-português pela Universidade Federal de Jataí. Atua como professor de língua portuguesa e redação. Escritor desde os 16 anos.
lucasviniuscarsstens@gmail.com

Restam apenas lembranças

*Sininho*¹⁵⁸

Saudade é o calor do qual meu coração ainda não esfriou,
A foto que não se apagou,
E a memória que aqui ficou.

É a falta que um abraço faz,
O momento que ficou pra trás,
A vontade de um dia mais.
É a nostalgia que não me dá paz.

Dói demais,
Ver que o tempo está passando
E a gente só esperando.
O mundo gira e se refaz,
Mas eu sigo na minha cama
Só por mais uma semana.

E como tudo muda em uma semana...
Um mês, um ano...
Queria sonhar e reencontrar esperança,
Renovar todas essas lembranças.

É fato que isso já passou,
Mas sei que esse afeto me formou,
Que toda experiência me transformou
E hoje dói o passar do tempo.
Porém dói porque estávamos vivendo.

Se hoje a gente sente saudade,
Significa que aproveitamos de verdade.
Rimos, nos abraçamos, criamos memórias,
E o amor virou frequente em nossas histórias.

Cada lembrança criada,
É fruto de uma vida bem aproveitada.
Mas a gente só percebe o valor quando perde,
Quando algo mais forte nos impede.
Quando nem toda nossa força de vontade
É capaz de combater a saudade.

¹⁵⁸ Ana Cristina Rodrigues Henrique, natural de Sorocaba – SP, nascida em 02 de abril 2004, tem 17 anos e é poetisa desde os 9 anos. Atualmente cursa o terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Uirapuru. É amante das letras e com 10 anos publicou seu primeiro livro de poesias “Sementes de Ana Cristina”, com 11 anos “Flores de Ana Cristina” e com 12 anos, fechando a trilogia poética o “Frutos de Ana Cristina”. Publicou ainda uma narrativa “Vivendo no Automático” com 13 anos e aos 15 anos publicou um livro duplo “PoeSer” composto de Crônicas e Poesias.
anacristinaescritora@hotmail.com

Já passou muito tempo
E nem sempre eu soube a riqueza de cada momento.
Espero que todo esse sofrimento,
Mostre como não vale qualquer que seja o descontentamento.

Não podemos mudar o passado,
Mas o nosso futuro grita
Para que a gente viva um pouco menos apressado.
Com mais risadas e sem necessariamente fotos bonitas.
Precisamos aproveitar cada segundo,
Porque paramos por um ano,
Mas ainda temos todo um mundo.

O mundo para explorar,
Um tempo sem hora para acabar.
Tudo que vivemos foi bonito,
Mas o que sempre nos espera é um novo infinito.

Saudade

*Edmon Fernando de Melo Araújo*¹⁵⁹

Pelo cheiro da terra, sei que a chuva vai chegar.
Do terraço, lá de cima, já vejo o banco de cimento molhar.
Também já era tempo, desde maio não chovia, e já é primavera;
- É assim no Planalto Central!
Mas também tem Pequi, no arroz então!
Minha mãe ficou distante. Acho que preferiu se esquecer.
- Já é octogenária!
É uma saudadezinha..
Eu brincava de barquinho na poça que se formava na frente de casa quando chovia;
E é sinal de sorte!
Não é que da poça brotou dinheiro! Sei lá!
- É coisa de Deus.
Mas foi daí que naquele dia compramos o gás.
- Graças a Deus!

¹⁵⁹ Edmon Fernando de Melo Araújo, natural de Maceió - AL, nascido em 23 de julho de 1969. Concluiu o curso de medicina em 1993, na Universidade Federal de Alagoas. “Expressa-se em prosa poética de cunho filosófico-social.”
edmonfmaraujo@gmail.com

[Sem Título]

Tarciso Douglas Alves da Silva¹⁶⁰

Saudade é um caco de vidro no olho da gente

Quanto mais se esfrega mais dói.

É flor de laranjeira

Quanto mais se esfrega mais cheira.

É cheiro de terra molhada,

Mormaço da tarde,

Céu azul.

Saudade também é dor no estômago

Quanto mais aperta mais dói.

É abraço apertado,

Quanto mais aperta melhor fica.

É cheiro de passado,

Livro velho,

Noite estrelada,

A saudade é aquilo que fomos com vontade de querer ser mais.

¹⁶⁰ Tarciso Douglas Alves da Silva, natural de Custódia - PE, nascido em 22 de setembro de 1990. Possui formação em letras e pós-graduação. tarcisodouglas@hotmail.com

Saudade tem cura?
*Amandinha Simpatia*¹⁶¹

Do tempo que eu era menino,
algumas lembranças tenho.
Mas não é menino de sexo...
É menino de ser infância,
Mesmo.
Lembranças...

Corria. Não via. Mainha?
Não via. Em outro estado.
Brincadeira nas matas,
Árvore virava casa,
Terreiro era a cidade.

Medo de riacho quando é noite.
Não via. Painho?
Não via. Outro estado.

Estado de vida.
Estado de nação.
Estado partido.
Estado ausente.
Os pais...
quem me sente?

Afagos de pais...
Utopia distante,
Pra quem da cobra,
Leva carreira.
Enquanto crescia... meu menino
Partia!

A infância passou tão ligeira,
Que nem lembro se
Beijei minha mãe e abracei meu pai
Antes de dormir.

¹⁶¹ Amandinha Simpatia, natural de Natal - Rio Grande do Norte, nascida em 08 de novembro de 1994. É poetisa e cordelista e utiliza esse pseudônimo às vezes. Possui o ensino médio completo. simpatipoetisa@gmail.com

Saudades

*Dailma Chocolate*¹⁶²

Me bateu uma saudade
Do tempo que eu era criança,
Onde minha maior liberdade
Era sonhar e ter esperança.

Tenho saudades das boas conversas,
De uma verdadeira risada
E de um beijo na testa
Quando a noite chegava.

Ah, que saudade arretada
Que trago no meu peito!
Se eu pudesse fazer um pedido
Ter um dia daqueles, seria meu desejo.

Eu até me casei de brincadeira,
Onde meu noivo saiu chorando,
Me tornei a senhora Ferreira
E no mesmo dia me separando.

Como fui feliz
Na minha casinha de barro,
Amava subir nas árvores
E também andar a cavalo.

Mas, agora eu cresci,
Me tornei uma mulher,
Orgulhosa de quem sou
E caminhando com minha fé.



¹⁶² Dailma de Souza Silva, natural de União dos Palmares - AL, nascida em 15 de maio de 2001, tem 19 anos. Possui ensino médio completo.
dailmachocolate15@gmail.com

Saudades

*Robinson Silva Alves*¹⁶³

Sinto saudades
De tempos de outrora
Em que sonhava
Com uma nova aurora

Onde todos partilhavam
O mesmo caminho
Onde mesmo sós
Nunca estávamos sozinhos

Sinto saudades
Do amigo vento
Dos dias com tempo
Dias de sonhar

Sinto saudades
Dos dedos de prosa
Da antiga viola
Dos amigos da escola
Das noites trigueiras
Um céu de estrelas

Sinto saudades
Da grande paixão
De minha amada
Eterna inspiração

Sinto saudades
Dos banhos de rio
Um menino arredio
Que vivia a brincar

Sinto saudades
De um tempo feliz
Que nunca mais voltará.

¹⁶³ Robinson Silva Alves, graduado em Filosofia na Universidade Estadual de Santa Cruz e Licenciaturas Interdisciplinares na Universidade Federal do Sul da Bahia. Reside em Coaraci – BA, tendo ao longo da trajetória conquistado cerca de 40 premiações em concursos de poesia além de inúmeras participações em revistas literárias.
hiatuspoeta@gmail.com

“Saudadezinha”

*Álison Bonsuet de Oliveira Mariano*¹⁶⁴

Tô com uma saudadezinha
Do café que cê fazia,
Do desafeto com a vizinha
Que vivia a reclamar

Das coisas que cê dizia
Quando a cama, antes fria,
Esquentava e rangia
Com o nosso fogo, e ia parar

Lá no meio da cozinha
Percorrendo a casa inteira,
Com a nossa brincadeira,
Com as coisas de amar.

Acordei num dia chuvoso
Lembrando do teu gosto,
Sabendo que o que cê gosta
E de não ter que gostar.

A hora agora é a do almoço,
E se eu durmo mais um pouco,
Sonho mais com aquele sonho,
De você não me deixar.

¹⁶⁴ Álison Bonsuet, natural de Salvador – BA, nascido em 1994. Tem graduação em Logística Empresarial e História, é pós-graduando em Docência no Ensino Superior pela UNIFACS - UNIVERSIDADE SALVADOR (Rede Laureate). É poeta, músico e compositor, aprendeu a escrever muito cedo, tendo seu primeiro poema publicado em um livro escolar com apenas seis anos de idade. Autor dos livros "Em curtos, em contos" e "Poemas de um marinheiro solitário", segue fazendo poemas para o seu blog vovomedizia.blogspot.com. Vencedor do concurso de Poesias Minimalistas da UNIFEFE e um dos finalistas da chamada para a revista Inversos sobre crianças africanas.
alissbonsuet@gmail.com

Singelo Adeus

*Pedro Henrique da Silva Lino*¹⁶⁵

O nosso tempo passou?
Você sabe do que se trata
As piadas fora de hora
Seguidas de risadas sem graça
Não foi algo repentino
Vimos isso acontecer
Gradualmente
Você não tem nada mais a ver comigo
Eu não tenho mais nada a ver com você
E, sinceramente,
Não há motivos para lamentar
Há apenas frases soltas
Com um clima tenso pairando no ar
Não há mais confissões adolescentes
Ou sentimentos para pôr para fora
Nossas melhores histórias viraram apenas memórias
Que guardamos num museu
Sem vigia, sem cadeado,
Sem visitas, sem cuidado
Porque nós sabemos a verdade
Envelhecemos, não estamos mais na idade
Muito velhos para rir do absurdo
Muito novos para nos reocuparmos com nosso futuro no mundo
Desculpe,
Quando digo “nosso”, quero dizer o seu e o meu
Pois já percebemos que compartilhar sonhos nem sempre é uma realidade
E tudo o que é para sempre tem, sempre, prazo de validade
Mas nós ainda temos o passado
Quando estamos juntos ele nos faz companhia
Fingimos estar tudo igual enquanto nosso café esfria
E ele já esfriou
E se essa for a última vez, quero me lembrar disso tudo que restou
Existe uma longa estrada pela frente
E ela não tem espaço para dois carros diferentes
O nosso tempo passou
Você sabe que passou

¹⁶⁵ Pedro Lino, natural de São José dos Campos - SP, tem 21 anos. É estudante de História na UNESP.
“Um exímio procrastinador nas horas não vagas. Ocasionalmente, finge ser poeta.”
pedro.lino@unesp.br

Singular

*Nádia Santos de Paiva Neves*¹⁶⁶

Tenho traços atravessados
o familiar funda o afeto
o dentro diz o diferente
Sou semelhante singular

Lembro leves lugares
o abstrair alcança artes
o silêncio semeia o sono
Vejo vitais vínculos

Sinto saudades suas
Se o que fica
Se o que pode
É encanto de então

Faço fantasias fortes
o entregar é espera
o despertar é dilatado
Inspiro ideias inquietas.

¹⁶⁶ Nádia Santos de Paiva Neves, natural de Araguari - MG, nascida em 1985, tem 35 anos. Possui licenciatura em artes visuais (pela Universidade do Estado de Minas Gerais) e estuda Letras na Universidade Federal de Minas Gerais.
nadiapaiva85@gmail.com

[Sem título]

Anna Luiza Sposito¹⁶⁷

Sinto falta do que não nomeei
Da fuga do tempo que se passou
Sofre mais aquele que não sentiu
Os meus eus eu busco incessantemente

Ah! Do irreparável do meu passado
Há a culpa dos desconcertos tolos
A angústia do que teria sido
E assim, a leveza bela do acaso

Morreram partes em minhas entranhas
Habitam-me nadas intraduzíveis
Em ânsias e tonturas noturnas

Por entre os esbarros dos desencontros
Esquinas lamentam as reticências
Céus, renasço e inquieta meus mistérios



¹⁶⁷ Anna Luiza de Oliveira Sposito, nascida em 19 de outubro de 1998, tem 22 anos. Estudante de Letras/Espanhol na Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL.
analuizasposito@hotmail.com

Sonâncias

*Nayana Ferreira Silva*¹⁶⁸

Lembranças se apagam conforme as folhas caem
O outono que, com um suspiro, se vai
Enquanto insistem em se apegar ao que já se degradou
Suas memórias, no fim, pertencerão apenas a você, que sobrou...

A sua imagem sob a árvore adormecida
Como um sonho, se perdeu quando acordei
Coberta pela chuva, esperando pela sina
Sorrindo, às vezes me pergunto se apenas imaginei

Minhas lembranças se confundem com a fantasia
Observo pássaros, penso em anjos
Encaro a lua, sinto alegria
Sinto o vento, lembro do mar.
Minhas lembranças estão confusas,
Pois em nenhuma me vejo te abraçar.
Penso na minha infância,
Seus pés caminhando ao meu lado
Quando eu caí, suas mãos me agarraram
As mesmas mãos que tocam melodias no piano
Músicas que lamento não lembrar.

Minhas lembranças não escureceram,
Simplesmente são claras demais
Por cada sentimento com o qual me envolveram
Pergunto-me por que não sou mais vivaz?
Meus olhos caídos, sempre tristes
Não veem mais
No entanto, na minha lembrança mais antiga você disse
Que me faria sorrir a cada dia que estivesse lá.

Agora que olho para trás
Sinto que dói esticar os lábios
Mesmo que minhas lembranças me digam para sorrir
Tento esquecer como seus traços são claros,
Porque esse passado é tão importante,
Não permito que seja manchado de dores assim.

Minhas lembranças se degradaram com o tempo
Eu esqueci, recordei e deixei partir.
Esqueci o formato de suas paternas mãos
Que me impediam de cair
E tocavam sonâncias que nunca pude ouvir.
Minhas lembranças lembradas em vão

¹⁶⁸ Nayana Ferreira Silva, natural de Governador Nunes Freire – Maranhão, nascida em 30 de setembro de 2003, tem 17 anos. Estudante Técnica em Artes Visuais Integrado ao ensino médio, no IFMA.
nayana.ferreira@acad.ifma.edu.br

Esqueci da minha infância
Querendo resgatar sua recordação.

No fim, fiquei sem nada.

Soneto ao Insolente

*Rafael Camargo de Campos*¹⁶⁹

Passa o tempo, sutil, e de repente
do seu silêncio irrompe um forte brado,
insolência do eterno adolescente
tão cruel que nos traz o inesperado.

E ali, frente ao espelho, que não mente,
nostálgicos, queremos que o passado
Regresse a nós como um filho carente,
aos prantos por nos ter abandonado.

Mas em vão é querer se a dura idade
ao insolente mostra lealdade
Feito vil capanga ao qual nada importa.

Só nos crava a triste dor da saudade
dos anos que o vigor da mocidade
todo dia batia em nossa porta.

¹⁶⁹ Rafael Camargo de Campos, natural de Santa Cruz do Sul, nascido em 23 de abril de 1987. Cursa Sistemas para Internet no IFRS, campus Porto Alegre.
decampospro@gmail.com

Sonho de Infância

Regina da Conceição Rossini¹⁷⁰

Deitada na grama do jardim
Fecho os olhos, e respiro assim
Fazendo a barriga levantar
E o ar para fora expirar

Era o que eu fazia desde criança
E até os dias de hoje, trago lembrança
E tudo que escrevo aqui
Foram momentos que vivi

Meu quarto grande e rosa
Vovó dormia comigo, quão amorosa
Tinha uma boneca favorita
Lhe dei o nome de Rita

Domingo no parque, pra brincar
Corria, pulava corda e amava escorregar
Depois hamburguer e batata na caixinha
Com a melhor amiga, minha vizinha

Papai e mamãe preparava a refeição
Eu ficava na mesa, esperando o macarrão
Comida quente e boa, momento de oração
Me ensinaram a agradecer
Por tudo que eu tinha, então

Mochila de rodinha, pra escola
Na lancheira bolacha e Coca-Cola
Meu uniforme branco e azul
E na hora do recreio, brincava com a Malu

Trago vivo na memória
Momentos da minha trajetória
Marcados com sorrisos e amor
Levarei comigo, por onde eu for.



¹⁷⁰ Regina da Conceição Rossini, natural de Boa Esperança - PR, tem 36 anos. Pós-graduada em Gestão de Pessoas pela Universidade Faccamp de Campo Limpo Paulista. reginac.rossini@gmail.com

Sou Sujeito

*Rodrigo Avila Colla*¹⁷¹

Sou sujeito
Objeto de tantas recordações
Que me subjetivam

Sou conceito
Pleno de histórias e ações
Que me ativam

Contrafeito,
Quando me silenciam,
Sou atravessamentos, virações

Que com despeito
Tempestuam, se precipitam
Num abalburdiamento de silenciações

Sou poderes refeitos
Que interatuam em explosões
De passados que, passantes, palpitam

Constante pleito,
Sou memórias e alucinações
Que me invadem e me habitam

¹⁷¹ Rodrigo Avila Colla, natural de Porto Alegre – RS, nascido em 18 de maio de 1983. Pedagogo e comunicólogo formado pela UFRGS, onde também realizou especialização em Pedagogia da Arte. Mestre e doutor em Educação pela PUCRS. Nos últimos anos, publicou diversos artigos sobre educação em periódicos da área, além de poemas e crônicas em cadernos literários e matérias em revistas. Atualmente, é professor de Educação Infantil da Rede Municipal de Esteio – RS. rodrigo.a.colla@gmail.com

Suvenir perdido

*Luiz Bosco Sardinha Machado Júnior*¹⁷²

Habitei uma casa enorme que
Não era minha.
Há tanto tempo não pagava aluguel,
nem mais sabia a quem pertencia.

Uma Mnemosine jovem, sorridente e cheia de esperança,
Vinha de tempos de formação,
Confortável e luminosa presença.

Caminhando abraçados pelo casarão,
Descubro seu fundo triste,
Inquietações que põem dúvida em seu frescor:
As exigências que vemos serem vazias quando envelhecemos,
A necessidade prematura do sério,
A preocupação infundada com o que algum outro pensa de nós.

Eu queria fazer ela habitar uma suíte espaçosa que estava sem uso,
Com uma ampla varanda e vista para um pomar.
Que frutos daria?

Recebi um último olhar de afeto,
Tentei estreitar ela em meus braços.
Se esvai.
Fica um aroma, uma mecha, um fio de luz.
Seu tempo não me pertence.

¹⁷² Luiz Bosco Sardinha Machado Júnior, natural de Tupã - SP, tem 39 anos. É psicólogo, Doutor em Psicologia e docente na Unifio - Ourinhos. Autor do livro de poemas "Fatídicos" e participante de diversas coletâneas literárias regionais e nacionais.
luizboscojr@yahoo.com.br

Tanta coisa pra lembrar

*Luciene de Almeida Barros Pinheiro*¹⁷³

Tanta coisa já vivi,
Tanta coisa pra lembrar,
Tantos fatos ocorridos
Que me levam a pensar.

No caminho da lembrança
Há tristeza e alegria.
Desafios enfrentados
Com coragem e valentia.

Da infância lembro bem,
Dos amigos da escola.
Nós brincávamos todo dia
De correr e jogar bola.

Todo mundo estudava,
Brincava e se divertia.
Com o pessoal daquela época
Era forte a parceria.

Um fato ocorrido
Que marcou a minha memória,
Minha amiga descansou,
Concluiu a sua história.

Tanta coisa a dizer,
Tanta coisa pra contar.
Na escola eu aprendi
Que devemos respeitar.

Nunca esquecerei
Do meu tempo de escola.
Aprendi tantas coisas
Que marcaram minha cachola.

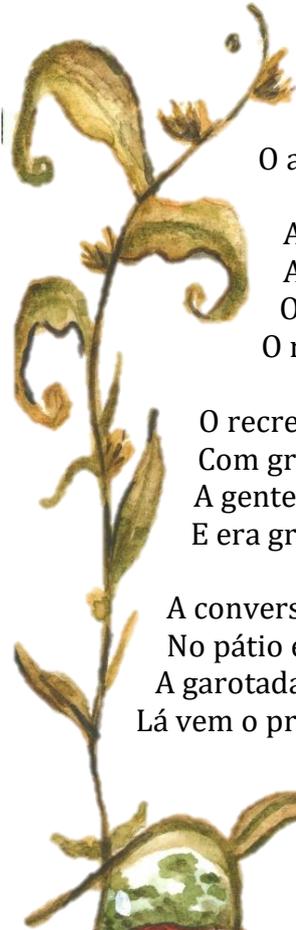
Dos abraços, dos sorrisos,
Das risadas compartilhadas.
Dos afagos recebidos,
Das brigas enfrentadas.



¹⁷³ Luciene de Almeida Barros Pinheiro, natural de Xapuri, nascida em 05 de fevereiro de 1984. Reside na cidade de Rio Branco - Acre. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre e possui Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).
luciene.pinheiro@ifac.edu.br

Lembranças como essas
Jamais esquecerei,
Pois aprendi muitos saberes
Que na vida apliquei.

Do porteiro à professora,
Quero aqui homenagear,
Pois eu lembro com carinho
De cada um no seu lugar.



A merendeira na cantina
Preparando o baião.
A inspetora vigiando
O aluno do portão.

A professora ensinando
A matéria para a prova.
O diretor organizando
O mural da nossa escola.

O recreio era esperado
Com grande animação.
A gente brincava,
E era grande a diversão.

A conversa era certa
No pátio e no corredor.
A garotada logo gritava,
Lá vem o professor.

Tanta coisa pra dizer,
Tanta coisa pra lembrar,
Tantos fatos ocorridos,
Tanta história pra contar.



Tempos inesquecíveis

*Cledson Delmar Cutchma*¹⁷⁴

Hoje faz um ano,
Daquele amável plano;
Encontrar você escondida dos seus pais,
Na bela praia encantadora com recifes de corais.

Na medida em que você se aproxima,
Eu observava a mais bela obra-prima.
Seus movimentos sutis a luz do luar,
Me deixava apaixonado a beira-mar.

Era um sentimento puro e intenso,
Emoções de caráter profundo e imenso.
Sua beleza que transcende a realidade,
Fazia eu duvidar se era digno de sua santidade.

Para mim, você estava em um pedestal,
Por muito tempo foi a minha energia vital;
O motivo do meu sorriso diário,
Me transformou em um ser menos solitário.

Com você desejava formar eternos laços,
Residir entre os seus mais sinceros abraços.
Esquecer todo mal que enfrentava,
Deitado em suas pernas enquanto você cantava.

Enxergava na sua presença a razão do meu viver,
Não tinha mais nada do que temer.
Sem motivos para desistir,
Encontrei a felicidade e tive que admitir.

Mas tudo passou em um instante,
Em um mês já tinha partido e morava distante.
Muitos chamam de um amor de verão,
Sensação efêmera que só dura uma estação.

Recordo daqueles dias com muita alegria,
Época repleta de uma contagiante magia.
Agora só me resta agradáveis lembranças,
De algumas semanas cheias de esperanças.

¹⁷⁴ Cledson Delmar Cutchma, natural de Francisco Beltrão, nascido em 18 de dezembro de 1998, tem 22 anos. Estudante de graduação em nutrição, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
cledsondelmar@gmail.com

Tetê-à-Tic
*Cazelato*¹⁷⁵

Eu sou ladra.
Ladra do seu tempo
Escancaro a curiosidade dos seus glóbulos
Sua mente, apreendida sem sequer um feixe de piedade.

Não passo mão na cabeça,
Não pergunto como você está,
Não empresto nenhum dos dois ombros.

Furto os seus segundos
E chuto a porta das suas engrenagens
Fragmentando um psique antes contente porém, estagnado.

Esperando o melhor
Mas sabendo que o melhor que posso fazer
É te deixar aí, pensando... e pensando... e pensando...

Com o tempo apertado
Perdidamente endividado com o relógio
“Será que ainda dá tempo de prestar um boletim de ocorrência?”

¹⁷⁵ Cazelato, natural de Maringá, nascida em 12 de março de 2003. Possui Ensino Médio completo pelo Colégio Notre Dame Campinas. Atualmente estuda para se tornar uma atriz profissional. “Além de escrever, também sou apaixonada pelas artes cênicas e pela dança”.
valentine.cazelato@gmail.com

Tínhamos Trinta Anos

*Alberto Arecchi*¹⁷⁶

Os anos da juventude se passaram.
Partido cooperante a Moçambique,
celebrei trinta anos em Pemba,
foice rochosa estendida para o mar,
coberta com imbondeiros em flor.

Caminhava no sol, no vento,
entre as chamadas do mercado.
As meninas, embrulhadas em mil cores,
ofereciam cestas de frutas finas,
enquanto pousavam cestas de peixes
mexendo em mil reflexos.

Estávamos vivendo nossa melhor época,
víamos a África pela primeira vez.
Éramos pacificadores.
Éramos nós, de fato, que sentíamos
a necessidade de outro mundo,
de aventura e de liberdade.

Expoentes de um mundo avançado,
eficiente, melhor, não corrupto?
Mas percebíamos com tristeza
que nosso mundo não era melhor.
Nós cooperadores, adotados pela África,
afinal acordamos daquele sonho.

Ainda acontece de fechar os olhos,
vagar em memórias felizes
e procurar o Semendel,
o pássaro mítico branco, verde e azul
descrito por viajantes de outrora,
que não queimava suas penas no fogo.

Mas agora sei que nunca conseguirei
encontrar aquele pássaro colorido.
Nem mesmo uma pequena barata
vai se dignar voar para mim,
na curta temporada de acasalamento,
como nos velhos tempos.

¹⁷⁶ Alberto Arecchi, nascido em 1947, é um arquiteto italiano. Tem experiências na cooperação para o desenvolvimento em países africanos. Escreve em italiano, português, espanhol e francês. alberto.arecchi@libero.it

Toda criança brinca

*Ananda Luz*¹⁷⁷

O silêncio!

O quanto o silêncio grita?

Da minha infância lembro da arara que falava palavrão na casa da minha bisavó e meu bisavô.

Lembro da varanda de cacos de azulejos e da mangueira jorrando água.

Memórias poucas dessa minha primeira infância...

Depois o que veio?

Não sei dizer, mas o gosto não é doce, talvez amargo, talvez agridoce ou salgado.

Não me lembro!

O não lembrar é simbolicamente ensurdecedor.

E o silêncio...

Ah! O silêncio...

Ele grita mais alto que o grito de milhões...

Não lembro nada?

Sim, talvez sim...

Lembro de lembranças lembradas

Lembro de lembranças ganhadas

Uns contam

Outros também

O que conto?

O que a infância, melhor fase da vida me conta?

(ou pelo menos deveria ser a melhor)

Conta

Contares

Cantares

“Ô marinheiro, ô marinheiro, ô marinheiro só! Quem te ensinou a navegar, marinheiro só...”

Meu pai, poucas vezes, cantou

Eu cantava:

“Oi tumtumtum bate coração. Oi tum coração pode bater...”

Entre músicas, fabulava.

Sim, ficcionava ser Elba Ramalho

Uma escova de cabelo era microfone

E então, brinquei de cantar: “as águas que desaguam para o mar...”

Desaguei.

Muitas vezes.

Sozinha.

Mas o mar é grande, nele cabe o mundo e a criança tem mundos.

Assim, brincava, porque criança brinca

Mesmo nas ausências... brinca.

Brinquei ei ei ei ei

Queimado, queimeeeeeiiii

Era ótima no queimado, tinha força e agilidade

¹⁷⁷ Ananda Luz, atua como professora da Educação Básica. É mãe, mediadora de leitura, moradora de Santo Antônio de Jesus - BA. “Nas horas vagas e não vagas escrevo e fotografo o que me atravessa, diálogo essas artes com todos meus (a)fazeres, seja nas pesquisas, seja nas aulas, seja no papear... Na vida.”

anandaluzananda@gmail.com

Habilidades herdadas para a vida
Força e agilidade, força-agilidade, forçagilidade, fo...
A vida não te dá tempo: Seja ágil!
A vida não é pra os fracos: Seja forte!
Fui, sou, será?
Sim, fui criança!
Tive infância!
Ora dor,
Ora de novo,
Ora rir,
Ora sonhar,
Ora brincar,
Porque toda criança brinca
Não brinca?

Trindade Tempo

*Caio Bassitt*¹⁷⁸

Deixa o passado passar
Deixa o presente passar
Deixa o futuro passar
Passa... fu
Passa... tu
Passa... ro

E permanece eterna a trindade tempo.

Pássaro do passado
Retropassa
Contrapassa
Retropeça
O novo pé
Em velhos passos.
Passa a avó
Filha e neta passam
Passam sonhos já sonhados
Passa a moça como passa
A voz de antepassados.

De tudo que passa e fica
Passa a lembrança
Passa e finca
A espada automática
Pacífica
Da herança.

Passam tempos
Ventos e verões
Levam na proa
Na embarcação do espírito
Bafos de piratas
Suspiros de marinheiros
Tempestades, naufrágios
Rascunhos de profetas
No continente perdido.

Sopros de Deus no barro
Pergaminhos, sermões
Rabiscos de macacos
Imagens de bichos

¹⁷⁸ Caio Bassitt, natural de São Paulo, nascido em 21 de junho de 1982. É compositor e formado em Letras pela PUC-SP, onde publicou letras de música e poemas na revista da Associação dos Professores da PUC. Em 2005 lançou o CD "Samba para os amigos", o qual foi elogiado pela poeta Alice Ruiz e por Tom Zé. Como compositor, é parceiro do poeta/letrista Delcio Carvalho, participou de diversos festivais de música autoral e atualmente ministra o curso online Letra ao pé da Poesia, focado na criação de textos literários.
caibassitt@hotmail.com

Delírios de índios
Eros, cultos, ninfas
Festas fofas fumaças polífonas
Passam e marcam
Gritos arregalados na parede.

Hieróglifos reinventados
Por novos macacos.
Miró, Tarsila, Carybé.
Deuses disfarçados de poetas
Cantam a liberdade.
Leadbelly, Baudelaire.

O dente sarcástico
Ledo Ivo
O frio seco na medula
João Cabral.

Apolo
Fantasmas tatuando
Ulisses, Penélope
Na pele da metrópole
A mudança em partículas
Cecília, Paz, Adélia
Diógenes, Tom Zé.
A reconstrução, o recomeço
Nietzsche, Lao-Tsé.

Fica o sabor de um tempo
No palato da imensidão
Palavras pairam sagradas
Tocam a superfície pálida do papel
Atravessam dimensões
Rasgam do infinito a carne
E encarnam no coração.

O passado se faz presente
Silenciosamente
Invade uma geração.
A poesia se faz,
Faz-se uma tradição.

Passa o passado o presente o futuro...
E permanece eterna a trindade tempo.



Tubos de linhas - Ricardo Santos Dantas

*Ricardo Santos Dantas*¹⁷⁹

A mão de mainha
desenhava corpos
em tecidos coloridos.
Eu, lembranças plenas de rasuras,
Trago memórias de uma mãe
que vivia e sobrevivia
dos lucros a partir do encantamento de coser.
Suas mãos vestiam corpos, os mais diversos: crianças, noivas,
prostitutas, filhos e filhas, netos e netas, sobrinhas, gente alheia.
Mainha nunca se permitia preconceitos. Ela
gostava de gentes.
Sobre a máquina,
tubos de linhas conversavam
com agulhas. Diálogos, também, entre ela
e os pontos marcados no texto da vida – tecidos.
Pontos alinhavados permitiam
corrigir o que seus olhos
percebiam tortuosos.
Acertos à vista, ela firmava
os pontos definitivos – tessituras da vida.
E a costura ia tomando forma,
tudo sob a métrica da fita sobre os ombros,
fita que trazia números, razão e emoção.
As marcas
da carretilha eram como caminhos floridos e cheios de plenitudes.
O pedal da máquina era sincrônico
aos fazeres poéticos da costura.
Eu pequeno, me colocava nesse movimento, numa balança conduzida
pelos pés firmes de mainha
e ela ria
da minha traquinice de menino.
Pedços de linhas se camuflavam por entre meus cabelos...tudo
multicolor.
E ela me chamava de "meu passarinho colorido sem asas".
Cronos insistia em propor idade: imperdoável.
As mãos de aminha, já cansadas pelo tempo-idade, não mais
suportavam a tesoura. Já não mais corria certa a sua mão.
Lamentava pra Deus, com o terço de Nossa Senhora nas mãos.
E veio a incapacidade de ação, embora cheia de criatividade e
movimento nos pensamentos.
E mais e mais, o pedal da máquina ia se silenciando

¹⁷⁹ Ricardo Santos Dantas, natural de Itabuna – BA, nascido em 06 de fevereiro de 1967, tem 54 anos. Formado em Letras – Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Doutorando em Letras: Linguagens e Representações – UESC. Mestre em Letras: Profletras – UESC. Autor dos livros de Poesias “Lembranças de uma infância - 2004” e “Poemas de África - 2012”. Poemas publicados em revistas, jornais e em redes sociais. Professor de Arte-Educação na Rede Municipal de Ensino de Itabuna – BA. Professor de Língua Portuguesa como L2 para Surdos e Surdas na Rede Estadual de Ensino – Itabuna-BA.
ricardo7dantas@hotmail.com

nas madrugadas.

Agulhas quebradas, tecidos acumulados, retalhos multicores esquecidos e o desânimo do corpo cansado.

Sua voz, já não tão ativa, insistia em ver a arte mesmo sem sua voz.

Questionava sempre: quantas corpos podemos pensar através dos tubos de linhas? E por que meu corpo

me impede de vestir a vida, de colorir os corpos?

Seus olhos marejavam

da saudade que sentia

de cobrir os corpos...o choro era o que lhe restava.

E a sua partida se fez.

O seu coração, insensível, acatou a fragilidade que seu corpo insistia em golpear a sua carne.

Era o grande conflito: ela buscando forças e a humana natureza lhe arrancando a vida.

Deu-se o silêncio. Corpo dela sem movimento.

As máquinas pararam, as linhas perderam as cores e o seu desejo acabara ali.

As máquinas de costuras choraram, eu vi.

E ela, agora, era o anjo de asas que buscara as nuances no céu.

E se foi.

Só restaram os tubos de linhas e

suas memórias alinhavadas

nos corpos de quem

ela cobriu.

Um cheiro de lembrança

*Marcello Borges*¹⁸⁰

Uma xícara na mão, um café da alma.
 Bebo, amarga e fria, pela manhã
A sensação de que estou longe de casa,
 Distante do tempo alegre – que passa –
Irrefutável e ligeiramente evaporante
Como num instante de descuido.

Falta-me açúcar para adoçar a vida
 – envelhecida, claro,
Pelas estações ligeiras.
Então, uma saudade quase angustiante
Vai surgindo no meu coração,
Querendo maltratar, mas não,
não é triste lembrar – recordo.

E, de repente, a xícara vira pião,
Beiro-me no fogão
Que arde a lenha d'outros cafés.
Cheiro de barro, de tempo bom
Cheio de boa mulher – mãe.
Bebo do pote água de rio,
E rio do frio dos igarapés.

Não me falta mais nada – percebo,
Vive-se mais que o tempo de vida,
Encontra-se mais que dor na ausência.
 Nem tudo é partida.

Tenho um caminho de volta
Para cada lugar que guardei
Lá ninguém morre
Nem envelhece – eu sei.

Um punhado de lembrança
 Com café puro
Desce aquecendo meu coração – juro.
No finalzinho da tarde, quase escuro,
Vou me deitar feliz.

Uma xícara na mão, um café da alma!
Estão todos lá me esperando
Voltar amanhã.
E eu, olhando pela janela,
Sorrio – para que pressa?

¹⁸⁰ Marcello Medeiro Borges, natural de Santa Luzia do Pará, tem 27 anos. Graduado no curso de Letras - português pela Universidade Federal do Pará (UFPA) no campus de Bragança/PA no ano de 2018.
marcelloborges44@gmail.com

Ainda quente, a fumaça que dança,
Me faz encontrar outras boas lembranças.

Um Punhado de Lembranças

*Lucélia Santos e Abelhinha*¹⁸¹

Pensamentos vagam pela noite calma
e encontram guardadas no baú da mente,
lembranças de um tempo, resquícios da gente...
Que outrora alegrava a matéria e a alma.

Lembro teu sorriso, espetáculo luzente.
O melhor remédio pra todo meu trauma.
Lembro teu abraço que ao meu corpo encalma,
lembro dos momentos de paixão ardente.

De tantas lembranças eu guardo um punhado,
e de mão fechada ao meu peito colado,
Não abro um segundo pra nunca perdê-las.

Lembranças do amor que vivemos um dia...
E enquanto eu viver e existir poesia,
as minhas lembranças hei de revivê-las.

¹⁸¹ Lucélia Lopes Santos, conhecida por Lucélia Santos, natural de Patu – RN, nascida em 06 de novembro de 1990. É professora graduada em Pedagogia e Pós-Graduada em Formação do Educador em Práticas Interdisciplinares, ambas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, é compositora, escritora, poetisa cordelista, sonetista e trovadora ocupante da cadeira n. 14 da ATRN - Academia de Trovas Do Rio Grande Do Norte; da cadeira n. 37 do CTS/Clube Dos Trovadores Do Seridó em Caicó e Delegada da União Brasileira De Trovadores/UBT na cidade de Patu e Coordenadora da Sociedade dos Poetas Vivos e A fins do Rio Grande do Norte – SPVA no Pólo de Patu. Possui publicações em 11 coletâneas de poesia, sendo 10 nacionais e 1 internacional. Seu trabalho poético pode ser encontrado nas seguintes redes sociais: Instagram: @poetisaluceliasantos; @versosdaabelhinha; Facebook: Lucélia Santos. luceliasantospatu@hotmail.com

Uma bela infância

*Taís Crema Remoli Ferreira*¹⁸²

A sandália, o vestido florido, o pijama de bolinhas,
e a trança...

O sorvete, a coxinha, o Natal,
e a comilança...

A sapatilha, o coque, a saia rodada,
e a dança...

A cantoria, a bagunça, a correria,
e o ser criança...

A alegria, a paz de espírito, a inocência,
e a lembrança...

O abraço, a família, a festança...
De voltar ao tempo:
a esperança!

¹⁸² Taís Crema Remoli Ferreira, natural de Agudos – SP, nascida em 06 de novembro de 1984. Atualmente está finalizando o doutorando em Educação na UNESP de Marília – SP. tais.remoli@gmail.com

Varanda

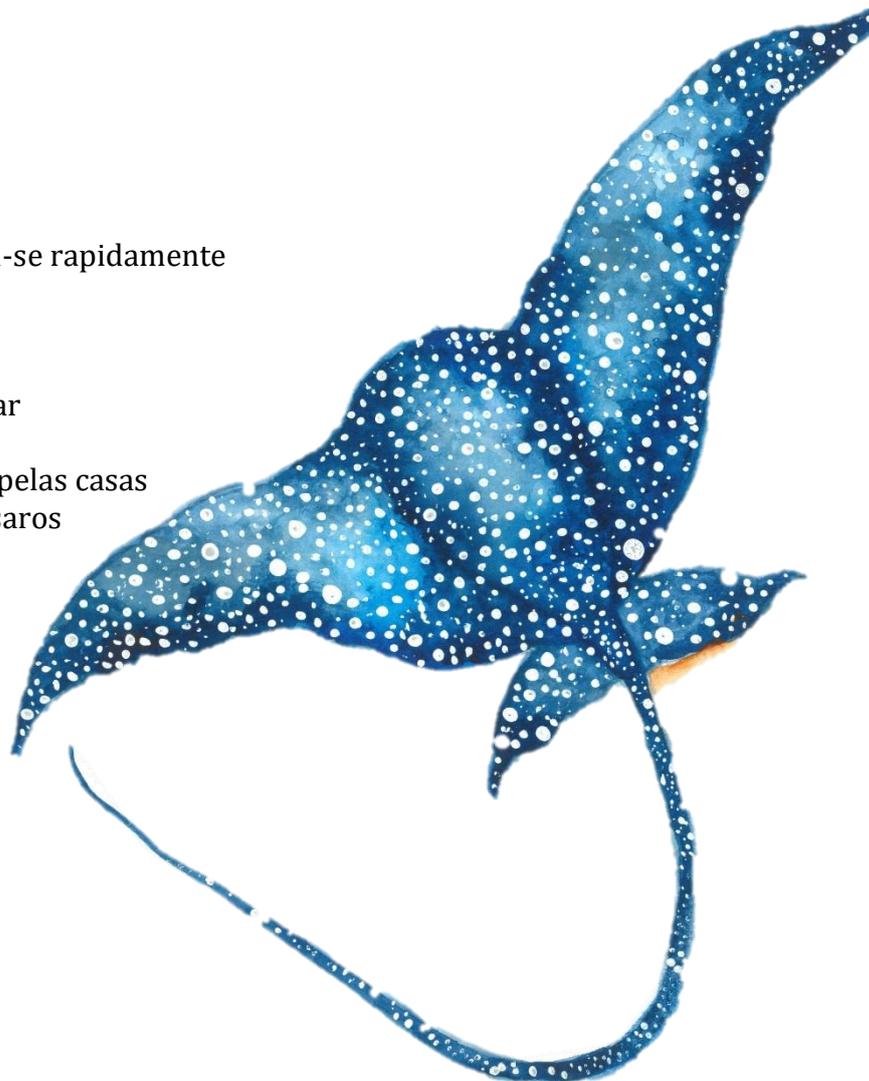
Márcia Letícia Gomes¹⁸³

No cesto da minha avó
Muitas cores se misturavam
Linhas de todos os formatos
Mão pequenas teciam sonhos
Casa árvore montanha trem

As mãos de minha avó moviam-se rapidamente
Bordando histórias
Tomando formas
Cantando silêncios
No seu jeito singular de assoviar

Os rastros de minha avó estão pelas casas
Toalhas, bolsinhas, panos, pássaros
Em que guardamos memórias

Aos domingos
Contamos histórias
E ainda somos
Todos juntos
Matizes no cesto de minha avó



¹⁸³ Márcia Letícia Gomes, natural de Terra Boa - Paraná, atualmente vive na Amazônia às margens do Rio Madeira, onde o sol se põe mais lindo. Gosta de ouvir e de contar histórias e por isso estudou literatura até o doutorado. 38 anos viajando por caminhos, dentro de livros, nos cenários dos filmes e no olho das pessoas.
marcia.leticiagomes@gmail.com

Viagem de Infância

*David Ehrlich*¹⁸⁴

Faz doze anos,
Esses tiranos,
Desde que vi neve,
Mesmo que por breve.
É inesquecível?
Não, mas é incrível,
E tentando lembrar
O ar chega a gelar.

Lembro-me do som,
Um áspero tom:
Crec, crec, crec, crec, crec, crec.
Mas eu, bem moleque,
Amei ouvi-la,
Amei senti-la
Quebrando sob meus pés,
Ao andar sem viés.

Adorei brincar,
Amei atirar
As bolas de neve
Que a TV descreve.
Tinha revanche,
Qual avalanche,
Mas não me importava
Pois eu adorava.

Era um tempo bom,
Apesar do dom
Que eu parecia ter
De nunca perceber
A realidade,
Essa entidade
Que sempre me escapou
E nunca se explicou.

Não percebia,
Tolo não via
Que aquela viagem
Era só imagem,
Que somente eu,
Em todo o meu breu,
Estava adorando
Ver o céu nevando.

¹⁸⁴ David Ehrlich, natural de Detmold, Alemanha, atualmente vive em Curitiba, tem 25 anos. Graduado em Jornalismo na instituição UFPR e especializado em Narrativas Visuais na instituição UTFPR.
davehrlichbrasil@hotmail.com

Não via meus pais,
Tão convencionais,
Fingindo estarem bem
Com o amor que têm,
Que fingimento
De sentimento
Era o casamento
Naquele momento!

Também meu irmão,
Sempre com razão,
Não via ele sofrer
Por ele perceber
O que eu não via,
O que ruía
Bem na nossa frente,
E tão aparente!

Não percebia
Sua agonia,
Nem que ao atirar
A neve pelo ar
Até meu rosto,
Não era gosto
Que o movia a isso,
Tal ato insubmisso.

Tudo que eu via,
Só o que sentia
Era aquela neve,
Caindo tão leve,
E também o frio,
Qual gelado rio
Que entrava de roupa,
E era sempre pouca.

Voltamos ao lar,
E só ao passar
De alguns longos meses
Os meus pais, burgueses,
Anunciaram
Que se acabaram:
Viajar juntos, não,
Para não ter “climão”.

Se viajo? Sim,
Mas há algo em mim
Que lembra de antes,
De tempos distantes,
Em que ver neve



Era tão leve
Quanto é ser criança,
Apenas lembrança.

Vida breve
*José Maria*¹⁸⁵

Um sopro
Uma ida
É a vida
Que assopro

Um momento
Um intento
Muito breve
Derrete como neve
Não há quem negue

Uma passagem
Sem bagagem
Uma leva
Que só se leva
Carinho e amor
Fugaz como flor

É apenas sonho
Que componho
No universo
Apenas um verso
Que se declama
E logo se esparrama
A seu tempo, findando
Inexoravelmente, acabando

¹⁸⁵ José Maria Pascoal Júnior, Bacharel em Ciências Militares, Mestre em Aplicações Militares, Especialista em Administração de Sistemas, Pedagogia, Finanças e História Militar. É Tenente Coronel de Infantaria da Reserva do Exército Brasileiro e professor do ensino superior. Atualmente, escritor, poeta, contador de contos e criador de conteúdo para a internet, com a missão de compartilhar boas palavras.
pascoalj2009@gmail.com

1 ano

*Kayo Henriky Lima da Silva*¹⁸⁶

Há um ano nascia uma flor,
Cor de amarelo, cor de amor.
Antes que eu imaginasse,
Seu abraço veio,
E me aquietou.
Antes que eu suspeitasse,
Teus olhos me amaram
Como aquela majestosa flor.
E nós nos entregamos ao afeto,
Do estreito prospecto,
Entre o amanhecer e o anoitecer,
É tua face que almejo ver,
Em teu abraço desejo arder...
A ti amar como a flor ao sol vislumbrar.

Para J.

¹⁸⁶ Kayo Henriky Lima da Silva, natural de João Pessoa – Paraíba, nascido em 11 de julho de 1998, tem 22 anos. É Licenciado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.
kayoriky@hotmail.com

Mientras

Camila Cristina Crosnac Fracalossi¹⁸⁷

Mientras tú te olvidas de mí,
yo te escribo poesías.
Mientras tú ni te acuerdas,
yo sigo recordándote.

No puedo hacer nada,
pero que sí, lo podría intentar,
pero también mis bolígrafos no lo quieren.
Mis lápices y gomas se niegan a borrarlo,
y los papeles están tatuados con tus memorias.

Así que no, no lo puedo hacer,
ni que quisiera intentarlo más.
Tú invades mis sueños,
me quitas el sueño y no puedo más dormir –
me atormentas por toda la noche.

Si pudiera sólo dejarme en paz,
y solamente te pido porque no puedo soportarlo más,
te imploro compasión.
Solo quiero sentirme libre y arreglar mis alas
para otra vez volar.

Y más que de repente,
mis sentimientos se atascan en el papel;
No más duele, mas quiero que sepas lo que sentía:
los puse en un sobre y te lo he dirigido.
Todo es tuyo ahora – como lo fui yo.

Mientras tu lees mis poesías,
tú te acuerdas de mí.
Mientras tú sigues pensando en mí,
yo a otro escribo poesías.

¹⁸⁷ Camila Cristina Crosnac Fracalossi, natural de Campinas – SP, nascida em 17 de dezembro de 1990. Graduada em Medicina Veterinária pela Unesp em Botucatu – SP, atualmente reside em Ananindeua - PA. Recentemente finalizou sua especialização em Investigação Forense e Perícia Criminal pela Uniasselvi. Trabalha na área da saúde pública e escreve nas horas vagas. camilafracalossi.writer@gmail.com

Recuerdos de luz

*Carolina Fernanda Gartner Restrepo*¹⁸⁸

Llamamos a la memoria y al fuego de los ancestros
Con burbujas y aserrín entre madera y espuma
Venimos sin manecillas y sin punto cardinal
Como caracol en hierba que avanza y algún día llega
Traemos consejo de las hadas luminosas
Que guían el camino del soñador alado
Llegamos tan alto gracias a las formas
Que como ebanistas los cuerpos modelan
Por orificios espiamos lo que los besos dejaron
Y que los ojos humanos descubren en el secreto
Somos recuerdos de antaño con arrugas que adivinos
Usan como los arcanos tras las huellas del pasado
No nos temas ni provoques nuestra ira en emergencia
Pues venimos como sabios de la familia dorada
Escucha nuestra oración y el mensaje protector
Los recuerdos no pesamos cuando anunciamos la luz

¹⁸⁸ Carolina Fernanda Gartner Restrepo, natural de Riosucio – Caldas, Colômbia, nascida em 10 de agosto de 1988. É Mestre em Estudos de Linguagem. Seus textos aparecem em coletâneas e revistas na Colômbia, na Espanha e na Argentina.
carofegar@gmail.com

Recuerdos de un solo tiempo

*Maria Gudi*¹⁸⁹

La misma embarcación
que ayudé a construir
Aún está en el mismo puerto
Yo no sé si por mis fuerzas s
e mueve como me dicen

¿A qué lado seguir?

Mi pedazo de paraíso
Es volver a ser un niño
Y jugar por las calles
En compañía de un poema

Mi pedazo de felicidad
Es estar con mi madre
Y conocer otra vez
Las tierras de mi lugar

Hace mucho... yo vi el amor
Y no existe algo mayor
Tras la certeza en la vida
¿En cuál camino me quedo yo?
No quiero quedarme
Debo cumplir en mí
La capacidad de ser
En medio a esa razón
Que se llama realidad

Pero tengo aprendido
a través de otros tiempos
que a cambio de un momento
nos rechaza la verdad

¹⁸⁹ Josemar dos Santos Ferreira, natural de Recife – PE, tem 31 anos. Estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). É escritor, com trabalhos publicados em coletâneas e em seu livro “Moscas de Estimação” (2013).
josemarferreira2012@gmail.com

Recuerdos del mañana.

*Marbras*¹⁹⁰

Nací en la América parida.
Pocos deseos, vida casi perdida.
Siempre trotamundos, vi gente feliz y manos heridas.
Gané algunos besos, unos de amor otros en despedidas.

Miedo de recordar el pasado oscuro, casi distante.
Hambre en las calles, agrura eterna nada vibrante.
Indígenas perseguidos, ricos protegidos ¡cosa horripilante!
No andemos para atrás, vamos enfrente, ¡siempre adelante!

Caminos tortuosos, reminiscencia que pretendo olvidar.
Tamaña insignificancia, golpes de Estado, ¿para qué recordar?
En las minas de estaño, sangre derramada, ¿cuándo irá parar?
La naturaleza es vibrante, deber de todos. ¡Vamos a preservar!

Aventuras felices que merecen rememoración.
Anhelos infelices que dilaceran el corazón.
Memoria palpitante, cómo quería volver a los veinte.
Cuánto mejor sería dar un grito estridente.

¿Cómo no recordar el olor de la madre tierra?
El mundo nunca en paz, siempre en estado de guerra.
¿Cómo no recordar el abrazo del amigo sincero?
Hay que llevar en cuenta que el camino es culebrero.

Soñar con un mañana mejor no es milagro, es actitud.
Pensar en justicia plena no es utopía, es derecho y plenitud.
Los años ya llegaron y de recuerdos altaneros viviré.
Nunca será dicho que las agruras de la vida no enfrenté.

Prefiero recordar los acordes de Hotel California,
es mejor que las agruras de la guerra de Bosnia.
Ahora que ya me encuentro finalizando el camino,
deseo que todos tengan un mejor destino.

Al partir déjenme saborear un buen vino y danzar un tango.
Memorizar las conquistas, borrar los fracasos.
Rememorar con alegría, distribuir abrazos.
Reducir la tristeza, infantes en la escuela, un mundo sin fango.

Estas rimas son libres como el viento.
Libre es mi vida, soy capaz de abrazar el firmamento.



¹⁹⁰ Marcelo O. V. Rossé, bras. naturalizado, nascido no Chile, nascido em 13 de Março 1953. Professor aposentado. Concluindo licenciatura em letras na UFAL- AL. Premiado na 9ª Bienal Inter. do Livro de Alagoas com a poesia "A utopia chilena". marcelorossebr@hotmail.com

Ancient Lives
Fernando Ignez¹⁹¹

Sometimes I think some of us
Are flooded with a general sense of sadness
When we see a friend leaving
And the rain coming to wash our days away

Then all we want is to fill the void
With people and laughter again
but instead we just wait
Time changes
We go with the flow

As for the things that remain
They suddenly gain that nostalgia
And age fast right in front of us

We can keep on doing the same things
Drinking the same beer
Listening to the same old songs that made us feel so alive once

But these things are also changed

And here we are
Hanging tight
With a million memories
Running through our eyes

¹⁹¹ Fernando Ignez, natural de São Paulo, nascido em 26 de janeiro de 1982. Graduado em comunicação audiovisual.
fignez@gmail.com

Back and forth
*Maria Quitéria*¹⁹²

Yes, I left
But when I left
I hadn't forgotten you yet

Yes, I left
And when I left
I've already told me
that I shouldn't cry

Yes, I'm crying
Yes, I still remember
And looking at this
I can only say to me:

No, I haven't left yet
I've just decided to lie
when I said:
Good bye.



¹⁹² Liliâne Neves, natural de Salvador – Bahia, nascida em 18 de setembro de 1986. Formada em Letras pela UFBA, atua professora da SEC-BA. talktoliliane@gmail.com

Childhood

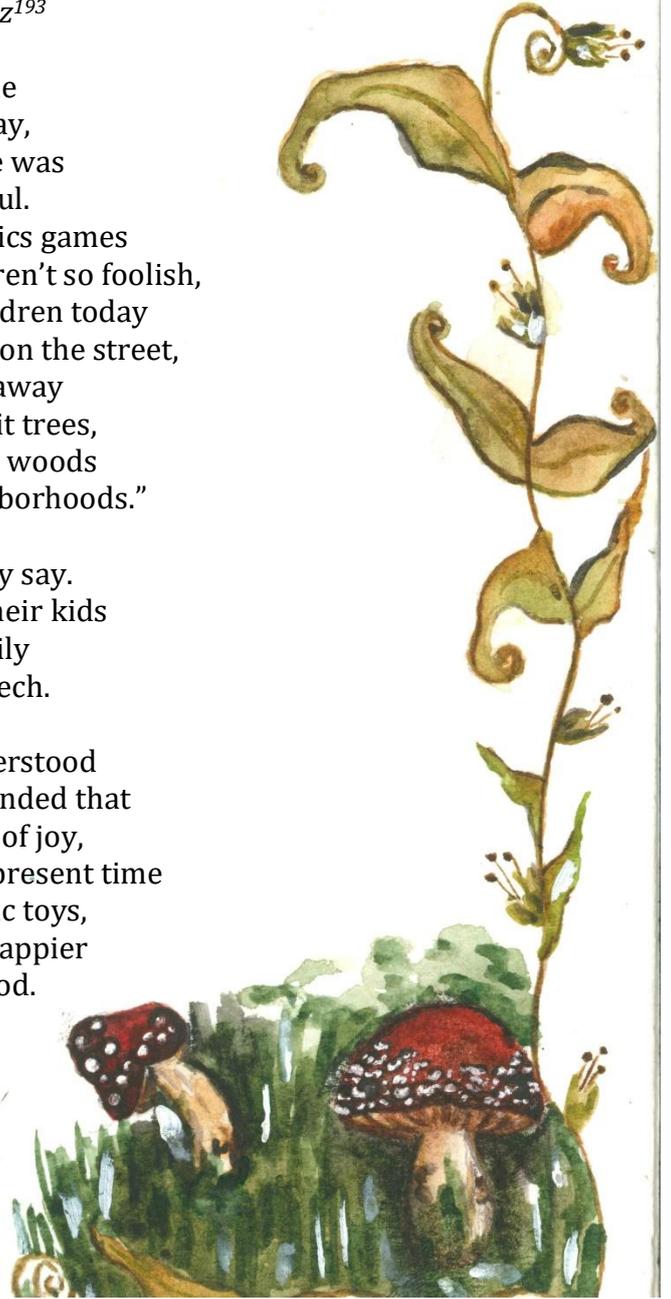
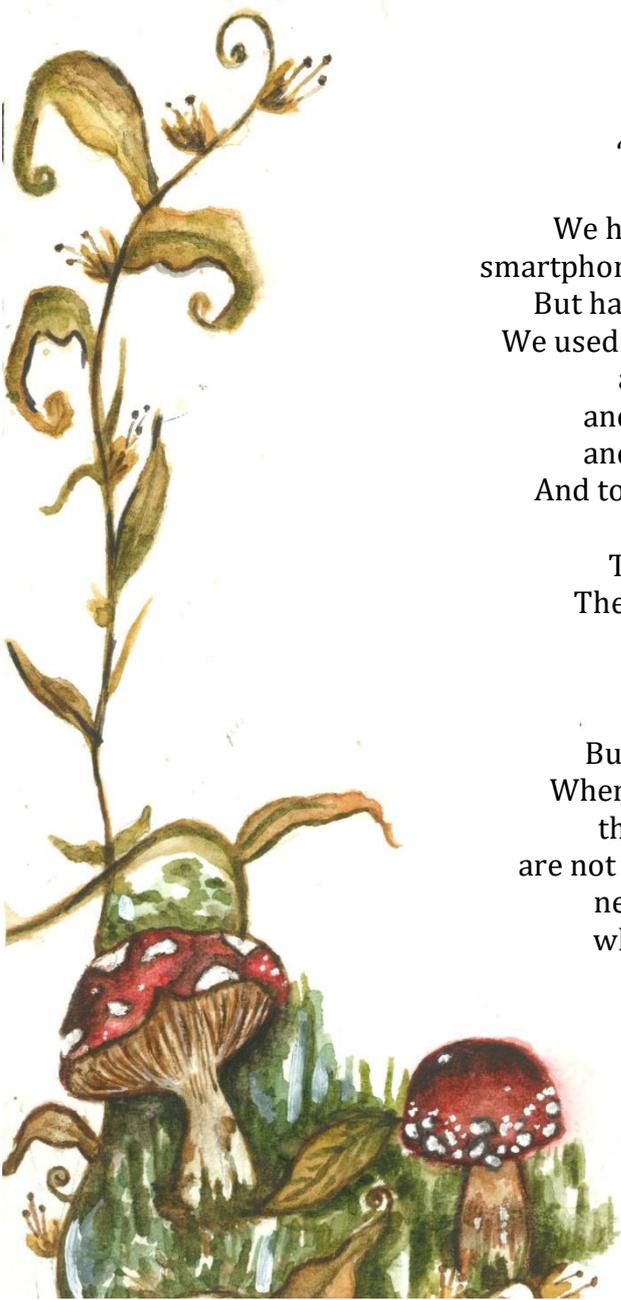
*Romildo Muniz*¹⁹³

Some people
frequently say,
"In my time life was
too wonderful.

We had no electronics games
smartphones and we weren't so foolish,
But happier than children today
We used to play games on the street,
and to run far away
and climb the fruit trees,
and to hide in the woods
And to explore neighborhoods."

That's what they say.
They are boring their kids
With this daily
repetitive speech.

But they not understood
When they are reminded that
these memories of joy,
are not in the past or present time
neither in specific toys,
what makes us happier
than childhood.



¹⁹³ Romildo Muniz, natural de Cabo Frio - RJ, nascido em 19 de janeiro de 1979. Contador formado pela UFF e Mestre em Ciências Contábeis pela FUCEPE. Autor do livro de poemas "Ressurgência". romildomuniz29@gmail.com

Do I wanted to know?
Maria Eduarda Savini¹⁹⁴

I remember your face lighted up
White Shine - Full Moon
I heard the voice singing
You and your funny songs
- you would never crawl back to me
I knew the lyric by heart
And the colors night
You were everything:
Frame frozen
Singing to me
At 3 A.M.

¹⁹⁴ Maria Eduarda Savini Inês, natural de Poços de Caldas e residente em Alfenas há três anos; nascida em 18 de janeiro de 2000. Graduanda em Letras Bacharelado em Línguas Estrangeiras - Inglês e Espanhol, pela Universidade Federal de Alfenas.
dudasavini@gmail.com

Forget-me-not

*Camila Valentoni Guelfi*¹⁹⁵

The Earth is blue
and there's nothing I can do
The autumn sky and you
Your shoehorn and the moon

What is my favourite colour
Don't everybody just say blue
What are the place and the hour
Where are we going to

Whenever you please
I'll follow you through
Are your eyes still green
Did you find out the truth

You said we would inherit the Earth
We had the gift me and you
You cried a lot the day of my birth
Thank you for all of your clues

Does the sky reflect the ocean
Or is it something you drew
I wonder how are your friends from work
Aunt Carmo is closer to mom
Who would've guessed those two

It took me a while to get here it's true
Neruda did it first as you knew
I'm surrounded by aromas, lights, metals
Everything I see is boats

I don't know if the wind is strong
I don't know how fast or how long
But there is only one course
And there is a gigantic and immortal love
When the days are lonely there is also our song



¹⁹⁵ Camila Valentoni Guelfi, natural de São Paulo, tem 21 anos. Estudante de Museologia na Universidade Federal de Minas Gerais. camila.guelfi2@gmail.com

Giving up yesterday

*Márcia de Oliveira Lupia*¹⁹⁶

The sun is rising one more time.
It is announcing a new chance.
Bury your past, today! Let it die!
You cannot bargain life in advance!

You know you have been a fool,
Bringing up only your sweet memories.
You cannot build yesterday. It is a rule!
It is not up to you to set such boundaries.

As much as you struggle to hide the truth,
A recollection of moments promptly emerges.
They are sour and bitter and do not seduce...
They are part of you, they will not disperse.

Remember all the things you went through
And use them to learn and achieve your goals.
It is hard to move on... It is time to be mature.
Today you have another chance to take control.

The night is already coming. The sun is gone.
Fear. Loneliness. Memories do not disappear.
I know you are afraid of what you can become.
Giving up yesterday, the wound will be severe.

¹⁹⁶ Márcia de Oliveira Lupia, natural de São Paulo, nascida em 04 de março 1982. Graduada em Letras, mestre em Linguística e doutoranda em Ensino na Universidade Federal do ABC.
marcialupia@gmail.com

Jack

*Rafael Cocchini*¹⁹⁷

To this day
I can't quite
explain the light
I see within
whenever you're with me

I don't know if we're meant to be.
The last time we tried
it the outcome on
both sides
was definitely not a romantic comedy

Do you remember when
your ex threatened to kill
me?
to kill you?

We'd had only
kissed but that
was sufficient to
plant the seed.

I've unfollowed you're
accounts Seeing your image
was just too hard

It's too painful to bare
a glimpse of what we've never had

And to this day I can't explain
why you make me feel like a man

¹⁹⁷ Rafael Cocchini, natural de São Paulo, tem 30 anos. Estudante de Letras na instituição Faculdade Sumaré.
rcocchini@gmail.com

On the Path of Poetry and Stones
*Daniel Carlos dos Santos Barbosa*¹⁹⁸

The sun is right behind my back
And the way ahead is the way of home;
Sounds of nature write my track
As I go through the way my feet want.

By my side little birds wearing black
Sing to a friend who does look alone;
Bees get from flowers the taste of honey,
Ants work happy though there's no money.

Right on the path of poetry and stones
Sweet sunshines warm out my heavy bones
And I wonder what are my real needs
If Nature my soul and my body feeds.

24/05/2019



¹⁹⁸ Daniel Barbosa, natural de Carpina - PE, nascido em 27 de outubro de 1986. Formado em engenharia civil, é servidor público da Universidade Federal de Pernambuco. Escreve poesia desde a adolescência.
danielsantosbarbosa86@outlook.com

One Should Not Cultivate a Plague

*Rafaella Martucci de Godoy*¹⁹⁹

Not so long ago, still fresh enough in memory to be written about,
I loved a weed as if it were a Rose.
I did everything to the weed as if it were a Rose.
I watered it as if it were a Rose
I tendered it and took care of it while it was growing as I would do to a Rose.
Because I believe it was one. I really did.
Thorns? They were expected.
The hard work? Caring for the roots to accommodate?
Making sure it would receive the proper amount of sunlight?
Feeding it with the right compost, watching for diseases?
All of it was expected.
It was not expected to kill every and each other plant around it, though.
I wasn't expecting it not to look after the gardener.
I wasn't expecting it not to bother about what we were creating together.
I wasn't expecting it wouldn't care that I cared.
But you know what? I let it pass... I let it pass. I gave it time.
But no sweet scent a Rose would eventually emanate ever reached my nostrils.
There never was any blooming or blossoming. Just cuts and bruises.
And the only red color in the story came dripping from my broken and shattered
heart.
People say you have to shatter to let the light in, though.
So it was there, hurt and bleeding, laying on the ground of my own secret garden
That I realized it all.
It was just after being torn apart, scathed and broken that I saw the truth.
The weed had never done anything wrong. Ever.
In all of its complexities, love had me blind and dazzled.
My Rose would never emanate sweet scent or bloom or care that I cared
Because my Rose... It was not a Rose at all.
It was a weed. It was a weed all the time and I hadn't seen it.
When the light brought meaning to my suffering, I understood I had given too much
to someone who, by nature, wasn't able to reciprocate at the same level.
A weed is not a Rose and I was the wrong one.
I was wrong because one cannot love another for the expectations one put on the
other.
One cannot love someone for what or for whom they are not. Even though one
thought they were.
I loved a weed as one should love a Rose. I tendered and cared for a weed as one
should do to and for a Rose.
And then, I expected from the weed what one should expect from a Rose.
And from Rose only.
And it took me a not a thorn, but long list of disappointment and pain to see the
weed's true nature.
"How?", you may ask, once weeds are so different from Roses.
And will tell you how.

¹⁹⁹ Rafaella Martucci de Godoy, nascida em 16 de agosto de 1990. Reside em Itapira, interior do estado de São Paulo. Formada em Letras pela PUC-Campinas. Leciona Inglês e Espanhol em uma escola de Idiomas.
crain.eleanorr@gmail.com

The flowers of Laura Pausini, my dear!
*Augusta Maria Reiko Moraes Arakawa*²⁰⁰

I miss you again
You aren't in my train
I look for you at the town
But you aren't around

You are in my brain
You are on my heart and veins
Ha! I'm very, very tired
Of living without satisfying my desire

To have you in my arms that contains
Our love that destroys the pain
Without you I feel so down
Because you are the light of my sundown

I'm crying walking on the rain
Empty heart screaming like insane:
-I want my family back to take care
Of my heartbroken without air!

Maybe God doesn't see that I can't
Live without your love again
Because you are part of me that grow
Like a flower that is part of my show

I see your eyes on the sad rain
I hear you singing the refrain:
"Don't be afraid, my dear!
I'm inside of you all the year."

"Take my hand and get out of this chain!
Clean your shadow on the rain!
Let's dressed a new flower gown!
Let's smile like a clown!"

Then I lay in your arms like an airplane
We toast to love with champagne
I know that my sad tears
Are the rain on your flower, my dear!

Now I'm the rain that feeds you beyond the sea
Can you feel it? Can you hear?
I keep you in my heart and in my memory
Like the child who tells his first story:

²⁰⁰ Augusta Maria Reiko Moraes Arakawa, é bacharel em Letras-tradução inglês e alemão, pela PUC - RS. Participou da pesquisa literária da Revista do Globo. Faz parte da Ordem da Confraria dos Poetas-Brasil e publicou um livro.
gutaarakawa@gmail.com

“Flowers even appear
In the snow”!

The Memoir.

*Letícia Silvério da Silva*²⁰¹

What remains are the fragments of a life.
Pieces of a woman who do not had lived happily.
Dream's tales telling another story, one full with sadness and trauma.

Maybe you will never truly understand her.
Like this was meant to be,
a mystery; a void; what never happened.

Although, the knowledge created by her observation
persists on everybody consciousness.
Like a grounded theory providing consistency.

Thoughts. Mind. Dream. Beauty.
Everybody wants to be recognized, recollected.
But she only craves for love.

Be loved as a children's mama.
Kissed as your true lover.
Desired as a sin.

The universe cannot hold her.
She must go fill in your heart and soul
with substance. Essence. Life.

Her absence creates a story, a memoir.
Written by her spectrum.
Narrating something she was not used to be.

²⁰¹ Letícia Silvério da Silva, natural de Alfenas - MG, nascida em 19 de Julho de 1992, tem 28 anos. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia-PPGEO, e graduanda no curso de Letras - Línguas Estrangeiras, ambos pela Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL. leticia.silverio@sou.unifal-mg.edu.br

The tree

*Sonia Regina Rocha Rodrigues*²⁰²

At sunrise, I saw the flowered silk floss tree on the river bank.
Under its shadow I lazed back to admire the pink petals scattered by the breeze.
One by one, they spread out and fell off into the river.
The bubbling waters were an invitation to daydream.

I had brought a book, but there was more poetry in the surrounding nature.
So, I remained there
drinking coconut water
eating bananas
sweating
meditating
pretending to be invisible.

Suddenly a powerful gale blew.
and gathered a lot of flowers.
The gulp of wind did not last long
and dragged away some dark clouds so high above.

The blue bright sky shone again and
I snoozed until sunset.
Idle summer life on holidays.

When I was ready to go I glanced at the river.
Then I gazed to the gorgeous silk floss tree and
I saw naked branches.
Spiky twigs.
Dark, scary twigs.
The bloom was gone.
I shivered.



²⁰² Sonia Re Rocha Rodrigues, natural de Santos – SP. É médica aposentada, escreveu alguns livros de contos e crônicas e participou de projetos culturais em sua cidade natal.
reginarocha2005@gmail.com

The Wooden Horse

*Adolfo José Pedroso Rodrigues*²⁰³

The life outside disturbs you
The street's rumble, the people's uproar
You cannot endure any more
You lose your temper, you are jumpy
You protest, you shout, you are angry
"Be quiet! Silence! I want to think
You shut all the doors, you close all the windows
Even day light bothers you, you pull down the blinds
To keep you in the shadows

But you cannot stop the insidious tremor
That vibrates in the air and penetrates through every chink
You retreat further in your recess
You surround yourself by strong walls
As only seen in Troy
You keep out all the world
But you are a prisoner in your own fortress
However, you feel free and safe
And revel in peace and joy

Your imagination flies high not deterred by omens or phobias
You create Eden and invent Utopias
Yet your dream world is being haunted by ghosts and nightmares
Your nerves are highly strung
And may at any moment snap forming snares
Now the silence is so heavy and oppressive
That you shout just to make sure you still can hear
And so your mind relieve
You are shaking from head to toes
In the darkness you only see foes
You are not only alone, you are lonely

You have failed, you were unable to break the human bondage
This is a fact you must envisage
It dawns upon you that your freedom does not lie
In solitary confinement
No living animal, either beast or man, can brave
Total seclusion, permanent
This is the reality you have to face:
He must be part of the pack, you part of the human race

You cannot resist any longer, you realize
You must mingle with your sort

²⁰³ Adolfo José Pedroso Rodrigues, natural de Lousa de Cima, Loures, nascido em 27 de setembro de 1934. Estudou na Universidade de Londres - Certificate of Education - 4 subjects at A Level - 1959, Universidade de Londres - frequência B.Sc. (ECON) degree - 1959/1962, e na Universidade Aberta - Lisboa - 2013 - Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas Estudos Portugueses - Minor em Estudos Ingleses" adolfojedrosorodrigues@gmail.com

Whatever the cost
You run like mad to the impregnable walls
As impelled by a strange force
You open the heavy gates and let in the Wooden Horse

Posfácio

Como é possível observar nas páginas deste livro, o III Concurso Literário PET-Letras representou uma flor de esperança em meio ao mundo caótico da pandemia de Covid 19, que ocorreu nos anos de 2020 e 2021. Poetas de variados lugares do país e do exterior, como Portugal, Itália e Moçambique, preencheram as folhas deste livro de vida e poesia. Superando as expectativas do grupo, o concurso alcançou, nesta edição, um público ainda maior, o que implicou na submissão de uma grande quantidade de poemas.

Os poemas e as ilustrações desse livro - tão valiosos em sua singularidade - mostram uma sensibilidade humana que resiste e persiste. E, nós, leitores, somos tocados pelo poder da literatura de nos transportar para a memória e a vivência do outro. Em tempos de distanciamento social, a poesia aproxima, abraça e presentifica o passado. E, mais do que isso, este livro vem para confortar e alegrar os dias daqueles que, durante dois anos, estiveram em isolamento: a poesia é uma companheira que não abandona.

Não poderíamos deixar de agradecer especialmente a todos os que estiveram envolvidos na concretização deste projeto. A começar pelos autores, vocês são a alma dessa obra. Também agradecemos imensamente à Luana Bruno da Silva Bellini Ramos, que gentilmente se propôs a ilustrar as páginas de “Lembranças”, tornando-as cheias de vida e beleza. O nosso muito obrigado à Profa. Dra. Déborah Walter de Moura Castro, pelas belíssimas palavras que convidam o leitor a adentrar num universo de memória e nostalgia. Agradecemos, ainda, todos os colaboradores, que contribuíram para a seleção criteriosa dos poemas que aqui se encontram. Não menos importante, um agradecimento aos funcionários da Biblioteca da Universidade Federal de Alfenas, por todo suporte e auxílio na organização do livro.

Por fim, o PET - Letras agradece por mais um concurso e mais um livro finalizado, na esperança de que as poesias aqui contidas sejam para ti, leitor, amigas de longa data, aquelas das quais se guardam muitas *Lembranças*. Não podemos, no entanto, deixar de citar um grande nome da poesia, Emily Dickinson, que expressa bem o propósito de nossa publicação:

Não viverei em vão, se puder
Salvar de partir-se um coração,
Se eu puder aliviar uma vida
Sofrida, ou abrandar uma dor,

Ou ajudar exangue passarinho
A subir de novo ao ninho —
Não viverei em vão.
(DICKINSON, 1984)²⁰⁴

Que este livro abrande suas dores, salve seus corações e os deixem mais próximos de suas lembranças mais antigas.

²⁰⁴ DICKINSON, Emily. **Uma Centena de Poemas**. Editora T.A. Queiroz/USP: São Paulo, 1984. Tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes. p. 120/121.

Sobre os Petianos

Ana Beatriz Mamede Franco de Araujo, estudante de Letras pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, integrante do PET Letras de maio de 2020 a novembro de 2021.

André Felipe Silva Almeida, estudante de Letras pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, membro do PET Letras desde dezembro de 2020.

Anelise Oliveira Feliciano Batista, estudante de Letras pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, membro do PET Letras desde outubro de 2021.

Bruna dos Santos Caetano, natural de Monte Santo de Minas - MG, estudante de Letras Português, na Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL - MG. Membro do PET Letras de maio de 2018 a janeiro de 2022.

Carolina Adriano Rodrigues, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras de abril de 2020 a abril de 2021.

Emily Souza de Siqueira, paulistana, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras desde outubro de 2021.

Fabrcio José da Silva, egresso do curso de Letras da UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras de maio de 2018 a abril de 2021.

Jéssica Aparecida Oliveira Freire, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras de maio de 2016 a outubro de 2021.

Julia Caroline Silva, natural de Campo do Meio MG, estudante de Letras espanhol da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL - MG e integrante do grupo PET Letras desde maio de 2017.

Karina de Oliveira José, egressa do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras de maio de 2017 a abril de 2021.

Keila Ketlem Oliveira, estudante de Letras na Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras desde junho de 2019.

Lidiana Ferreira Gouvêa, natural de Alfenas-MG, graduada em Letras Espanhol e estudante de Letras Português pela UNIFAL- MG e integrante do grupo PET Letras de abril de 2020 a março de 2022.

Maria Eduarda Savini, estudante de Letras pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, membro do PET Letras desde abril de 2018.

Nívea Rufino de Oliveira, estudante de Letras pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do PET Letras desde dezembro de 2020.

Renato Garcia Jales, natural de Areado MG, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras desde novembro de 2020.

Yasmin Lima Rosa Fernandes Duca, natural de Alfenas MG, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras desde novembro de 2021.

Sobre a Tutora

Katia Aparecida da Silva Oliveira é professora de Literaturas da Espanha na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) desde 2010. É doutora (UNESP-Assis, 2016) e mestra em Letras (USP, 2008), graduada em Letras com habilitação em Espanhol e em Português (USP, 2005). Atua também como docente no Mestrado Profissional em História Ibérica da UNIFAL-MG e é editora da Revista (Entre Parênteses) desde 2016. Desenvolve pesquisas relacionadas às Literaturas da Espanha, com foco especial em dois temas: história, memória e literatura, e literatura de autoria feminina.

É tutora do PET Letras desde 2017.

